



*DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E
DA TRANSGRESSÃO*

**Delinquência juvenil: estudo acerca dos factores preditores
da delinquência nos jovens**

Márcia Mendes

Gandra, Janeiro de 2011



*DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E
DA TRANSGRESSÃO*

**Delinquência juvenil: estudo acerca dos factores preditores
da delinquência nos jovens**

Márcia Mendes

Gandra, Janeiro de 2011

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE NORTE(ISCS-N)

*DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E
DA TRANSGRESSÃO*

**Delinquência juvenil: estudo acerca dos factores preditores
da delinquência nos jovens**

ALUNO: Márcia Mendes

ORIENTADOR: Dr. Jorge Quintas

COORDENAÇÃO GERAL: Dr.a Alexandra Serra

**Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde
Norte (ISCS-N) como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.**

Agradecimentos

Ao longo do período em que se realizou esta investigação, muitas foram as pessoas que me apoiaram, sob diversas formas, ajudando-me, assim, a prosseguir e concluir este trabalho.

Naturalmente que se torna difícil agradecer a todos. No entanto, seria injusto não fazer uma referência a algumas pessoas e instituições a quem é devido um agradecimento especial.

Ao orientador, Dr. Jorge Quintas e à Dr.a Alexandra Serra, pela superior orientação científica e disponibilidade sempre evidenciadas.

À Associação Para a Promoção das Classes Sociais Menos Favorecidas – Paços 2000, na pessoa da Dr.a Berta Silva; à equipa de RSI de Paços de Ferreira; à equipa dos CLDS de Paços de Ferreira e à CPCJ de Paços de Ferreira, pelo apoio disponibilizado que permitiu realizar a investigação empírica deste trabalho.

Um agradecimento especial à minha colega e amiga, Dr.a Ana Carneiro, pela colaboração prestada e pelas suas várias sugestões no decorrer deste trabalho.

Compete-me também agradecer à minha amiga de sempre, e colega de Mestrado, Dr.a Noémia Carvalho, pelos preciosos ensinamentos e conselhos.

A todos os inquiridos que responderam ao questionário.

Aos meus pais e aos meus filhos, pelo incentivo e inextinguível apoio e estímulo, sempre presente e constante, mesmo nos momentos que os privei da minha companhia.

Deixo aqui expressa a minha enorme gratidão para com todos, cuja única forma de transmitir é através de um genuíno “Obrigada”.

Índice	Página
Índice Geral	VI
Índice de tabelas e gráficos	IX
Lista de abreviaturas e símbolos	X
Índice de Anexos	XI
Objectivo	1
Resumo	1
<i>Abstract</i>	2
PARTE A: Revisão Bibliográfica	3
Capitulo I – Introdução	4
Capitulo II - Conceptualização e perspectivação – delinquência	5
2.1. Conceptualização	5
2.2. Perspectivação	8
2.2.1. Perspectiva Psicossocial	8
2.2.2. Perspectiva Criminológica	9
	VI

2.2.3. Perspectiva Desenvolvimental	11
2.3 - Tipologias da Delinquência	12
2.4 - Factores Preditores da Delinquência	14
2.4.1. Psicossociais	16
2.4.2. Familiares	17
2.4.3 Individuais	19
PARTE B – Estudo Empírico	21
Capítulo III - Factores Preditores da Delinquência nos Jovens	22
3. Metodologia	22
3.1. Objectivos	22
3.2. Hipóteses da Investigação	22
3.3. Procedimentos	23
3.4. Instrumento	24
3.5. Amostra	26
3.6. Instrumentos da Análise de Dados	32
4. Resultados	33

4.1. Caracterização da Actividade Delinvente	333
4.2. Estudo dos Factores de Risco	39
4.2.1. Sexo	39
4.2.2. Supervisão Parental e Envolvimento Parental	40
4.2.3. Competências pró-sociais	41
4.2.4. Relação com pares	41
4.2.4.1.Actividades desportivas	41
4.2.4.2.Relacionamento de namoro	42
4.2.5. Auto percepção escolar	42
Capitulo IV – Discussão dos resultados	44
Capitulo V - Conclusão Final	49
Bibliografia	52
Anexos	

Índice de Tabelas e Gráficos	Página
Tabela 1 – Identificação sócio-familiar dos inquiridos	26
Tabela 2 – Competências pró-sociais dos inquiridos	30
Tabela 3 – Caracterização do pai e da relação que estabelece com este	31
Tabela 4 – Caracterização da mãe e da relação que estabelece com esta	32
Tabela 5 – Comportamentos Delinquentes	33
Gráfico 1 – Comportamentos Delinquentes	35
Tabela 6 – Média de n.º de Comportamentos praticados	39
Tabela 7 – Diferenciação dos Comportamentos Transgressivos por sexo	40
Tabela 8 – Diferenciação dos Comportamentos Transgressivos em função da supervisão e envolvimento parental	40
Tabela 9 - Diferenciação dos Comportamentos Transgressivos com o auto- controle e auto-percepção positiva e negativa	41
Tabela 10 – Diferenciação dos Comportamentos Transgressivos em função da prática de actividades desportivas	42
Tabela 11 - Diferenciação dos Comportamentos Transgressivos em função do relacionamento de namoro	42
Tabela 12 – Diferenciação dos Comportamentos Transgressivos em função da auto-percepção escolar	43

Lista de Abreviaturas

RSI – Rendimento Social de Inserção

CLDS – Contratos Locais de Desenvolvimento Social

CPCJ – Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

H – Hipótese(s)

α - Alfa

Índice de Anexos

Anexo I – Consentimento Informado

Anexo II – Questionário de Delinquência nos Adolescentes e Jovens

Anexo III – Artigo científico

Objectivo

Esta linha de pesquisa visa o estudo dos factores preditores da delinquência nos jovens ao nível pessoal, familiar e social, propondo-se, sobretudo, analisar o fenómeno da delinquência à luz das interpretações psicológicas e sociológicas.

Resumo

Com o presente estudo pretendemos caracterizar os diferentes comportamentos transgressivos e reforçar a necessidade da identificação de factores de risco individuais e ambientais, designadamente os familiares, escolares e relativos aos pares que tornam determinados grupos vulneráveis.

O consumo de álcool e os comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, são os mais frequentes e os contra a propriedade e os violentos são os menos praticados. Face à análise da literatura, surgiram-nos seis hipóteses de investigação relativas aos factores de risco, das quais três foram, pelo menos parcialmente, confirmadas e as restantes três infirmadas. Os rapazes apresentam mais comportamentos transgressivos do que as raparigas, o envolvimento e a supervisão parental e a auto-percepção escolar são determinantes na manifestação de comportamentos transgressivos. As competências pró-sociais, a ocupação dos tempos livres dos jovens, com pares, em actividades desportivas organizadas, e a relação com namorados não se afiguram como determinantes para a diminuição dos comportamentos transgressivos.

Palavras-chave: adolescência, delinquência, comportamentos transgressivos, desviantes, danos, violentos, abuso de álcool e drogas.

Abstract

In this study we intend to reinforce the urge of identifying the risk factors which make certain groups vulnerable, in order to, and more specifically, differentiate the several transgressive behaviours; evaluate and characterize the individual factors of the young people and their influence on delinquent behaviours; identify and characterize the environmental factors, such as related to family, school and peers, and their influence on delinquent behaviour.

Concerning the general and specific aims that we intend to achieve with this study, and given the literature review, we came to six hypothesis of research to support. From those, three were totally confirmed and three of them were confirmed partially. Boys present more transgressive behaviours than girls, the involvement and parental supervision, and the young's self-perception at school are determinant in the expression of transgressive behaviours. The pro-social skills, the young people's free-time occupation, with peers, in organized sports activities, and the relationship with girlfriends or boyfriends do not seem critical to the reduction of transgressive behaviours.

Key words: adolescence, delinquency, transgressive behaviours, deviance, damages, violent, alcohol and drugs abuse.

PARTE A
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Capítulo I – Introdução

A Delinquência Juvenil, associada a complexas consequências sociais, tem sido alvo de estudos e investigações aprofundados que se estendem pelos diversos domínios das Ciências Sociais e Humanas como a Psicologia, a Sociologia e o Direito (Born, 2005). É frequente, e cada vez mais generalizado, o discurso que confirma o facto de haver um crescente número de transgressões cometidas por jovens, classificadas como Delinquência Juvenil e que constituem um problema social grave com tendência a aumentar drasticamente de frequência e intensidade (Born, 2005). Surgem, assim, algumas dúvidas acerca da credibilidade destas informações, tantas vezes empoladas pelos *Media* e dotadas de pouco rigor científico (Born, 2005).

No presente trabalho pretendemos, sobretudo, explorar as questões que se prendem com a etiologia do fenómeno, vista à luz das interpretações psicológicas e sociológicas sem perdermos de vista que “*a delinquência não é um constructo unitário*” (Marques, 1995), devendo, portanto, ser estudada como um “*fenómeno dialéctico e não absoluto*” (Veríssimo, 1990).

O conceito de que a adolescência é uma idade aberta e vulnerável poderá ser entendido como resultado do controlo social, quando resulta de um colapso entre as estruturas de autoridade e da identidade/ subcultura, quando resulta da resposta a problemas com que os jovens se confrontam no processo de construção das suas identidades sociais (devido às tensões entre o estatuto de dependência e o desejo de autonomia) (Ferreira, 1997).

Ao longo deste trabalho salientamos a importância da família, dos modelos, do contexto, do indivíduo e do grupo de pertença, para a aquisição de conhecimentos, troca de informação e para a prática de actividades lúdicas e desportivas (Sprinthall & Collins, 2008). Efectivamente, quando este grupo adopta condutas desviantes, o sujeito acaba por segui-las, quer por receio de não ser aceite, quer por ser a referência que tem, assumindo as suas normas internas como adequadas (Sprinthall & Collins, 2008). Trata-se, assim, de um caso de delinquência, onde se constata um ajustamento à sua própria realidade, embora não seja a realidade da sociedade em geral (Simões, 2007). Simões (2007) refere que as desviâncias são um produto de construções sociais e de

estereotípias que têm, muitas vezes, que ser desmontadas para que se consiga chegar à gênese da delinquência.

Deste modo, deve ter-se em atenção, não só os comportamentos desviantes, como também os actores e o cenário, ou seja, todo o meio envolvente e o contexto em que se realizou o delito, para chegar ao entendimento do “porquê” (Costa, 1999).

Por sua vez, também não podemos subvalorizar aspectos como a urbanização crescente e acelerada, que poderá acarretar condições precárias para muitas famílias; o desemprego que cada vez é mais elevado, resultando em situações de pobreza extrema para muitos indivíduos; o crescente número de estrangeiros que se fixaram no nosso país, sem as condições mínimas de habitabilidade e subsistência, as chamadas “minorias étnicas”; as pressões da sociedade consumista em que vivemos e que apelam à marginalidade como forma de obter o que de outra forma não se poderá adquirir e, por fim, mas não menos importante, a diminuição do número de famílias tradicionais com os seus valores, a desresponsabilização dos pais na educação dos filhos e a transferência de papéis para outras instituições (Costa, 1999).

Concluimos, assim, que os comportamentos delinquentes são entendidos como divergentes da norma e objectivados, sendo actos que infringem as normas legais e considerados socialmente como errados (Ferreira, 1997).

Capítulo II – Conceptualização e Perspectivação – delinquência

2.1. Conceptualização

A delinquência emerge, particularmente, quando a família, a escola e a comunidade falham na sua função ou quando permitem que a pobreza, a ignorância ou o abandono se intrometam no dever de educar adequadamente as crianças (Marques, 1995).

A delinquência juvenil é, portanto, o comportamento que os jovens estabelecem com a família, os amigos e outros adultos nos espaços onde a delinquência emerge, podendo a sua gravidade ser variável. Por exemplo, alguns comportamentos são graves na medida em que desafiam valores institucionais e sociais; outros são triviais, não constituindo ameaça para esses valores, mas são considerados suficientemente ofensivos

para a sensibilidade dos outros, podendo, por isso, justificar a intervenção legal (Marques, 1995). Por outro lado, os crimes são sempre considerados delinquência quando cometidos por menores, excepto quando o crime é cometido por alguém demasiado novo para poder ser considerado responsável por ele (Marques, 1995).

A influência da escola e da família na génese da delinquência pode ser descrita através da passagem de uma socialização primária, centrada na família, para uma socialização secundária, baseada na escola e nas relações grupais (Sprinthall & Collins, 2008).

A importância da família na socialização primária fica a dever-se à intensidade com que reforça as orientações e as práticas que promovem a identidade do delinquente, que se estrutura a partir de um desenvolvimento grupal oposicional, que se encontra na interiorização dos controlos e assegura a conformidade (Sprinthall & Collins, 2008). A supervisão e o acompanhamento são igualmente importantes, mas este tipo de controlo externo tende a escapar ao âmbito da acção familiar a partir do momento em que se começam a sentir os efeitos da socialização secundária (Sprinthall & Collins, 2008). A partir desse momento aumenta a exposição à influência das relações e das acções externas sobre os comportamentos dos adolescentes e jovens (Sprinthall & Collins, 2008). Esta exposição é normalmente vista como uma razão para a emergência da delinquência (Sprinthall & Collins, 2008).

Com efeito, o contacto e a participação nas «subculturas de rejeição escolar» podem anular ou neutralizar as orientações convencionais inculcadas durante o processo de socialização primária e favorecer o aparecimento de comportamentos delinquentes (Sprinthall & Collins, 2008). A escola, desde que proporcione identificações e integrações positivas, pode reforçar as orientações convencionais, mesmo naqueles jovens cujas orientações familiares não foram no sentido do reforço constante da conformidade (Sprinthall & Collins, 2008). O papel que a escola pode desempenhar encontra-se, de certo modo, facilitado pelo facto de a maior parte dos jovens não se envolverem de uma forma séria em práticas delinquentes (Sprinthall & Collins, 2008).

De facto, a delinquência juvenil assume, normalmente, um carácter esporádico e transitório (Sprinthall & Collins, 2008). No decurso da adolescência a delinquência pode assumir um papel positivo, quando é a partir dela que se clarificam os limites dos

comportamentos, o significado situacional dos valores e das normas e as consequências das sanções (Sprinthall & Collins, 2008).

A delinquência traduz-se, assim, pelos comportamentos ou actos que fogem às regras socialmente aceites e definidas pela lei (Born, 2005). Dito de outra forma, e segundo Ferreira (1997; cit. Benavente, 2002), este tipo de desvios são “*actos que infringem as normas legais e considerados consensualmente como errados*”.

Outro autor, Costa (1999), diz que a delinquência pode ser vista por dois prismas, “(...) *como fenómeno associado a todo o tipo de comportamento anti-normativo(...)*” ou, por outro lado, “(...) *como realidade circunscrita apenas aos comportamentos anti-normativos que integram infracções jurídico-penais*”. Esta última refere-se aos comportamentos que legalmente são considerados crimes (Costa, 1999). Nesta linha de pensamento, o autor define delinquente juvenil como aquele (criança ou jovem) que comete ou é acusado de cometer um delito (Costa, 1999).

Segundo Benavente (2002), os comportamentos delinquentes são considerados ou deverão ser considerados normais na fase da adolescência, uma vez que estão relacionados com a tentativa de resolução de conflitos e de aquisição de novas formas de socialização. De outra forma, podemos afirmar que estão directamente ligados aos processos de desenvolvimento e crescimento que passam, por exemplo, pela mudança no relacionamento com os pais, onde as recusas em cumprir as regras por eles impostas são frequentes (Benavente, 2002). Também não podemos esquecer que o comportamento desviante pode ser somente a projecção dos medos interiores, próprios e tão comuns nos jovens (Benavente, 2002). Considerando que são condutas normais desta fase de desenvolvimento, é consensual para os autores que este comportamento delincente vai diminuindo até ao final da adolescência (Benavente, 2002). Referimos, assim, as circunstâncias ditas normativas, pois, na verdade, caso as respostas sociais não sejam as mais adequadas, estes comportamentos poderão tornar-se patológicos (Benavente, 2002).

Outros autores, referiram que a adolescência é a passagem “(...) *do estado de dependência social e psicológico para um estado progressivo de independência*” (Sprinthall & Collins, 2008). Assim, o comportamento do indivíduo vai ser o reflexo desse mesmo percurso, que acaba por ser comum a todos os jovens, apesar de se

manifestar de formas diferentes, consoante o meio em que está inserido e a forma como foi educado (Sprinthall & Collins, 2008).

Por outro lado, devemos ter sempre presente que o conceito de delinquência juvenil é um **constructo social**, com base em valores e crenças (Formiga, 2009). Conforme o meio envolvente, estes valores e crenças podem variar, sendo que, o que para uns é normativo, para outros é desviante (Formiga, 2009). Souza (1997), usando uma frase de Paulo Freire, definiu bem o que é e como se processa a aprendizagem para uma criança: “*A primeira escola da criança é a família. Na família ela aprende observando o modelo do adulto (Souza, 1997). O adulto faz, a criança observa e imita (...). Na família, a lição é a toda a hora: na conversa com a vizinha, na confecção da comida, na arrumação da casa, nas zangas (...)*” (Souza, 1997).

2.2. Perspectivação

2.2.1. Perspectiva Psicossocial

Segundo esta perspectiva, os actos de delinquência são actos sociais, ou seja, actos que põem em ligação os seres humanos, sem que isso aconteça necessariamente numa relação imediata, no aqui e agora (Laranjeira, 2007).

Neste conjunto de comportamentos sociais, distinguimos comportamentos neutros (e.g. tirar apontamentos numa aula), comportamentos pro-sociais (e.g. deitar o lixo no caixote), comportamentos sociais que podem provocar um dano sem que haja vontade de prejudicar (e.g. partir um objecto) e comportamentos anti-sociais que traduzem uma intenção negativa (e.g. roubar) (Laranjeira, 2007).

É nestes últimos dois subconjuntos que se enquadram os comportamentos que serão considerados como delinquentes conforme a avaliação da responsabilidade que, em direito penal, incluem nomeadamente a noção de intenção culpável ou de “dolo” (Laranjeira, 2007).

Para que um comportamento seja rotulado de negativo é preciso que alguém na sociedade o designe como tal (Born, 2005). Assim, tudo vai depender dos grupos e das regiões em que os autores dos comportamentos se encontram (Born, 2005). É impossível compreender e tratar da delinquência sem se proceder ao seu enquadramento social, uma vez que é através da sociedade, das suas regras, das suas normas e das suas

leis que o acto delincente é definido (Born, 2005). Deste modo, a perspectiva psicossocial aproxima-se da perspectiva criminológica, que considera nomeadamente as fontes do Direito e fornece muitas vezes abordagens comparativas (Born, 2005).

A perspectiva psicossocial toma por fundamento que todo o acto delituoso, isto é, contrário à norma legal ou sociológica, evolui no espaço e no tempo (e.g. um acto reprovado numa sociedade não é forçosamente noutra) (Born, 2005). A avaliação da desviância de um acto pode variar conforme o grupo social, religioso, cultural, étnico ou tribal (Born, 2005).

2.2.2. Perspectiva criminológica

Segundo esta perspectiva, não só as leis mudam, como também a definição daquilo que é considerado como interdito. Como explicou Cusson (1990), a acção repressiva do Estado intervém na dinâmica do sistema do crime. Quando os casos criminais se tornam muito numerosos, desencadeia-se no sistema penal um movimento de evacuação do excesso de casos. Os agentes penais são, então, levados a banalizar a delinquência menor em excesso e a expulsá-la do aparelho (Cusson, 1990).

O contexto social e legal define a gravidade dos actos cometidos, (Robert & Otrive, 1993) mas não existe um critério claro e definitivo para estabelecer uma ordem de gravidade dos actos.

Assim sendo, socialmente, a perspectiva criminológica visa ultrapassar os limites da delinquência oficial, utilizando todas as fontes possíveis do saber sobre a delinquência, com recurso às autoconfissões e aos estudos de vitimização (Born, 2005). As teorias têm de fazer compreender como certas pessoas se tornam autores de delinquência tendo em conta o conjunto dos elementos fornecidos por todos os actores da cena criminológica (Born, 2005).

Dentro desta mesma perspectiva, salientamos a teoria da Fraqueza do Controlo Social (Cusson, 1990) e a Teoria da Fraqueza do Laço Social (Brian & Piliavin, 1965). Cusson (1990) define, no âmbito da Teoria da Fraqueza do Controlo Social, o conceito de controlo social como o conjunto dos meios pelos quais os membros de uma sociedade impõem a si próprios a conformidade necessária à vida em comum, ou mais simplesmente “(...) *o conjunto dos meios especificamente utilizados pelos homens para*

impedir ou limitar o crime”. Este autor destaca quatro elementos que influenciam este controlo: (i) o nível de integração social abarca a qualidade e a frequência das interacções existentes entre os membros de uma sociedade. Este elemento pressupõe um aumento do controlo individual quando as relações são numerosas e próximas e, a sua diminuição quando as relações são escassas e distantes (Cusson, 1990); (ii) o nível de circulação da informação, abarca a qualidade da circulação da informação (“*depressa e bem*”). Este elemento pressupõe um aumento da eficácia do controlo social, sempre que haja qualidade na circulação (Cusson, 1990), e uma diminuição, quando há falta de comunicação e um baixo nível de circulação da mesma; (iii) o nível de aceitação da autoridade integra o reconhecimento e a aceitação do controlo, pressupondo que a eficácia do controlo social dependa do seu reconhecimento e aceitação; (iiii) o nível de elaboração da reacção social, pressupõe que o controlo social exercido dependa da gravidade do acto cometido e da intensidade da reacção social que este acto provoca (Cusson, 1990). Quando a sociedade reage às transgressões com medidas justas e proporcionadas, o nível de controlo social é elevado (Cusson, 1990).

Brian e Piliavin (1965), apresentam a Teoria da Fraqueza do Laço Social, reforçando a importância dos laços que ligam o indivíduo ao seu ambiente social, e que o impedem de cometer actos não conformes. Assim, quanto mais sólidos são os laços que unem o indivíduo à sociedade, menor propensão existe para a delinquência (Brian & Piliavin, 1965). Esta teoria abarca quatro componentes essenciais: (i) a Vinculação, refere-se ao laço pessoal que o indivíduo estabelece com as pessoas (pais, professores, pares) e com as instituições (escola, desporto) (Brian & Piliavin, 1965). Este laço cria-se desde a primeira infância, na relação com os pais (Brian & Piliavin, 1965), em que a criança vai interiorizar as regras fomentadas pelos pais desde que esteja vinculada aos mesmos (Brian & Piliavin, 1965). Esse laço estender-se-á à relação com os pares e com o mundo social (Brian & Piliavin, 1965). É necessário examinar a Vinculação sob um duplo aspecto para compreender toda a força socializadora: aspecto qualitativo – a força da Vinculação é directamente proporcional à importância que o indivíduo dá à opinião que os outros têm dele, e o aspecto quantitativo – o número de pessoas e de instituições convencionais às quais o indivíduo está vinculado; (ii) o empenhamento, refere-se à componente racional e cognitiva do laço, cujo reconhecimento dos seus interesses pelo

indivíduo determina a passagem, ou não, ao acto delinvente (Brian & Piliavin, 1965). Assim, o empenhamento implica um cálculo feito pelo actor social das vantagens e dos inconvenientes das suas atitudes; (iii) o investimento representa o aspecto “quantitativo” do empenhamento (Brian & Piliavin, 1965). Trata-se, com efeito, da quantidade de tempo e de energia investida na prossecução de objectivos convencionais (Brian & Piliavin, 1965). Resulta, deste investimento nos objectivos convencionais, uma vivência positiva e gratificante para o indivíduo, e (iiii) as crenças relacionam-se com a adesão do indivíduo aos valores da sociedade e da força da credibilidade dada às regras e às normas pelo mesmo (Born, 2005). A intensidade da crença nos valores da sociedade depende, em grande parte, da Vinculação do sujeito às pessoas e instituições que o “encarnam” e veiculam (Born, 2005). Assim, nesta última teoria, um acto de delinquência provém da quebra de um laço entre indivíduo e sociedade (Born, 2005).

2.2.3. Perspectiva desenvolvimental

Segundo esta perspectiva, uma vez que o acto de delinquência surge num determinado momento da vida, é preciso compreendê-lo na sua génese (Born, 2005).

Para compreender o acto delinvente, é necessário encarar dois pontos de vista, o da macrogénese e o da microgénese (Born, 2005).

A macrogénese considera o conjunto da vida do indivíduo antes da passagem ao acto (Born, 2005), onde se podem identificar os mecanismos que, a longo prazo, levaram à passagem ao acto (Born, 2005). Por sua vez, a microgénese interessa-se pela sucessão das fases antes e em torno do acto da delinquência (Born, 2005), reportando-se aos acontecimentos e aos mecanismos ocorridos na periferia imediata da passagem ao acto (Born, 2005).

Quando estudamos a trajectória de vida dos delinquentes, apercebemo-nos, frequentemente, de que diversos insucessos surgiram no processo de socialização (Born, 2005). Assim, o processo de socialização actua ao longo de toda a vida, mas é particularmente importante durante a infância e, sobretudo, durante a adolescência (Born, 2005). Esta perspectiva tenta, assim, compreender os mecanismos de socialização – associalização (Born, 2005).

A associalização provoca processos de marginalização e de exclusão, que por sua vez fazem aumentar a associalidade (Born, 2005). É por isso que um acto delinvente pode, por exemplo, explicar-se por um fenómeno de exclusão, a qual produzirá depois a delinquência (Born, 2005).

2.3. Tipologias da delinquência

Uma das respostas sociais desadequadas e promotoras de comportamentos delinquentes é a estigmatização, ou seja, quando, na opinião da comunidade em que o jovem está inserido, os comportamentos são considerados delinquentes. Será necessário, antes de mais, avaliar a intensidade, frequência e rigidez desses comportamentos, para que se possam classificar como adaptativos ou patológicos (Benavente, 2002).

Para um melhor entendimento desta questão, Moffitt (1993) define três tipos de delinquência: (i) a transitória, que se traduz nos comportamentos disruptivos próprios da adolescência, com todos os seus excessos, na procura de identidade, de afirmação e da falta de consciência dos limites, os quais tendem a desaparecer no início da fase adulta; (ii) a estatutária, que, para além dos aspectos anteriores, contempla, ainda, as infracções ou incumprimento de regras e obrigações próprias da condição de adolescente, como fugir de casa ou passar noites fora sem autorização; e, por fim, (iii) a persistente, que se caracteriza por se estender ao início da idade adulta e por ser de difícil resolução.

Por seu lado, Born (2005) define duas tipologias: (i) a de continuidade, com dois subtipos, a delinquência ocasional e a delinquência persistente. Na delinquência ocasional o adolescente é aquele, jovem ou adulto, que, raramente ou de tempos a tempos, comete actos delinquentes, geralmente de fraca gravidade (Born, 2005). Grande parte da delinquência juvenil é deste tipo (Born, 2005). A delinquência persistente tem início precoce, encontra-se radicada na interacção entre traços pessoais e factores ambientais, desde a infância e ao longo de toda a vida adolescente e adulta, sendo que este tipo de delinquência permanece após a adolescência numa carreira criminal (Born, 2005). Dentro deste subtipo verificamos concomitantemente a existência de problemas de aprendizagem e insucesso escolar, assim como uma acumulação de défices de Vinculação nas relações, em primeiro lugar com os pais, depois com os outros adultos (Born, 2005).

A segunda tipologia é **(ii)** a tipologia de carreira, com quatro subtipos, sendo o primeiro a delinquência esporádica, ocasional, tratando-se de uma delinquência que não é habitual, em que o indivíduo comete um número limitado de actos delituosos de fraca gravidade (Fréchett & Blanc, 1987). Estes actos surgem num momento preciso da vida do indivíduo (e.g. adolescência) e não se reproduzem (Fréchett & Blanc, 1987). O segundo subtipo é definido como delinquência explosiva, em que os actos cometidos são mais numerosos, muito heterogéneos (e. g. contra as pessoas) e de gravidade média (Fréchett & Blanc, 1987). O período durante o qual surge esta delinquência é muitas vezes restrito, mas inserido no contexto de um clima de dificuldades familiares e pessoais (Born, 2005). O terceiro subtipo é definido como delinquência persistente intermédia e trata-se de uma delinquência heterogénea de longa duração e de gravidade intermédia (Born, 2005). Os actos cometidos inscrevem-se claramente numa trajectória que começa, muitas vezes, na infância e que persiste na idade adulta (Born, 2005). E, por último, o subtipo denominado de delinquência persistente grave, cujos actos se tornam cada vez mais numerosos e cada vez mais graves durante a adolescência e se prolongam numa carreira criminal adulta (Born, 2005). Neste subtipo a violência está associada à delinquência aquisitiva, podendo surgir o homicídio, enquanto meio de aquisição, ajuste de contas, peripécia de um assalto à mão armada ou de uma tomada de reféns (Born, 2005).

Loeber e Loeler (1998) distinguem quatro tipos de comportamento delinvente: **(i)** com aparecimento na fase inicial da adolescência, **(ii)** com remissão da actividade delinvente durante a idade adulta, **(iii)** com prevalência generalizada e ausência de continuidade e **(iiii)** fenómeno temporário, adaptativo e quase universal.

Os autores supracitados referem igualmente, como demonstrações do comportamento anti-social persistente, as manifestações anti-sociais precoces, a actividade anti-social que se prolonga na idade adulta, a provável base biológica (e.g. défices nas capacidades neuro-psicológicas) e o facto de representar uma fracção reduzida dos que praticam actos sociais (Loeber & Loeler 1998). Os mesmos abordam, ainda, as trajectórias de evolução do comportamento delinvente, remetendo para o facto de a actividade delituosa não ser homogénea, havendo padrões, como sendo **(a)** a trajectória agressiva/versátil, em que aparecem os problemas de comportamento na

infância (agressão, hiperactividade, controlo dos impulsos), fracas competências sociais e de aprendizagem, consumo de drogas e predominância de indivíduos do sexo masculino; **(b)** a trajectória anti-social não agressiva, com início mais tardio na actividade delinvente (início ou fase intermédia da adolescência), cujos problemas comportamentais são de tipo não violento (mentiras, furtos), comumente possuem competências sociais adequadas e em que a percentagem de indivíduos do sexo feminino é mais elevada do que na trajectória anterior; **(c)** a trajectória de consumo de drogas, onde normalmente não se observam problemas de comportamento (do tipo agressivo ou não agressivo) durante a adolescência, com início dos consumos mais tardio do que nos indivíduos da trajectória agressiva/versátil; **(d)** a trajectória conflito com a autoridade, com início precoce (antes dos 12 anos) encetando com comportamentos obstinados seguidos de comportamentos de desafio da autoridade (e.g. recusa, desobediência) e, mais tarde, com o evitamento da autoridade (e.g. fugas de casa); **(e)** a trajectória coberta, com início mais tardio, verifica-se uma escalada nos actos cobertos (mentiras, pequenos furtos, vandalismo, fogo posto, fraude, furto com arrombamento); e, por último, **(f)** a trajectória aberta, com escalada ao nível da agressão (ameaças, intimidações, ataques, violações).

2.4. Factores preditores da delinquência

Durante muitos anos, as teorias sobre comportamentos delinquentes eram de natureza sociológica. Assim sendo, jovens socialmente e economicamente carenciados, incapazes de adquirirem sucesso através de meios legítimos e de serem socialmente aceites, voltar-se-iam para o crime (Ballone, 2003).

Actualmente, a Psicologia e a Sociologia têm-se mostrado mais dispostas a considerar como factores causais a integração, entre características individuais e forças ambientais (Ballone, 2003).

Certamente devem influenciar no desenvolvimento do comportamento delinvente as atitudes e comportamentos familiares, assim como a exclusão socioeconómica, a inversão dos valores, a desestrutura familiar e mais um sem número de ocorrências sociais, políticas e económicas (Ballone, 2003).

Importa, contudo, reter a noção de Rutter (2000), segundo o qual, a delinquência não surge devido à existência de um factor de risco em particular, mas da conjugação de diversos factores de risco no passado da criança. Na realidade o comportamento delincente depende da interacção entre os genes, o ambiente e a história de adaptação do indivíduo (Aguilar *et al.*, 2000). Para o aparecimento deste tipo de problemas, existem factores familiares, sociais e económicos que são determinantes (Aguilar *et al.*, 2000).

Também as teorias da aprendizagem social – imitação ou modelagem – defendem a influência do grupo sobre os jovens, mostrando que a conformidade jovem/grupo, condiciona determinados comportamentos, tal como: roubo, consumo de substâncias, abandono escolar, entre outros (Ventura, 1999).

O comportamento de imitação tende a tornar-se mais frequente quando gera consequências positivas do que quando não tem consequências ou quando elas são negativas (Simões, 2007). Devido ao reforço diferencial, as crianças aprendem a valorizar determinados comportamentos em relação a outros, podendo definir favoravelmente comportamentos delinquentes em virtude da exposição às acções de outros cujas definições são positivas (Simões, 2007). Esta exposição a definições delinquentes está mais difundida junto de segmentos da população mais vulneráveis a sentimentos de frustração e de injustiça relativa pelo facto de não terem acesso legítimo a objectivos e oportunidades culturalmente determinados (Simões, 2007).

A influência do ambiente no aparecimento de comportamentos desviantes é, ainda, defendida por Rae-Grant, McConville, Kenned, Vaughan e Steiner (1999), considerando como factores de risco a existência de violência doméstica ou no bairro, o abuso de álcool, o envolvimento no tráfico de droga, a posse de arma e a associação com adolescentes e/ou adultos delinquentes.

Para além dos processos de socialização e das explicações facultadas pelas teorias da aprendizagem social, a formação de “gangs”, pode, em alguns contextos, tornar-se vital, sendo, segundo Digneffe (1989), uma forma de organização num universo desorganizado. Por isso, é também importante considerar o grau de inserção grupal do delincente, que muitas vezes apresenta um comportamento perfeitamente adequado às

leis do grupo em que se integra, podendo existir conduta delinquente sem haver alteração psíquica na forma de doença mental (Matos, 1978).

Por outro lado, a delinquência explica-se através da aprendizagem de comportamentos socialmente desviantes através da exposição às acções dos outros (Marques, 1995). Em consequência da dinâmica de aprendizagem, essas acções são tomadas pelo adolescente como modelos para as suas próprias acções (Marques, 1995). O comportamento de imitação tende a tornar-se mais frequente quando gera consequências positivas, do que quando não tem consequências ou quando elas são negativas (Marques, 1995). Devido ao reforço diferencial, as crianças aprendem a valorizar determinados comportamentos em relação a outros (Marques, 1995).

2.4.1. Psicossociais

O conceito de delinquência juvenil surge como uma construção social e institucional (Benavente, 2002). A um determinado nível, a delinquência juvenil é definida a partir das leis, das práticas e das crenças relativas ao comportamento das crianças e dos jovens. A um outro nível, a delinquência juvenil é entendida como o comportamento que os jovens estabelecem com a família, amigos e outros adultos nos espaços onde a delinquência emerge (Benavente, 2002).

Simões (2007) define a escola como meio juvenil por excelência, como local privilegiado para a formação de grupos etariamente homogéneos, partilhando representações e interesses comuns que constituem a chamada subcultura juvenil (Simões, 2007). Assim sendo, assume-se como um contexto propício à comunicação entre os membros de um grupo e à utilização do tempo livre para a promoção de interesses pessoais, inibindo a manifestação da delinquência (Ferreira, 1997). Para tal, contribuem as atitudes positivas – auto-percepção escolar positiva - face à escola e aos professores e a participação nas actividades escolares (Ferreira, 1997). As associações grupais juvenis formam sociabilidades alternativas em relação às que são proporcionadas pela família (Simões, 2007). Estas sociabilidades estruturam-se a partir do espaço de lazer, que pode coexistir no próprio espaço escolar, mas que se estende para além dele (Simões, 2007). A importância do lazer na vida dos jovens — como espaço compensador ou mesmo alternativo à constituição e desenvolvimento da própria

identidade — pode constituir, em si mesma, uma desautorização das orientações escolares mais convencionais e, por conseguinte, diminuir a influência e o controlo que a própria escola pode exercer (Simões, 2007). Assim a relação entre a escola e a delinquência pode ser analisada numa perspectiva de controlo, em que a força dessas orientações e definições é profundamente influenciada pelo modo como os factores sócio-económicos moldam o tecido relacional que estrutura o conteúdo e a natureza das práticas educativas através das quais se incutem e se exercem os controlos sociais (Simões, 2007).

2.4.2. Familiares

No que respeita à influência da família, as pesquisas sugerem que a utilização de estratégias disciplinares coercivas estão positivamente associadas aos comportamentos desviantes de crianças e jovens pelo que, uma modificação na abordagem educativa, poderia traduzir-se numa diminuição dos comportamentos desviantes (Ferreira, 1997). A inconsistência da autoridade parental, contrariamente à supervisão e envolvimento parental, poderá ser outro factor a considerar quando pensamos numa intervenção preventiva com a família (Pólvora, 1986). A diminuição dos padrões de funcionamento familiar perturbados, nomeadamente da carência económica, parentalidade precoce, elevados níveis de stress, défices de apoio social, monoparentalidade e violência conjugal, contribuirão para uma diminuição dos comportamentos delinquentes (Rodrigues & Machado, 1999).

Neste âmbito, a delinquência é vista como uma falta de controlo, uma demissão do mundo adulto das suas responsabilidades em relação à geração mais nova (Ferreira, 1997). A falta de supervisão e envolvimento parental ao longo do desenvolvimento infantil e juvenil justifica o aparecimento de comportamentos que muito se afastam daquilo que é considerado ideal (Ferreira, 1997).

Os cuidados familiares substituíram o sistema de aprendizagem e a infância passou a ser vista como um período transitório no qual a protecção, mais do que a indulgência em relação às actividades adultas, implicou a construção gradual de um conjunto de regras e de normas sobre a educação e o controlo das crianças (Born, 2005). Em primeiro lugar, surgiu um conjunto de regras informais que, antes de serem

convertidas em leis, ajudaram a criar uma imagem ideal de infância capaz de proporcionar orientações aos pais na educação dos filhos (Born, 2005). Embora esta imagem esteja actualmente a mudar, as regras sociais que ajudaram a construir o seu carácter são ainda familiares à maior parte de nós (Born, 2005). Segundo esta imagem ideal, as crianças deveriam ser obedientes, trabalhadoras e diligentes no cumprimento dos seus objectivos educacionais e outros: submissas às autoridades que as orientam nesses objectivos, autocontroladas, modestas e mantidas afastadas dos perigos do sexo, do álcool e de outros vícios adultos (Born, 2005).

Existem dois factores fundamentais, por um lado, o papel dos controlos – internos e externos — a que o adolescente está sujeito e, por outro lado, a exposição à influência das acções dos outros que, em determinados contextos, podem constituir um meio gerador de definições e de condutas alternativas à conformidade (Simões, 2007). Estes dois factores dificilmente poderão ser vistos independentemente (Simões, 2007). Em certo sentido, os controlos variam inversamente às influências culturais (Simões, 2007). Sendo a adolescência um tempo de mudança entre a responsabilidade e a dependência, a redução dos constrangimentos é paralela a novas aberturas em relação ao mundo (Simões, 2007). O processo de maturação implica uma desvinculação progressiva dos laços familiares baseados na infância (Simões, 2007). A diminuição da influência da família é compensada pela procura de relações alternativas e pela redefinição do lugar do adolescente no círculo mais amplo das relações com os outros (Simões, 2007). De acordo com a imagem do delinvente subsocializado, a família convencional proporciona uma fonte de ligações básicas à ordem da sociedade (Simões, 2007).

A família actua como um travão contra as influências desviantes, proporcionando ao jovem uma fonte de motivações para se conformar com as normas e regras sociais (Chamboredon, 1997). Quando os pais desaprovam fortemente a prática de comportamentos delinquentes, diminuem a probabilidade de os filhos integrarem definições favoráveis à aceitação desses comportamentos (Chamboredon, 1997). Do mesmo modo, a existência de grupos de pares com práticas delinquentes aumenta a possibilidade de aquisição de definições favoráveis à delinquência (Chamboredon, 1997).

As experiências familiares relacionadas com o comportamento anti-social, verificam-se nas famílias dos delinquentes com o recurso frequente: **(a)** a castigos corporais extremos; **(b)** comportamentos coercivos e controladores; **(c)** a tendência para reforçar comportamentos inadequados ou para ignorar ou punir comportamentos pró-sociais; **(d)** a práticas de disciplina inconsistentes (e.g., punição severa por parte do pai; disciplina permissiva por parte da mãe); e **(e)** deficiente supervisão e envolvimento nas actividades dos filhos (Born, 2005).

2.4.3. Individuais

Um dos factores preditores da delinquência centra-se no indivíduo e nas suas características pessoais, logo, multifacetado devido à diversidade de comportamentos – competências pró-sociais: auto-controle, percepção positiva e negativa de si mesmo - à diversidade de contextos, à variação por sexo e idade de ocorrência, residindo na ausência relativa de laços fortes entre o indivíduo e a ordem social (Marques, 1995). Esses laços implicam relações com os outros e com as instituições convencionais, envolvimento com orientações e fins legítimos e crença na legitimidade da ordem legal (Marques, 1995). A presença destes elementos inibe o aparecimento da delinquência na medida em que assegura o controlo externo e interno dos jovens (Marques, 1995). Assim, quanto menos sujeito a esse controlo, mais o jovem se predispõe para a delinquência (Marques, 1995).

Ferreira (1997) faz referência às características predictoras nos jovens delinquentes, evidenciando que estes: apresentam défices ligados ao controlo do comportamento impulsivo e agressivo; tendência para conceber menos soluções alternativas para problemas interpessoais; focalizam-se nos objectivos finais; apresentam crenças positivas acerca de agressão e acreditam que é socialmente normativa; reconhecem menos consequências associadas aos comportamentos desviantes; demonstram, ainda, maior dificuldade em compreender as causas dos comportamentos das outras pessoas e menor sensibilidade aos conflitos interpessoais; tendendo a atribuir intenções hostis a relações interpessoais neutras ou ambíguas (Ferreira, 1997).

O mesmo autor menciona algumas atitudes que permitem ao delinquente explorar os outros, nomeadamente **(a)** os jogos de poder, em que o delinquente sente necessidade de exercer domínio e controle sobre os outros (manipulação); **(b)** a confrontação, sendo a comunicação do delinquente caracterizada por omissões e unilateralidade (natureza da confrontação); **(c)** o elevado nível de energia física e mental; **(d)** a tendência para sobrevalorizar o carácter singular e único das suas características ou realizações (ocorre mais nos delinquentes graves e menos nos moderados); e **(e)** a corrosão, entendido como o processo mental que permite ao delinquente afastar ideias ou ideais que podem constituir um obstáculo à prática de crimes (Ferreira, 1997). É através da corrosão que o delinquente pode esquecer compromissos ou experiências de aprendizagem positivas que poderiam prevenir o acto delinquente (Ferreira, 1997).

Em síntese, o delinquente apresenta um défice em competências pró-sociais, demonstrando desinteresse e recusa pelo comportamento responsável, não levando em consideração as necessidades dos outros, ignorando o facto de o seu comportamento poder prejudicá-lo, revelando, ainda, dificuldades na resolução de problemas e em aprender com a experiência (Born, 2005). Neste sentido, qualquer experiência emocional negativa leva a que o jovem possa adoptar uma atitude de fuga, de passagem ao acto, ou mesmo evitar a intimidade ou dependência dos outros (Born, 2005).

PARTE B
ESTUDO EMPÍRICO

FACTORES PREDITORES DA DELINQUÊNCIA NOS JOVENS

Capítulo III – Factores preditores da delinquência nos jovens

3. Metodologia

3.1. Objectivos

No capítulo anterior foi efectuada a revisão da literatura que, de acordo com Hill e Hill (2002), tem por objectivo encontrar uma, ou mais hipóteses gerais, para a investigação empírica.

Este estudo foi realizado com o objectivo geral de estudar os factores preditores da delinquência nos adolescentes e jovens ao nível pessoal, familiar e social, visando, sobretudo, analisar o fenómeno à luz das interpretações psicológicas e sociológicas.

Assim, e reforçando a necessidade da identificação de factores de risco que tornam determinados grupos vulneráveis, salientam-se como objectivos específicos os seguintes:

- Caracterizar os diferentes comportamentos desviantes;
- Avaliar e caracterizar os factores individuais dos jovens e a sua influência nos comportamentos delinquentes;
- Identificar e caracterizar os factores ambientais, designadamente os familiares, escolares e relativos aos pares, bem como a sua influência nos comportamentos delinquentes.

3.2. Hipóteses da Investigação

“Uma hipótese é uma afirmação que especifica como duas ou mais variáveis devem estar relacionadas. (Pizam, 1994).”

A hipótese, para Deshaies (1992, p.249), representa um *“método de resolução de problemas cujo ponto de partida se inspira no modo dedutivo do raciocínio.”*

As hipóteses serão entendidas enquanto pressuposições provisórias, cuja importância se operacionaliza na delimitação daquilo que melhor queremos compreender sobre o fenómeno em estudo. Deste modo, ao permitir-nos traçar o rumo a explorar, o objectivo é, posteriormente, testá-las na realidade, isto é, confrontá-las com factos objectivos. Através da verificação experimental serão finalmente confirmadas ou infirmadas (Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, 1992).

Tendo em atenção os objectivos a atingir com o presente estudo, e face à análise da literatura, surgiram assim as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1 - Os rapazes apresentam mais comportamentos delinquentes do que as raparigas;

Hipótese 2 - Os jovens com supervisão e envolvimento parental manifestam menos comportamentos delinquentes;

Hipótese 3 - Os jovens que apresentam competências pró-sociais apresentam menos comportamentos delinquentes;

Hipótese 4 - Os jovens que ocupam o tempo livre com pares, em actividades desportivas organizadas, manifestam menos comportamentos delinquentes;

Hipótese 5 - Os jovens que ocupam o tempo livre com pares, namorados, manifestam mais comportamentos delinquentes;

Hipótese 6 - Os jovens com auto-percepção escolar positiva manifestam menos comportamentos delinquentes.

3.3. Procedimentos

Inicialmente, efectuaram-se entrevistas exploratórias a seis jovens em situação de risco pessoal e social, com o objectivo de obter o maior número possível de informações sobre os temas em estudo, de forma a permitir que a nossa percepção sobre os diferentes aspectos a estudar fosse a mais correcta e, simultaneamente, construir e testar os instrumentos de recolha de dados.

Esta pesquisa exploratória permitiu, deste modo, um conhecimento prévio de vários aspectos relacionados com a infância e a adolescência em situação de risco pessoal e social e, simultaneamente, assumiu uma importância fundamental para a adaptação dos questionários.

Ainda durante esta fase de pesquisa exploratória, realizou-se uma visita aos Equipamentos Sociais de Apoio a Crianças e Jovens da Associação Para a Promoção das Classes Sociais Menos Favorecidas – *Paços 2000*, a dois Bairros Sociais, nomeadamente em Seroa e Modelos, em Paços de Ferreira, e houve, ainda, reuniões com as Equipas de RSI local, com as Equipas CLDS (Contratos Locais de Desenvolvimento Social) e, finalmente, com a CPCJ de Paços de Ferreira, com o intuito

de se proceder a uma sinalização dos jovens residentes no concelho alvo de intervenção psicossocial.

Os jovens em situação de risco pessoal e social, alvo de intervenção, pertencentes ao concelho de Paços de Ferreira, foram escolhidos de acordo com a sua disponibilidade para participarem no estudo, tendo sido contactados nas instituições onde frequentavam actividades ocupacionais, de formação ou de acompanhamento psicossocial. Foi pedido consentimento informado dos pais dos inquiridos, no caso de serem menores, garantindo a confidencialidade e protecção da identidade na aplicação do instrumento. Logo, a amostra deve ser considerada intencional (Hill & Hill, 2002).

Durante o período de 16 de Maio de 2009 e 21 de Outubro desse mesmo ano, foram aplicados os questionários aos jovens, individualmente ou em pequenos grupos (ANEXO II). Tratou-se de um processo bastante moroso que foi efectuado, essencialmente, em horário pós-laboral e durante os fins-de-semana, sendo que o tempo médio de aplicação do mesmo era de cerca de 30 minutos.

3.4. Instrumento

O instrumento utilizado na investigação empírica deste trabalho teve por base o Questionário Internacional de Delinquência Auto-Revelada (*International Self-Report Delinquency Project*), elaborado para a "Pesquisa Internacional sobre Delinquência Juvenil Auto-revelada" (*International Self-Report Delinquency Project*) pelo Centro de Investigação e Documentação (*Research and Documentation Center - RDC*), Ministério da Justiça, Haia, Holanda, 1991, traduzido pelo Centro de Estudos Judiciários, entidade portuguesa que participou na pesquisa internacional, e adaptado pelo Observatório Permanente de Segurança do Porto, 1999, sendo, posteriormente, adaptado pelo autor desta investigação (anexo 1).

Relativamente ao instrumento original, foram introduzidas variáveis relacionadas essencialmente com os factores de risco e protecção, revistos na primeira parte deste trabalho.

Todo o questionário foi elaborado, essencialmente, com perguntas fechadas (escala de Likert), tendo-se realizado um pré-teste, de forma a avaliar a coerência e clareza do mesmo e aumentar a fiabilidade dos dados-base, antes de este ser utilizado

definitivamente (Cervo e Bervian, 1981, Fernandes, 1994) e consistiu numa entrevista a cinco jovens em situação de risco pessoal e social.

Este procedimento serviu, de igual modo, para testar as questões que foram adicionadas à versão original.

A versão definitiva do instrumento contempla onze componentes essenciais de análise, que se passam a explicitar:

- Identificação pessoal e familiar, que comporta a recolha de elementos sobre a origem socio-económica e cultural do jovem; nas suas características demográficas gerais e percurso escolar, com adaptação e inclusão de diversas questões que nos permitiram explicitar os indicadores constantes nas hipóteses por nós inicialmente levantadas, nomeadamente: supervisão e envolvimento parental, competências pró-sociais, relação com pares (actividades desportivas e namoro), auto-percepção-escolar positiva;

- Questões Gerais sobre comportamento desviante, visando abarcar os principais aspectos relativos ao comportamento delincente;

- Questões específicas sobre comportamento desviante, de modo a apurar detalhadamente informação acerca desse mesmo comportamento;

- Questões Gerais sobre danos, como o intuito de abarcar os principais aspectos relativos a esse tipo de comportamento delincente;

- Questões específicas sobre danos, de modo a apurar detalhadamente informação acerca desse mesmo comportamento;

- Questões Gerais sobre Infracções contra a propriedade, procurando abarcar os principais aspectos relativos a esse tipo de comportamento delincente;

- Questões específicas sobre Infracções contra a propriedade, de modo a apurar detalhadamente informação acerca desse mesmo comportamento;

- Questões Gerais sobre Comportamento Violento, visando abarcar os principais aspectos relativos a esse tipo de comportamento delincente;

- Questões específicas sobre Comportamento Violento, de forma a apurar detalhadamente informação acerca desse mesmo comportamento;

- Questões Gerais sobre Álcool e Drogas, com o propósito de abarcar os principais aspectos relativos a esse tipo de comportamento delincente;

- Questões específicas sobre Álcool e Drogas, de forma a apurar detalhadamente informação acerca desse mesmo comportamento.

3.5. Amostra

A amostra é constituída por 90 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos. A maioria dos jovens (71,10%) tem entre 14 e 17 anos. Há um pequeno grupo de jovens com 13 anos (8,90%) e os restantes 20% têm 18 ou mais anos.

Relativamente ao sexo dos inquiridos, verifica-se que 54,40% dos respondentes são do sexo masculino e 45,60% são do sexo feminino.

Tabela 1 – Identificação sócio-familiar dos inquiridos

	N	%
Idade		
13 anos	8	8,90
14-15 anos	40	44,40
16-17 anos	24	26,70
18-19 anos	7	7,80
21 anos	11	12,20
Sexo		
Feminino	41	45,60
Masculino	49	54,40
Habilitações		
5ºano	4	4,40
6ºano	12	13,30
7ºano	15	16,70
8ºano	20	22,20
9ºano	36	40,00
10ºano	2	2,20
11ºano	1	1,10
Retenção escolar		
Não	27	30,00
Sim	63	70,00
Número de retenções		
1 retenção	22	34,90
2 retenções	20	31,70
3 retenções	19	30,20
Mais de 3 retenções	2	3,20
Tipo de habitação		
Casa	52	57,80
Apartamento	30	33,30
Bairro social	8	8,90
Manutenção da casa		
Má	6	6,70
Razoável	26	28,90
Boa	58	64,40

Composição do Agregado Familiar		
Mãe	5	5,60
Irmãs	1	1,10
Pais e Irmãos	53	58,90
Pais	12	13,30
Esposa e Filho	3	3,30
Marido e Filha	1	1,10
Pai, Irmãos e Avós	1	1,10
Mãe e Irmãos	13	14,40
Pais, Avós e Tios	1	1,10
Dinheiro / semana		
menos 20 €	72	80,00
20 € a 30 €	9	10,00
30€ a 40€	6	6,70
40€ a 50€	2	2,20
mais de 50€	1	1,10
Proveniência do dinheiro		
Pais	62	68,90
Trabalho	24	26,70
Assistência Social	4	4,40
Profissão pai		
Advogado	1	1,10
Armador de Ferro	2	2,20
Bombeiro	1	1,10
Motorista / Camionista	1	1,10
Canalizador	3	3,30
Gasolineiro	1	1,10
Maquinista / Lubrificador	3	3,30
Marceneiro / Carpinteiro	21	23,20
Merceeiro	1	1,10
Operário da Construção Civil	5	5,60
Operário fabril	1	1,10
Pedreiro	1	1,10
Sucateiro	1	1,10
Técnico de Ar Condicionado	1	1,10
Tractorista	1	1,10
Vendedor imobiliário	1	1,10
Vidraceiro	1	1,10
Desempregado	44	48,90
Profissão da mãe		
Assistente Dentária	1	1,1
Auxiliar de Acção Médica /Assistente dentária	1	1,1
Doméstica	40	44,4
Empregada de Balcão	3	3,3
Empregada de Limpezas	6	6,7
Empregada Têxtil	19	21,2
Esteticista	1	1,1
Psicóloga	1	1,1
Reformada	1	1,1
Secretária	1	1,1
Sucateira	2	2,2
Desempregada	14	15,5
Participação em actividades desportivas		
Não	51	56,70
Sim	39	43,30

Tipo de actividades desportivas		
Actividades de Verão (Verão Activo)	3	7,70
Basquetebol	2	5,10
Dança /ginástica	6	18,00
Escuteiros	1	2,60
Futebol	16	41,00
Futebol e Natação	2	5,10
Futebol e ténis	1	2,60
Futsal	1	2,60
Hóquei em Patins	1	2,60
Natação	2	5,10
Ténis	1	2,60
Música e Violino	2	5,10
Número de horas /semana		
2 a 4 horas	23	59,00
4 a 6 horas	10	25,60
6 a 8 horas	4	10,30
mais de 8 horas	2	5,10
Relação de namoro		
Não	50	55,60
Sim	40	44,40
Desejo que a relação dure		
Não	1	2,50
Sim	39	97,50
Com quem passam o tempo livre		
Sozinho	4	4,40
Namorado(a)	15	16,70
Família	23	25,60
Um ou dois amigos íntimos	7	7,80
Grupo de amigos	41	45,60
Amigos íntimos		
1 amigo	22	24,40
2 amigos	18	20,00
3 amigos	3	3,30
4 amigos	2	2,20
5 ou mais	45	50,00

No que concerne às habilitações literárias, a maioria dos jovens (78,90%) tem uma escolaridade compreendida entre o 7º e o 9º ano. Dos restantes, 17,70% têm habilitações ao nível do 2º ciclo e apenas 3,30% frequentaram o ensino secundário.

Quando abordada a variável retenção, verificámos que a nossa amostra é composta, na sua maioria (70%), por jovens que já ficaram retidos. Destes, 34,90% reprovaram apenas uma vez, seguindo-se 31,70% de inquiridos que afirmam já terem reprovado duas vezes. Finalmente, com três ou mais retenções encontrámos 33,40% dos inquiridos.

Relativamente à noção da importância da escola (auto-percepção escolar), verificámos que dos 90 inquiridos, 41 não gostam de ir à escola e 39 consideram ter dificuldades de aprendizagem.

No que ao tipo de habitação diz respeito, verifica-se que a maioria dos inquiridos (57,80%) vive numa casa, seguindo-se 33,30% dos inquiridos, que vivem num apartamento e, por último, apenas 8,90%, vivem num bairro social, sendo que a maioria dos inquiridos (64,40%) considera que a manutenção da sua habitação é boa e apenas 6,7% dos inquiridos consideram que a sua habitação é má.

No referente ao agregado familiar dos inquiridos, pode dizer-se que, na sua maioria (58,90%), os inquiridos vivem com os pais e irmãos. No entanto, parece-nos importante salientar que 21,10% dos inquiridos são oriundos de famílias monoparentais.

Quanto ao dinheiro disponível, verificámos que, em média e por semana, 80% dos inquiridos dispõem de menos de 20€, dinheiro esse proveniente, na sua maioria, dos pais (68,90%), seguindo-se 26,70% dos inquiridos que afirmam que o dinheiro é fruto do seu trabalho.

No que se refere à profissão mais recente dos pais dos inquiridos, 23,20% deles têm profissões relacionadas com a construção civil ou com a indústria da madeira. Quanto ao emprego mais recente das mães, 44,40% têm profissões relacionadas com limpezas e relacionadas com a casa (domésticas).

Quando questionados relativamente ao facto de participarem ou não em actividades desportivas, constatámos que a maioria respondeu positivamente (56,70%), e os restantes afirmaram não praticarem qualquer modalidade desportiva.

Quanto ao tipo de actividades desportivas praticadas, verificámos serem relativamente variadas, destacando-se o futebol (41%) e a dança/ginástica (18%). O tempo médio despendido oscila entre as duas e as quatro horas por semana, sendo que 5% dos inquiridos afirmaram dedicarem mais de oito horas semanais ao desporto.

No que diz respeito às relações com os pares, foi avaliado o facto de os inquiridos terem ou não namorado e constatámos que 44,40% respondem positivamente. Desses, 97% desejam que a relação dure.

No que concerne às pessoas com quem os inquiridos passam o seu tempo livre, verificámos que no topo da lista surge o grupo de amigos, com 45,60%, seguindo-se a

família, com 25,60%. Realce-se, ainda neste ponto, o facto de quatro jovens dizerem passar o seu tempo livre sozinhos.

Quando questionados acerca do número de amigos íntimos, constatámos que 50% dos inquiridos têm cinco ou mais amigos íntimos, seguindo-se 24,40% dos inquiridos que contam apenas um amigo íntimo.

No que se refere às competências pró-sociais, percebemos que os inquiridos têm uma elevada auto-estima, pois a pergunta “Gostas de ti?” é aquela que atinge a média mais elevada (5,29), sendo que a pontuação máxima é de 6 (sempre).

Tabela 2 – Competências pró-sociais dos inquiridos

	Nunca ou quase nunca		Raramente		Ocasional-mente		Frequente-mente		A maior parte das vezes		Sempre	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Gostas de ir à escola?	16	17,80	14	15,60	11	12,20	10	11,10	16	17,80	23	25,60
Achas que é importante trabalhar a sério na escola para ter um diploma.	9	10,00	3	3,30	8	8,90	7	7,80	4	4,40	59	65,60
Aprendes bem na escola.	13	14,40	16	17,80	6	6,70	15	16,70	26	28,90	14	15,60
Resolves os teus problemas.	6	6,70	8	8,90	6	6,70	16	17,80	20	22,20	34	37,80
Fazes amigos com facilidade.	3	3,30	4	4,40	7	7,80	17	18,90	16	17,80	43	47,80
Andas sozinho na escola.	67	74,40	18	20,00	3	3,30	0	0	0	0	2	2,20
Tens medo de frequentar a escola.	79	87,80	4	4,40	2	2,20	0	0	3	3,30	2	2,20
És tímido.	47	52,20	13	14,40	12	13,30	7	7,80	7	7,80	4	4,40
Sentes-te triste.	52	57,80	18	20,00	4	4,40	2	2,20	9	10,00	5	5,60
Gostas de ti.	6	6,70	0	0	4	4,40	2	2,20	18	20,00	60	66,70
Achas que os outros gostam de ti.	3	3,30	3	3,30	10	11,10	8	8,90	37	41,10	29	32,20
Pedes ajuda dos teus amigos quando tens problemas.	11	12,20	3	3,30	10	11,10	10	11,10	18	20,00	38	42,20
Pedes ajuda aos teus pais quando tens problemas.	14	15,60	12	13,30	12	13,30	7	7,80	14	15,60	31	34,40
Quando tens um problema pedes ajuda aos teus amigos.	12	13,30	7	7,80	13	14,40	8	8,90	15	16,70	35	38,90
Quando tens um problema não te preocupas em resolvê-lo.	31	34,40	15	16,70	0	0	6	6,70	4	4,40	34	37,80
Quando te zangas falas alto ou gritas.	20	22,20	17	18,90	10	11,10	8	8,90	11	12,20	24	26,70

Quando te zangas bates nos outros.	53	58,90	22	24,40	2	2,20	3	3,30	3	3,30	7	7,80
Quando te zangas fazes birras, atiras ou partes coisas.	55	61,10	16	17,80	6	6,70	2	2,20	2	2,20	9	10,00
Quando te zangas achas que tens sempre razão.	11	12,20	14	15,60	16	17,80	9	10,00	25	27,80	15	16,70
Quando te zangas preocupas-te com o que dizes para ver se não ofendes os outros.	6	6,70	13	14,40	15	16,70	6	6,70	14	15,60	36	40,00
Quando te zangas preocupaste com quem te chama a atenção (professor, policia, adulto).	6	6,70	11	12,20	10	11,10	8	8,90	10	11,10	45	50,00
Achas que és sempre o maior.	46	51,10	16	17,80	7	7,80	2	2,20	6	6,70	13	14,40

O terceiro grupo de questões aborda a caracterização dos inquiridos relativamente à supervisão e envolvimento parental. Deste modo, relativamente aos pais, o modo como os caracterizam e, ainda, o tipo de relacionamento que têm com eles, verificámos, com satisfação, que 85,50% dos inquiridos se relacionam bem com o pai e 90,90% dos inquiridos se relacionam bem com a mãe. No que respeita ao pai responderam apenas 80 dos inquiridos e no que respeita à mãe responderam 89 inquiridos.

Tabela 3 – Caracterização do pai e da relação que estabelece com este

No que diz respeito ao Pai:	Nunca ou quase nunca		Raramente		Ocasionalmente		Frequentemente		A maior parte das vezes		Sempre	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tem problemas jurídicos	64	80,00	7	8,80	2	2,50	1	1,30	2	2,50	4	5,00
Tem problemas com o consumo de substâncias	60	75,00	7	8,80	5	6,30	2	2,50	0	0	6	7,50
Tem problemas financeiros	41	51,30	4	5,00	14	17,50	6	7,50	7	8,80	8	10,00
Tem problemas conjugais	52	65,00	10	12,50	7	8,80	2	2,50	2	2,50	7	8,80
Passa muito tempo fora de casa	17	18,90	21	23,30	14	15,60	6	6,70	6	6,70	16	17,80
Entende-se bem contigo	2	2,50	5	6,30	2	2,50	6	7,50	13	16,30	52	65,00
Sabe onde andas quando saís de casa	10	12,50	5	6,30	3	3,80	2	2,50	14	17,50	46	57,50
Sabe com quem andas qdo saís de casa	9	11,30	9	11,30	2	2,50	1	1,30	17	21,30	42	52,50

Sai de casa contigo, e.g. irem ao cinema, acontecimento desportivo, um passeio	17	21,30	10	12,50	12	15,00	3	3,80	14	17,50	24	30,00
Sai de casa em família, e.g. irem ao cinema, assistirem a acontecimento desportivo, passeio ou em família	16	20,00	14	17,50	8	10,00	3	3,80	16	20,00	23	28,80

Tabela 4 – Caracterização da mãe e da relação que estabelece com esta

No que diz respeito à mãe:	nunca ou quase nunca		raramente		Ocasionalmente		frequentemente		A maior parte das vezes		sempre	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tem problemas com o consumo de substâncias	82	92,10	5	5,60	0	0	0	0	0	0	2	2,20
Tem problemas financeiros	46	51,70	3	3,40	11	12,40	8	9,00	12	13,50	9	10,10
Tem problemas conjugais	68	76,40	9	10,10	6	6,70	1	1,10	0	0	5	5,60
Passa muito tempo fora de casa	59	66,30	14	15,70	7	7,90	4	4,50	4	4,50	1	1,10
Entende-se bem contigo	1	1,10	1	1,10	6	6,70	6	6,70	19	21,30	56	62,90
Sabe onde andas quando saís de casa	8	9,00	5	5,60	5	5,60	1	1,10	25	28,10	45	50,60
Sabe com quem andas qdo saís de casa	8	9,00	4	4,50	3	3,40	1	1,10	20	22,50	53	59,60
Sai de casa contigo, e.g. irem ao cinema, acontecimento desportivo, para darem um passeio	22	24,70	14	15,70	11	12,40	2	2,20	14	15,70	26	29,20
Sai de casa em família, e.g. irem ao cinema, assistirem a acontecimento desportivo, passeio ou em família	19	21,30	9	10,10	14	15,70	4	4,50	12	13,50	31	34,80

Destacando-se, contudo, pela negativa, o facto de os pais dos inquiridos, passarem muito tempo fora de casa. Sendo ainda mais grave a questão relativa ao emprego, uma vez que 37,60% dos pais estão desempregados, tal como 60,60% das mães.

3.6. Instrumentos de Análise dos Dados

Todos os resultados apresentados no presente estudo referem-se aos dados obtidos através do questionário, sendo que os mesmos foram objecto de tratamento estatístico

através do *package* estatístico S.P.S.S. (Statistical Package for the Social Sciences) versão 15.1.

A análise de dados efectuada consistiu em estatísticas descritivas e inferenciais (Fortin, 1999). Nesta análise, as hipóteses foram testadas com uma probabilidade de 95%, de onde resulta um nível de significância de 5%.

4. Resultados

4.1. Caracterização da actividade delinvente

A actividade delinvente auto-relatada, relativa aos comportamentos desviantes, danos, infracções contra a propriedade, comportamento violento e consumos de álcool e drogas está sintetizada na tabela 5.

Foram criados índices dos comportamentos por áreas e respectivos totais, sendo estes resultado da soma das diferentes condutas apresentadas por cada jovem.

Assim, pela análise da Tabela 5, verificamos que 77,77% dos inquiridos, revelaram terem tido, pelo menos uma vez, um destes comportamentos transgressivos. Efectuando uma análise por domínio de comportamento, 60% dos inquiridos revelaram terem tido, pelo menos uma vez, um dos comportamentos desviantes. Destes, 38,90% tiveram comportamentos relativos a danos, 22,20% comportamentos referentes a infracções contra propriedade, 33,30 % perpetraram comportamentos violentos e, por último, 61,10% apresentam consumos de álcool e drogas.

Tabela 5 – Comportamentos delinquentes

Comportamentos	Durante a vida		Idade de Início	Sozinho		Descoberto		Consequências	
	N	%	M	N	%	N	%	N	%
Comportamentos desviantes	54	60							
Alguma vez faltaste às aulas, um dia ou mais, sem motivo?	46	51,10	12,98	12	26,10	27	58,70	15	55,60
Alguma vez fugiste de casa, uma ou mais noites, sem permissão dos teus pais ou teus responsáveis?	13	14,40	14,54	5	38,50	11	84,60	7	63,60
Alguma vez andaste de autocarro, comboio, eléctrico, metro sem pagar?	11	12,20	11,10	1	10,70	1	10	0	0
Alguma vez conduziste carro/mota sem carta de condução / seguro?	17	18,90	15,88	4	23,50	6	35,30	5	83,30

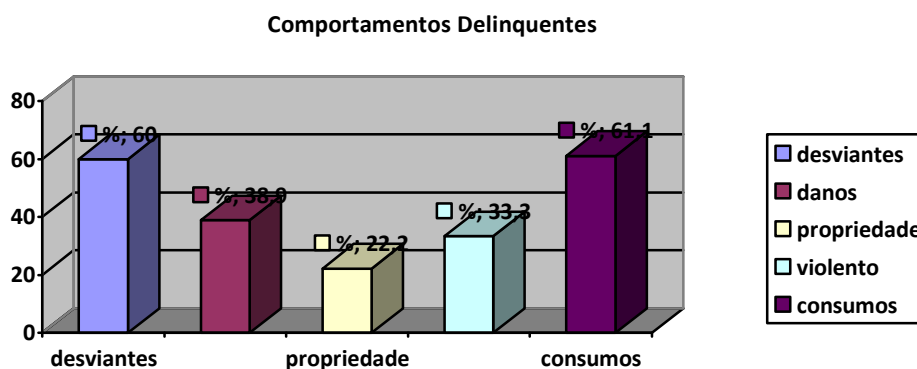
Alguma vez escreveste ou fizeste / pinturas (graffitis) paredes, paragens, etc?	19	21,10	12,89	3	16,70	3	16,70	1	33,30
Comportamento danos	35	38,90							
Comportamento infracções contra propriedade	20	22,20							
Alguma vez tiraste dinheiro de um telefone público ou de uma máquina automática de venda de produtos?	4	4,40	12,25	1	25,00	4	100	2	50
Alguma vez tiraste qualquer coisa de uma loja?	5	5,60	13,00	2	40	0	0	0	0
Alguma vez tiraste qualquer coisa na escola?	6	6,70	10,50	2	33,30	3	50	2	33,30
Alguma vez tiraste qualquer coisa da casa onde vives?	2	2,20	10,50	2	100	0	0	0	0
Alguma vez roubaste uma bicicleta ou motociclo?	2	2,20	13,50	0	0	0	0	0	0
Alguma vez roubaste 1 carro?	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alguma vez tiraste uma peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior?	1	1,10	17,00	1	100	0	0	0	0
Alguma vez tiraste a alguém a carteira porta moedas?	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alguma vez tiraste à força a uma pessoa (por esticão) a carteira, um saco, um fio ou outro objecto que levasse?	1	1,10	21	1	100	0	0	0	0
Alguma vez entraste sem autorização numa casa, jardim privado?	9	10,00	14,00	1	11,10	1	11,10	0	0
Alguma vez compraste ou vendeste algo que sabias ou suspeitavas, que era roubado?	2	2,20	15,50	0	0	0	0	0	0
Comportamento Violento	30	33,30							
Alguma vez andaste armado?	8	8,90	14,75	2	25,00	2	25	1	50
Alguma vez ameaçaste alguém que batias ou com uma arma para conseguires dinheiro ou valores?	8	8,90	13,25	3	37,50	2	25	1	50
Alguma vez estiveste envolvido em lutas ou desordens de grupo...?	22	24,40	14,36	5	22,70	0	0	0	0
Alguma vez puseste fogo de propósito em algo que não te pertencia?	1	1,10	10,00	0	0	1	100	0	0
Alguma vez bateste em alguém não pertencente à tua família...?	7	7,80	14,43	2	28,60	2	28,60	2	100
Alguma vez bateste em alguém da tua família próxima...?	3	3,30	18,00	2	66,70	1	33,30	0	0
Alguma vez feriste alguém de propósito com navalha, pau ou qualquer outra arma?	1	1,10	16,00	0	0	0	0	0	0
Comportamento de consumo de álcool e drogas	56	62,22							

Alguma vez usaste marijuana, haxixe ou erva ou cheiraste colas, vernizes ou gasolina?	17	18,88	14,19	0	0	2	12,50	2	100
Alguma vez usaste marijuana, haxixe ou erva dura como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy, etc?	4	4,40	18,25	1	25	0	0	0	0
Alguma vez usaste cerveja, vinho, whisky, rum, gin, vodka, ou outras bebidas alcoólicas?	56	62,22	13,49	4	7,80	18	35,30	5	27,80
Alguma vez vendeste marijuana, haxixe ou erva?	3	3,33	16,00	1	33,30	0	0	0	0
Alguma vez vendeste droga dura e.g. heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy?	3	3,33	18,00	2	66,70	0	0	0	0
Total	70	77,77							

De seguida, será apresentado um gráfico-síntese (Gráfico 1) do total dos comportamentos delinquentes, salientando-se como comportamento transgressivo mais manifestado pelos jovens o consumo de álcool ou drogas, com uma percentagem de 61,10 %, seguido dos comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, com uma percentagem de 60,00%.

Por outro lado, com base no gráfico 1, verificamos que o comportamento menos frequente se prende com as infracções contra a propriedade, com uma percentagem de apenas 22,20%.

Gráfico 1 – Comportamentos delinquentes



Um primeiro conjunto de questões tem como objectivo conhecer as transgressões típicas cometidas pelos jovens inquiridos, tal como: se já faltou às aulas, fugiu de casa, andou de transportes sem pagar, conduziu sem carta ou fez pinturas em locais públicos. De entre este tipo de comportamentos desviantes, destaca-se o absentismo às aulas (51,10%) e verifica-se que os restantes quatro comportamentos desviantes também apresentam valores significativos na ordem, em termos médios, dos 12,20 aos 21,10%.

De acordo com a mesma tabela, constatamos que a idade de início dos inquiridos em comportamentos desviantes varia, em média, entre os 11,10 e 15,88 anos, sendo que na sua maioria foram descobertos e sofreram as consequências.

Deste modo, no que se refere ao facto de “faltarem às aulas”, apenas 26,10 % destes o fizeram sozinhos e 58,70% foram descobertos, tendo havido lugar a consequências em 55,60% dos casos.

Quanto ao segundo comportamento desviante “Fugir de casa, por uma ou mais noites sem permissão” verificamos, pela análise da tabela 5, que 38,50 % destes o fizeram sozinhos e na sua maioria (84,60%) foram descobertos, sendo que destes, 63,60% tiveram consequências.

Relativamente ao terceiro comportamento desviante “Andar de autocarro, comboio, eléctrico ou metro sem pagar”, verificamos, pela análise da tabela 5, que apenas 10,70% destes o fizeram sozinhos, tendo apenas sido descobertos em 10% dos casos e não tendo sofrido quaisquer consequências.

Referindo-nos ao quarto comportamento desviante “Conduzir um carro ou mota sem carta de condução ou seguro”, verificamos, pela análise da Tabela 5, que apenas 23,50% destes o fizeram sozinhos, desses 35,30% foram descobertos e, na sua maioria, (83,30%) tiveram consequências.

No quinto comportamento desviante “Escrever ou fazer desenhos ou pinturas (*graffitis*) em paredes, autocarros, bancos de autocarro ou abrigos de paragens de autocarro, etc”, verificamos, pela análise da tabela 5, que 21,10% dos inquiridos responderam afirmativamente, mas apenas 16,70% destes tiveram este comportamento sozinhos e todos foram descobertos. Todavia, no que se refere às consequências, apenas 33,30% as sofreram.

Nas ruas das nossas cidades deparamo-nos inúmeras vezes com objectos vandalizados, sejam eles paragens do autocarro, caixotes do lixo, cabines telefónicas,

entre outros. Deste modo, foram colocados à análise dos inquiridos treze possíveis objectos passíveis de serem danificados, sendo que cada um deles teria de dizer se já tinha, ou não, danificado algum dos objectos apresentados.

Quanto aos comportamentos de danos, destaca-se que, no global dos comportamentos, apenas 35 dos inquiridos responderam terem perpetrado, pelo menos, um comportamento de dano na totalidade do grupo de questões, o que em termos médios representa apenas 38,90% dos inquiridos.

De acordo com a mesma tabela, quanto aos comportamentos de infracções contra a propriedade, que se encontram distribuídos por onze questões relativas às diferentes infracções, observa-se que a idade de início dos inquiridos varia, em média, entre os 10,50 e os 21 anos.

Destaca-se, neste ponto, o facto de entrarem sem autorização numa casa ou jardim privado (10%), e tirarem coisas da escola, de casa ou de lojas que, em conjunto, equivalem a 13,50%.

Quando questionados se tinham praticado este tipo de comportamento sozinhos, destacam-se os comportamentos “Tirar qualquer coisa de casa”, “Tirar uma peça ou acessório de carro”, “Tirar, à força, a uma pessoa, carteira ou porta-moedas”, a totalidade dos inquiridos respondeu afirmativamente, não tendo, no entanto, sido descobertos, nem sofrido consequências.

No que se refere a comportamentos violentos cometidos pelos jovens inquiridos, são colocadas sete grandes questões relativas a diferentes tipos de comportamentos violentos, nomeadamente se já andou armado, se esteve envolvido em lutas, se já colocou fogo e se já feriu alguém.

De acordo com a Tabela 5, destaca-se a idade média de início entre os 10 e os 18 anos. Dos jovens inquiridos, 24,40%, referem já terem estado envolvidos em lutas ou desordens de grupo. Destes, 22,70% fizeram-no sozinhos e tiveram consequências na sua totalidade.

Seguem-se os comportamentos “Andar armado” (8,90%) e “Ameaçar bater em alguém para obter dinheiro ou valores” (8,90%), sendo que 25% o fizeram sozinhos e 50% tiveram consequências.

Relativamente ao comportamento “Pôr fogo de propósito em algo que não te pertencia” apenas foi respondido de forma positiva por um inquirido, com 10 anos, que estava acompanhado e não teve consequências.

Na questão referente ao consumo de cerveja, vinho, whisky, rum, gin, vodka ou outras bebidas alcoólicas, 62,22% dos inquiridos respondeu já ter consumido, sendo a idade média de início de 13,49 anos.

No que se refere ao facto de o terem feito sozinhos, apenas uma minoria, 7,80% dos inquiridos, respondeu de forma afirmativa; 35,30% dos quais foram descobertos e 27,80% tiveram consequências.

No que concerne ao uso de marijuana, haxixe ou erva e ao cheirar colas, vernizes ou gasolina, verificamos que 18,88% dos inquiridos já o fizeram, com idade média de início de 14,19 anos, todos acompanhados, tendo 12,50% sido descobertos, acabando todos eles por terem sofrido consequências.

Por sua vez, no que se refere ao uso de marijuana, haxixe ou erva dura, como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (*speeds*), tranquilizantes (*drunfos*), ecstasy, etc., constatamos que 4,40% dos inquiridos responderam afirmativamente a esta questão, sendo que a idade média de início é de 18,25 anos. Assim, 25% dos inquiridos afirmam fazerem os seus consumos sozinhos, nunca terem sido descobertos, nem terem sofrido consequências.

Quanto à venda de marijuana, haxixe ou erva, 3,33% dos inquiridos responderam já o terem feito, sendo a idade média de início de 16 anos e 33,30% dos quais fizeram-no sozinhos, não tendo sido descobertos, nem tendo sofrido consequências.

Por fim, relativamente à venda de drogas duras como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (*speeds*), tranquilizantes (*drunfos*), ecstasy, etc. apurámos que 3,33% dos inquiridos já o fizeram, sendo a idade média de início 18 anos e, destes, 66,70% fizeram-no sozinhos, não tendo sido descobertos, nem sofrido consequências.

A tabela 6 apresenta a média de comportamentos praticados pelos jovens em cada domínio e no total. Em média, os participantes praticam cerca de 4 actos diferentes, dos 44 sobre os quais foram inquiridos.

Tabela 6 – Média do n.º de Comportamentos praticados

Comportamentos Transgressivos		
	<i>M</i>	<i>Dp</i>
Desviantes (5 comportamentos)	1,18	1,19
Danos (13 comportamentos)	1,01	1,70
Propriedade (13 comportamentos)	0,38	0,87
Violento (8 comportamentos)	0,59	0,04
Drogas e Álcool (5 comportamentos)	0,86	0,02
Drogas (4 comportamentos)	0,29	0,80
Total (44 comportamentos)	4,01	3,77

Dos seis tipos de comportamentos transgressivos representados salientamos os desviantes como sendo os mais praticados pelo total dos inquiridos ($M=1,18$) e danos ($M=1,01$), seguidos dos comportamentos de drogas e álcool ($M=0,86$). Salientamos ainda os comportamentos violentos como sendo praticados em média por 0,59 do total dos inquiridos. Percebemos ainda, pela análise da Tabela 6, que os comportamentos contra propriedade ($M=0,38$) e os comportamentos de consumo ou venda de drogas ($M=0,29$) são aqueles que são menos frequentemente praticados.

4.2. Estudo dos Factores de Risco

4.2.1. Sexo

Relativamente à diferenciação dos comportamentos por sexo, podemos verificar na tabela 7, que no que se refere ao sexo dos jovens que manifestam comportamentos transgressivos, os jovens do sexo masculino apresentam, no total, mais comportamentos transgressivos que os jovens do sexo feminino.

Quanto ao comportamento violento, percebemos, pela análise da tabela 7, que são os jovens do sexo masculino que revelam mais frequentemente este tipo de comportamento.

Por último, no que se refere aos restantes comportamentos transgressivos, a diferença entre os sexos não é significativa.

Tabela 7: Diferenciação dos comportamentos transgressivos por sexo (H 1)

Comportamentos Transgressivos	Rapazes		Raparigas		T	gl	P
	M	Dp	M	Dp			
Desviantes	1,31	1,02	1,08	1,29	1,12	88	0,26
Danos	1,22	0,76	1,78	1,58	1,31	88	0,19
Propriedade	0,53	1,04	0,20	0,56	1,85	88	0,07
Violento	0,82	1,18	0,32	0,76	2,33	88	0,02*
Álcool	0,90	1,07	0,80	0,98	0,43	88	0,67
Drogas e álcool	0,27	0,86	0,32	0,72	0,30	88	0,76
Total	4,78	3,91	3,10	3,42	2,15	88	0,04*

*p < 0,05

4.2.2. Supervisão e Envolvimento Parental.

Foram construídos dois itens relativos à supervisão e ao envolvimento parental. Quanto ao nível de envolvimento utilizámos o indicador “Entende-se bem contigo?, relativamente ao pai e à mãe. Para avaliar a supervisão parental foram utilizados os indicadores “Sabe onde andas quando saís de casa?” e “Sabe com quem andas quando saís de casa?”, de igual modo relativos ao pai e à mãe. A consistência interna em ambos os indicadores é boa (supervisão parental (com $\alpha = 0,86$) e do envolvimento parental (com $\alpha = 0,87$)).

Pela análise da tabela 8, verificamos que há uma correlação negativa significativa, entre a supervisão parental e a manifestação de comportamentos desviantes. No que se refere ao total dos comportamentos transgressivos e danos, verifica-se uma correlação muito significativa negativa com o envolvimento parental destes jovens e os seus progenitores.

Tabela 8: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função da supervisão parental e do envolvimento parental

Comportamentos Transgressivos	Supervisão Parental		Envolvimento Parental	
	r	P	r	P
Desviantes	- 0,24*	0,02	- 0,13	0,21
Danos	0,01	0,92	- 0,37 **	0,00
Propriedade	- 0,03	0,77	0,06	0,58
Violento	0,01	0,92	- 0,03	0,80
Álcool	- 0,16	0,14	- 0,07	0,54
Drogas e álcool	- 0,16	0,13	- 0,02	0,87
Total	- 0,12	0,27	- 0,22 *	0,04

* Correlação significativa ao nível de 0,05

** Correlação significativa ao nível de 0,01

4.2.3. Competências pró-sociais

As competências pró-sociais são medidas através de indicadores de auto-controle e auto-percepção. Para o autocontrole, utilizámos os indicadores “Quando te zangas bates nos outros?”, “Quando te zangas fazes birras, atiras ou partes coisas?” e “Quando te zangas achas que tens sempre razão?”, a consistência interna deste indicador é aceitável com $\alpha= 0,70$.

De forma a avaliar a auto-percepção positiva, utilizámos os indicadores “Fazes amigos com facilidade?”, “Gostas de ti?”, “Achas que os outros gostam de ti?” e, para avaliar a auto-percepção negativa, utilizámos os indicadores “Andas sozinho na escola?”, “Tens medo de frequentar a escola?”, “És tímido?” e “Sentes-te triste?”. Estes indicadores apresentam também níveis aceitáveis de consistência interna com $\alpha= 0,63$ e com $\alpha= 0,65$, respectivamente.

Quanto ao auto-controle, auto-percepção negativa e auto-percepção positiva destes jovens, destacamos, unicamente, a correlação positiva entre a existência de comportamentos desviantes e a percepção positiva que têm de si mesmos, uma vez que nos restantes comportamentos não existem correlações significativas.

Tabela 9: Diferenciação dos comportamentos transgressivos com o Auto-controle e Auto-Percepção Positiva e Negativa

Comportamentos Transgressivos	Auto-Controle		Percepção Negativa		Percepção Positiva	
	<i>R</i>	<i>P</i>	<i>R</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>P</i>
Desviantes	0,20	0,06	- 0,07	0,55	0,24 *	0,02
Danos	- 0,02	0,84	- 0,16	0,14	0,16	0,13
Propriedade	0,19	0,07	0,08	0,43	0,09	0,40
Violento	0,12	0,27	0,06	0,56	0,01	0,93
Álcool	- 0,02	0,88	- 0,05	0,63	0,00	1
Drogas e álcool	0,00	0,97	0,01	0,91	- 0,04	0,69
Total	0,12	0,24	- 0,07	0,52	0,17	0,11

* Correlação significativa ao nível de 0,05

4.2.4. Relação com pares

4.2.4.1. Actividades desportivas

Por sua vez, no que concerne às actividades desportivas organizadas, com outros, de forma regular, verificamos que não há diferenças significativas entre os jovens que praticam, ou não, actividades desportivas com a manifestação dos comportamentos transgressivos.

Tabela 10: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função da prática de actividades desportivas.

Comportamentos Transgressivos	Actividades Desportivas						
	Sim		Não		<i>T</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
	<i>M</i>	<i>Dp</i>	<i>M</i>	<i>Dp</i>			
Desviantes	0,92	1,06	1,37	1,25	1,80	88	0,08
Danos	1,15	1,71	0,90	1,70	0,70	88	0,49
Propriedade	0,44	0,79	0,33	0,93	0,55	88	0,58
Violento	0,67	1,18	0,53	0,92	0,62	88	0,54
Álcool	0,74	1,04	0,94	1,01	0,91	88	0,37
Drogas e álcool	0,28	0,76	0,29	0,83	0,07	88	0,94
Total	3,92	4,02	4,08	3,60	0,19	88	0,85

4.2.4.2. Relacionamento de namoro

De um modo geral, pela análise da tabela 11, podemos dizer que se observam diferenças entre os jovens que têm namorado(a) e os que não têm, não sendo estas diferenças significativas em qualquer dos tipos de comportamentos transgressivos.

Tabela 11: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função do relacionamento de namoro

Comportamentos Transgressivos	Namorado						
	Sim		Não		<i>T</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
	<i>M</i>	<i>Dp</i>	<i>M</i>	<i>Dp</i>			
Desviantes	1,28	1,20	1,10	1,18	0,69	88	0,49
Danos	1,18	1,87	0,88	1,56	0,82	88	0,42
Propriedade	0,33	0,70	0,42	0,99	0,51	88	0,61
Violento	0,63	1,13	0,56	0,97	0,29	88	0,77
Álcool	0,93	1,05	0,80	1,01	0,57	88	0,57
Drogas e álcool	0,33	0,76	0,26	0,83	0,38	88	0,70
Total	4,33	3,96	3,76	3,63	0,71	88	0,48

4.2.5. Auto-percepção escolar

Para avaliar a auto-percepção escolar, utilizámos os indicadores “Qual a tua escolaridade?”, “Já reprovaste?”, “Gostas de ir à escola?”, “Achas que é importante trabalhar a sério na escola para ter um diploma?” e “Aprendes bem na escola?”, verificando-se uma aceitável consistência interna, com $\alpha = 0,73$.

Com base nos resultados apresentados na tabela 12, aferimos que há uma correlação negativa significativa entre o total dos comportamentos transgressivos e a auto-percepção escolar dos jovens inquiridos, tendo o mesmo também sido constatado ao nível dos comportamentos violentos e do álcool.

No que respeita aos comportamentos desviantes, danos e propriedades, verificamos que não existe uma correlação significativa.

Tabela 12: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função da auto-percepção escolar

Comportamentos Transgressivos	Auto-percepção escolar	
	<i>R</i>	<i>p</i>
Desviantes	- 0,14	0,21
Danos	- 0,14	0,20
Propriedade	- 0,07	0,56
Violento	- 0,27*	0,01
Álcool	- 0,21 *	0,05
Drogas e álcool	- 0,17	0,10
Total	-0,25 *	0,02

* Correlação significativa ao nível de 0,05

Capítulo IV – Discussão de Resultados

Após uma análise aprofundada dos dados apurados, foi possível termos uma visão mais detalhada dos comportamentos delinquentes manifestados actualmente pelos jovens.

Assim, de uma forma sintética, a amostra era constituída por 90 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos, sendo que 71,10% tinha idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Os inquiridos eram, na sua maioria, jovens que não gostam de frequentar a escola, desvalorizando a sua importância. Esta desvalorização poderá estar fortemente associada à presença de dificuldades de aprendizagem, facto que poderá iniciar um processo de desmotivação que, conseqüentemente, aumentará o número de retenções e de situações de abandono escolar.

Em relação ao sexo, há uma predominância de rapazes (54,40%), tendo já esse facto sido observado no estudo de Agra, Teixeira, Fonseca & Quintas (1999). Os mesmos, na sua maioria, têm uma escolaridade compreendida entre o 7º e 9º ano.

No que diz respeito à questão da habitação, verificou-se que a maioria dos inquiridos vive numa casa (57,80%), considerando 64,40% destes que a manutenção da sua habitação é boa, contrariando os estudos de Ballone (2003) e Born (2005). Assim, aproveitando as referências empíricas destes últimos autores, os mesmos acrescentam que *“a habitação degradada ou em zonas degradadas, insuficientes instalações sanitárias, agregados familiares numerosos e pouca salubridade podem ser, de facto, factores de risco à manifestação de comportamentos transgressivos.”*

No que respeita à constituição do agregado familiar, a maioria dos inquiridos vive com os pais e irmãos, salientando-se, no entanto, o facto de 21% dos jovens inquiridos serem oriundos de famílias monoparentais – por morte ou por divórcio (Filleule, 2001).

Quanto ao número de amigos íntimos, metade dos jovens inquiridos referem que em média têm cinco ou mais amigos. Note-se que é nestas idades que a escola se define como um local de excelência para a constituição de grupos de pares, cruciais para a transmissão de valores e interesses múltiplos que, tal como já citado por Simões (2007) a formação de grupos poderá ser designada por *“subcultura juvenil”*. De igual acordo emergem as teorias da aprendizagem social, ao defenderem a *“influência do grupo sobre os jovens, mostrando que a conformidade jovem/grupo, condiciona determinados*

comportamentos, tais como: roubo, consumo de substâncias, abandono escolar, etc., de acordo com processos de aprendizagem como a imitação ou a modelagem” (Ventura, 1999).

Como principais marcos desta investigação, enunciámos que a maioria dos comportamentos transgressivos foi praticada em grupo, não tendo tido, na sua globalidade, consequências nefastas. Verificou-se, ainda, que 37,60% dos pais estão desempregados, bem como 60,60% das mães. Tal como é sustentado por Born (2005), *“nas famílias dos jovens que manifestam comportamentos transgressivos, são menos as pessoas por família que trabalham e são remuneradas.”*

Salientamos que o comportamento delinvente mais manifestado pelos jovens é o consumo de álcool e drogas, com uma percentagem de 61,10%, seguido dos comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, com uma percentagem de 60,00%. Por outro lado, foi evidente que o comportamento menos frequente tem a ver com as infracções contra a propriedade, com uma percentagem de 22,20%.

No que se refere à média de idade de início do total dos comportamentos transgressivos, esta situa-se nos 14,44 anos, faixa etária característica de um processo de desenvolvimento do ciclo vital – a adolescência. Esta questão da idade de início dos comportamentos transgressivos, *“enquadra-se num tipo de delinquência, mais especificamente na delinquência transitória, que se traduz nos comportamentos disruptivos próprios da adolescência, com todos os seus excessos, a procura de identidade e de afirmação e a falta de consciência dos limites, e que tende a desaparecer no início da fase adulta”* (Moffitt, 1993).

No presente estudo, ao nível da corroboração das hipóteses de pesquisa, constatámos que os rapazes apresentam no total mais comportamentos transgressivos do que as raparigas, nomeadamente ao nível dos comportamentos violentos, tal como no estudo de Loeber e Loeber (1998). Por último, há que frisar a inexistência de uma diferença significativa de médias entre os sexos nos restantes domínios de conduta.

Por sua vez, no que se refere à hipótese 2, verificámos que há uma correlação negativa significativa entre a supervisão parental e a manifestação de comportamentos desviantes.

No que diz respeito ao total dos comportamentos transgressivos e danos, verifica-se uma correlação negativa muito significativa com o envolvimento parental destes jovens e os seus progenitores. Deste modo podemos referir que os jovens que manifestam comportamentos transgressivos, demonstram não terem muito envolvimento com os progenitores, não recorrendo a estes para a resolução dos problemas e para o estabelecimento de uma relação empática. Neste sentido, parece inevitável corroborar a opinião de Filleule (2001) ao enunciar que *“o lar dos delinquentes é pouco atraente, praticam-se ali mais condutas imorais e menos actividades recreativas, e por, último a disciplina, a supervisão parental é quase inexistente”* (Filleule, 2001). *“O estilo de disciplina é frequentemente brando, hipersevero ou errático”* (Born, 2005). *Quando os pais castigam utilizam frequentemente o castigo físico e, menos a chamada à razão* (Born, 2005).

Concluindo, *“a diminuição da supervisão e envolvimento parentais propiciam padrões de funcionamento familiar perturbados, da carência económica, da parentalidade precoce, dos elevados níveis de stress, dos défices de apoio social, da monoparentalidade e da violência conjugal”*(Rodrigues & Machado, 1999).

No que concerne à hipótese 3, referente às competências pró-sociais (autocontrolo, auto-percepção positiva e auto-percepção negativa), destacamos a correlação positiva existente entre os jovens que apresentam comportamentos desviantes, com a percepção positiva que têm de si mesmos.

No entanto a aceitação desta hipótese é viável, visto que estes jovens gostam de si, o que facilita a percepção de que os outros gostam deles, o que aumenta a capacidade para fazerem amigos.

A hipótese 3 foi confirmada apenas no que se refere à auto-percepção positiva, sendo que não foi confirmada para o auto-controlo e auto-percepção negativa.

Esta conclusão vem contrariar o que é referido por Born (2005) que nos refere que *“o delinvente apresenta um défice em competências pró-sociais, não tem em consideração as necessidades dos outros, ignorando o facto de o seu comportamento poder prejudicar os outros, revela dificuldades na resolução de problemas, em aprender com a experiência, tudo isto resultado da fragmentação expressa na co-existência de crenças antagónicas acerca da mesma coisa que se anulam mutuamente”*.

Na hipótese 4, pretendíamos verificar se a ocupação dos tempos livres com actividades desportivas organizadas (com outros e de forma regular) influenciava a manifestação de comportamentos transgressivos. Tendo-se verificado a inexistência de diferenças significativas entre os jovens que praticam e não praticam actividades desportivas, com a manifestação de comportamentos transgressivos.

Assim, contrariamente ao estudo de Simões (2007), este tipo de *“sociabilidades, nomeadamente a participação em actividades desportivas, estruturam-se a partir do espaço de lazer, que pode coexistir no próprio espaço escolar, mas que se estende para além dele* (Simões, 2007). *A importância do lazer na vida dos jovens, como espaço compensador ou mesmo alternativo à constituição e desenvolvimento da própria identidade, pode constituir em si mesma uma desautorização das orientações escolares mais convencionais e, por conseguinte, diminuir a influência e o controlo que a própria escola pode exercer”* (Simões, 2007).

No que se refere à hipótese 5, enquadrada no âmbito da relação com os pares, especificamente no facto destes jovens terem, ou não, namorado, não existiu corroboração. Podemos então afirmar que não são observadas diferenças significativas quanto à manifestação de comportamentos transgressivos nos jovens que têm namorado(a) e os que não têm.

No que concerne à sexta e última hipótese – à auto-percepção escolar - aferimos que há uma correlação negativa significativa entre todos os comportamentos transgressivos e a auto-percepção escolar dos jovens inquiridos, sendo que o mesmo também é constatado ao nível dos comportamentos violentos e do álcool.

No que respeita aos comportamentos desviantes, danos e propriedades, verificámos que não existe uma correlação significativa, pelo que poder-se-á aceitar a sua confirmação.

Segundo Born (2005) *“os comportamentos transgressivos, aparecem associados ao temperamento e à personalidade, e são marcados por diversas síndromes, nomeadamente de hiperactividade, défice das funções de autocontrolo, existindo, com muita frequência, problemas de aprendizagem, insucesso escolar assim como uma acumulação de défices de vinculação nas relações, em primeiro lugar com os pais, depois com os outros adultos.”*

Cumulativamente, a maioria dos comportamentos foi perpetrada com colegas, justificado pelo facto de os “*pares de delinquentes reforçarem as actividades marginais.*” (Born, 2005). O mesmo autor defende que “*a persistência é marcada durante muito tempo após a adolescência numa carreira criminal*” e que “*existe uma interacção entre traços pessoais e factores ambientais, desde a infância, e ao longo de toda a vida adolescente e adulta, que ajudam a manter a actividade delinvente.*” (Born, 2005).

Em síntese conclusiva, fica claro que a dimensão da Delinquência Juvenil assume uma esfera multifactorial e, simultaneamente, complexa na sua articulação e resolução – do ponto de vista judicial, da dinâmica familiar e auto-controle emocional a um nível de prestação de apoio psicoterapêutico.

Assim, numa fase inicial dever-se-á partir de uma atitude de compreensão, indo ao encontro dos pressupostos defendidos por Benavente (2002) que refere que – “*os comportamentos delinquentes são considerados, ou deverão ser considerados, normais nos jovens, uma vez que estão relacionados com a tentativa de resolução de conflitos e de aquisição de novas formas de socialização*”.

Capítulo V - Conclusão Final

Após a realização do presente estudo, pudemos concluir que os comportamentos delinquentes são considerados, ou deverão ser considerados, normais nos jovens, uma vez que estão relacionados com a “*tentativa de resolução de conflitos e de aquisição de novas formas de socialização*” (Benavente, 2002), podendo mesmo ser considerados como algo “*inevitável, ou mesmo necessário para o desenvolvimento, para o crescimento e para o processo de aquisição de novas formas de socialização(...)*” (Aguilar, Sroufe, Egeland e Carlson, 2000).

No presente estudo constatámos que a média de idade de início, do total dos comportamentos transgressivos ronda os 14,44 anos, enquadrando-se, segundo Moffitt (1993), “*num tipo de delinquência transitória, que se traduz nos comportamentos disruptivos próprios da adolescência, com todos os seus excessos, a procura de identidade e de afirmação e a falta de consciência dos limites, e que tende a desaparecer no início da fase adulta*”.

No presente estudo, verificámos que o comportamento delincente mais recorrente nos jovens é o consumo de álcool e drogas, com uma percentagem de 61,10%, seguido dos comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, com uma percentagem de 60,00%, sendo que a maioria dos comportamentos transgressivos foi praticada em grupo, não tendo havido, na maior parte dos casos, lugar a consequências

Assim, no presente estudo, obtivemos as seguintes conclusões:

- o sexo é determinante e influencia o tipo de comportamento delincente: verificámos que os rapazes apresentam mais comportamentos transgressivos do que as raparigas, tal como no estudo de Loeber & Loeber (1998), tendo, desta forma, confirmado a hipótese um;

- o envolvimento e a supervisão parental são determinantes na manifestação dos comportamentos transgressivos, particularmente evidente através de uma correlação negativa significativa entre os comportamentos desviantes e a supervisão parental. No que respeita ao envolvimento parental há também relações significativas negativas com o total de comportamentos transgressivos e, especialmente com os danos. Assim, confirma-se, parcialmente a hipótese dois;

- as competências pró-sociais (autocontrole, auto-percepção positiva e negativa), não se afiguram como determinantes na manifestação dos comportamentos no total e na maior parte dos seus domínios. Destacámos, contudo a correlação positiva significativa existente nos jovens que apresentam comportamentos desviantes, com a percepção positiva que têm de si. Deste modo, no geral a hipótese três não é confirmada;

- a ocupação dos tempos livres dos jovens, com pares, em actividades desportivas organizadas (com outros e de forma regular), não é determinante para a diminuição dos comportamentos transgressivos, uma vez que não há diferenças significativas entre os jovens na prática de actividades desportivas, infirmando a hipótese quatro;

- a relação com pares, medida pelo facto de terem ou não namorado, não revela diferenças significativas face a qualquer tipo de comportamento, infirmando a hipótese cinco;

- a auto percepção escolar positiva é determinante na manifestação dos comportamentos transgressivos: aferimos que há uma correlação negativa significativa entre todos os comportamentos transgressivos e a auto-percepção escolar, o mesmo também se constatando ao nível dos comportamentos violentos e do álcool. Deste modo, vemos a sexta hipótese confirmada.

Por fim, em guisa de conclusão, gostaria de referir a minha experiência de sete anos, como coordenadora pedagógica da Associação Para a Promoção das Classes Sociais Menos Favorecidas - Paços 2000, que me fez perceber que, na maior parte dos casos, a intervenção que apenas se centra no jovem é manifestamente insuficiente.

Devemos, por esta razão e por forma a inverter a situação, adoptar políticas de promoção social para os jovens, políticas de planeamento familiar, evitando gravidezes precoces, implementar medidas de acompanhamento e treino de competências parentais e despiste precoce das crianças com problemas mais graves e de situações de famílias multi-problemáticas (pais negligentes, anti-sociais, ou consumidores de substâncias).

Finalmente, temos consciência de que uma intervenção eficaz só será possível se tiver na sua génese a prevenção e a intervenção precoce em famílias de risco. Estas deverão ser postas em prática através de estratégias baseadas no desenvolvimento de competências sociais, resolução de problemas, auto-controlo, regulação emocional e

raciocínio moral, sobretudo ao nível dos jovens, e a adopção de práticas de disciplina mais positivas e menos punitivas, estratégias de promoção da comunicação na família e de um envolvimento positivo com os jovens, bem como estratégias de promoção de práticas de supervisão ao nível da seio familiar.

Referências Bibliográficas

- Agra, C., Teixeira, J. M., Fonseca, E. & Quintas, J. (1999). *Crime e Delinquência Auto-revelada*. Porto: Observatório Permanente de Segurança.
- Aguilar, B., Sroufe, A., Egeland, B., & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behavior types: from birth to 16 years. *Development and Psychopathology*, 12, 109-132.
- American Psychiatric Association. (1987). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 3rd edition, revised (DSM-III-R). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *Adolescence et Psychopathologie* (5ª Ed.). França: Masson
- Ballone, G. (2003). Transtornos de Conduta. Retirado no dia 2 de Março de 2009 em <http://www.psiqweb.med.br/infantil/conduta.html>.
- Benavente, R. (2002). Análise Psicológica. Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4(XX), 637-645.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Climepsi Editores. Lisboa.
- Brian, S. & Piliavin, I. (1965). Delinquency situational inducements and commitment to conformity. *Social Problems*. Retirado no dia 10 de Janeiro de 2010 em <http://www.ucpressjournals.com/>.
- Chamboredon, J. (1997). La délinquance juvénile, essai de construction d'objet. *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure*, 29, 335-377.
- Cervo, A. L. & Bervian, P. A. (1981). *Metodologia Científica* (2ªed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Costa, J. (1999). *Delinquência juvenil. Que política?* Actas do Congresso Crimes Ibéricos. Universidade do Minho.
- Curson, M. (1990). *Le contrôle social du crime*. Paris, PUF.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Instituto Piaget.
- Digneff, F. (1989). *Ethique et délinquance*. Genève: Editions Médecine et Hygiène.
- Fernandes, A. J. (1994). *Métodos e Regras para a Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto: Porto Editora.

- Ferreira, P. (1997). Delinquência Juvenil, família e escola. *Análise Social*, 32(4-5), 913-924.
- Filleule, R. (2001). *Sociologie de la délinquance*. Paris, PUF.
- Formiga, N. (2009). Simetria Normativa da Conduta delinvente em Jovens. Retirado no dia 11 de Janeiro de 2010 em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0253.pdf>.
- Fréchette, M. & Blanc, M. (1987). *Delinquences et délinquantes*. Chicoutimi, Gaëan Morin.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Kammerer, P. (1992). *Delinquance et narcissisme à l'adolescence*. Paris: Collection Païdos/Adolescence.
- Laranjeira, C. (2007). A Análise Psicossocial do Jovem Delinvente: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 221-227.
- Loeber, R. & Loeler, M. (1998). Development of Juvenile aggression and violence: some common misconceptions and controversies. *American Psychologist*, 53(2), 242-259.
- Marques, M. (1995). Adolescência e transgressão: entre a transgressão dos limites e os limites da transgressão. *Congresso: Os Jovens e a Justiça*. Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Matos, A. (1978). Notas sobre a delinquência Juvenil. *Revistas Jornal Médico e Médico*.
- Moffit, T. (1993). Adolescent – limited and life – course persistent antisocial behavior: A development taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701.
- Pingeon, D. (1982). *La delinquance juvénile stigmatisée*. Genève: Université de Genève.
- Pizam, A. (1994). Planning a Tourism Research Investigation. In Ritchie, J. R. & Goeldner, C. R. (eds).
- Pólvora, F. (1986). *Tratamento psicoterápico da delinquência juvenil. III Jornadas de Psiquiatria S. João de Deus*. Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- Quivy, Raymond, Luc Van & Campenhoudt (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rae-Grant, N., McConville, B., Kenned, J., Vaug, W., & Steiner, H. (1999). Violent behavior in children and youth: preventive intervention from a psychiatric

- perspective. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 38(3), 235-241.
- Robert, P. & Outrive, L. (1993). *Crime et Justice en Europe: État des recherches, évaluation et recommandations*. Paris: L'Harmattan.
- Simões, M. (2007). *Comportamentos de Risco na Adolescência*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sprinthall, N. & Collins, W. (2008). *Psicologia do Adolescente – uma abordagem desenvolvimentista*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, M., & Machado, C. (1999). Perfis sócio-familiares e risco de delinquência. *Actas do Congresso Crimes Ibéricos*. Braga: Universidade do Minho.
- Rutter, M. (2000). Psychosocial influences: critiques, findings and research needs. *Development and Psychopathology*, 12(3), 375-405.
- Souza, M., Soldatelli, M. & Lopes, A. (1997). Psicodinamismo familiar de crianças agressivas. *Anais do I Congresso de Psicologia Clínica do Mackenzie*.
- Ventura, J. (1999). Nascer e não ter sorte... Ser jovem, deserdado e delinquente... *Actas do Congresso Crimes Ibéricos*. Universidade do Minho.
- Veríssimo, M. (1990). A Psicologia Comunitária e o sistema judicial: uma nova forma de olhar e intervir sobre a delinquência. *Análise Psicológica*, 8 (2), 203-209.

Projecto de Investigação

Solicito desta forma a participação do (a) seu (sua) filho (a) na presente investigação, que permitirá a recolha de dados para um estudo a realizar, no âmbito do mestrado na área da Psicologia Forense e da Transgressão, de Márcia Maria Cunha Caetano Mendes, Assistente de Psicologia Clínica.

Toda a informação obtida é estritamente confidencial e será apenas utilizada para efeitos de investigação.

Se permitir a participação, informamos que o preenchimento do questionário demorará em média 15 minutos e será realizado na sala de aula, com o apoio de docentes desta escola.

Pede-se que dê o seu consentimento para o preenchimento do questionário

Obrigada pela sua colaboração.

Eu, _____, no dia __/__/__, aceito que o (a) meu (minha) filho(a) participe neste estudo.

Assinatura do voluntário: _____.

A responsável pela Investigação,

ANEXO II

Questionário de

Delinquência nos Adolescentes e Jovens

Questionário elaborado no âmbito do Mestrado de Psicologia Forense e da Transgressão - ISCS, traduzido e adaptado do Questionário Internacional de Delinquência Auto-Revelada (International Self-Report Delinquency Project), elaborado para a "Pesquisa Internacional sobre Delinquência Juvenil Auto-revelada" (International Self-Report Delinquency Project) pelo Centro de Investigação e Documentação (Research and Documentation Center - RDC), Ministério da Justiça, Haia, Holanda, 1991 e traduzido pelo Centro de Estudos Judiciários, entidade portuguesa que participou na pesquisa internacional e adaptado pelo Observatório Permanente de Segurança do Porto, 1999.

APRESENTAÇÃO DO ENTREVISTADOR

Chamo-me Márcia Mendes, sou aluna do Mestrado de Psicologia Forense e da Transgressão no ISCS e estou a levar a cabo um estudo sobre os Comportamentos Delinquentes nos adolescentes e jovens do Concelho de Paços de Ferreira. Gostaria de solicitar a tua colaboração no preenchimento deste questionário.

Informo que a tua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, informo ainda que os dados recolhidos são **confidenciais e anónimos**.

PARTE 1: QUESTÕES SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

1. Para começar, vou-te fazer algumas perguntas sobre a tua situação
2. Qual a tua idade? 13 anos €; 14 a 15 anos €; 16 a 17 anos €; 18 a 19 anos €; 20 ou + €
3. Sexo: Feminino €; Masculino €
4. Qual a tua escolaridade? 5^o€; 6^o€; 7^o€; 8^o€; 9^o €; 10^o €; 11^o €; 12^o €.
5. Já reprovaste algum ano? Não €; Sim €. Quantas vezes? 1 €; 2 €; 3 €; Mais de 3 €
6. Além de andares na escola, também trabalhas? Não €; Sim €;
 - 6.1. Se respondeste sim, diz se gostas de trabalhar? Não €; Sim €
7. Quantas horas por semana. Menos de 4 h €; De 5 a 9 h €; De 10 a 14 h €;
8. Mais de 15 h €.
9. Que tipo de trabalho fazes (resposta o mais exacta possível)?

10. Como caracterizas a manutenção da tua casa: Má €; Razoável €; Boa €.
11. Moras numa casa €; Apartamento €; Bairro social €; Freguesia _____
12. Quem são as pessoas que vivem contigo na tua casa? Pai €; Mãe €; Irmãos €; Irmãs €; Outros: _____
13. Quanto dinheiro tens ao teu dispor, em média, por semana? Menos de 20 €€; De 20 a 30 €€; De 30 a 40 €€; De 40 a 50 €€; Mais de 50 €€.
14. Esse dinheiro vem, principalmente, de onde? Pais €; Trabalho €; Assistência social €; Bolsa de estudos €; Outras: _____
15. Participas em actividades desportivas / lazer organizadas (com outros e de forma regular)?
16. Não € Sim € Qual ou quais? _____
N.º horas Semana. 2 a 4 h €; 4 a 6 h €; 6 a 8 h €; Mais de 8 horas €.
17. Tens um namorado(a)? Não €; Sim €. Desejas que essa ligação dure? Não €; Sim €.
18. Quantos amigos íntimos tens? 1 €; 2 €; 3 €; 4 €; 5 ou mais €.
19. Com quem passas a maior parte do teu tempo livre? Sozinho € Namorado(a) € Família € Um ou dois amigos íntimos € Grupo de amigos €

Frequência	Geralmente:	1= Nunca ou quase nunca 2= Raramente 3= Ocasionalmente	4= Frequentemente 5= A maior parte das vezes 6= Sempre
	Gostas de ir á escola.		
	Achas que é importante trabalhar a sério na escola para ter um diploma.		
	Aprendes bem na escola.		
	Resolves os teus problemas.		

Frequência	Geralmente:	1= Nunca ou quase nunca 2= Raramente 3= Ocasionalmente	4= Frequentemente 5= A maior parte das vezes 6= Sempre
	Fazes amigos com facilidade.		
	Andas sozinho na escola.		
	Tens medo de frequentar a escola.		
	És tímido.		
	Sentes-te triste.		
	Gostas de ti.		
	Achas que os outros gostam de ti.		
	Pedes ajuda dos teus amigos quando tens problemas.		
	Pedes ajuda aos teus pais quando tens problemas.		
	Quando tens um problema não te preocupas em resolvê-lo.		
	Quando te zangas falas alto ou gritas.		
	Quando te zangas bates nos outros.		
	Quando te zangas fazes birras, atiras ou partes coisas.		
	Quando te zangas achas que tens sempre razão.		
	Quando te zangas preocupas-te com o que dizes para ver se não ofendes os outros.		
	Quando te zangas preocupaste com quem te chama a atenção (professor, policia, adulto).		
	Achas que és sempre o maior.		

Frequência	Geralmente ... O TEU PAI
	Tem emprego. Qual o mais recente? _____
	Tem problemas jurídicos.
	Tem problemas com o consumo de substâncias.
	Tem problemas financeiros.
	Tem problemas conjugais.

Frequência	Geralmente:	1= Nunca ou quase nunca 2= Raramente 3= Ocasionalmente	4= Frequentemente 5= A maior parte das vezes 6= Sempre
	Passa muito tempo fora de casa.		
	Entende-se bem contigo.		
	Sabe onde andas quando saís de casa.		
	Sabe com quem andas quando saís de casa.		
	Sai de casa contigo, por exemplo para irem ao cinema, assistirem a um acontecimento desportivo, para darem um passeio.		
	Sai de casa em família juntos, por exemplo para irem ao cinema, assistirem a um acontecimento desportivo, para darem um passeio ou para terem um encontro de família.		

Frequência	Geralmente ... A TUA MÃE
	Tem emprego. Qual o mais recente? _____
	Tem problemas jurídicos.
	Tem problemas com consumo de substâncias.
	Tem problemas financeiros.
	Tem problemas conjugais.
	Passa muito tempo fora de casa.
	Entende-se bem contigo.
	Sabe onde andas quando saís de casa.
	Sabe com quem andas quando saís de casa.
	Sai de casa contigo, por exemplo para irem ao cinema, assistirem a um acontecimento desportivo, para darem um passeio.
	Sai de casa em família juntos, por exemplo para irem ao cinema, assistirem a um acontecimento desportivo, para darem um passeio ou para terem um encontro de família.

PARTE 2 A: INTRODUÇÃO E QUESTÕES GERAIS SOBRE COMPORTAMENTO DESVIANTE

Muitos jovens, por vezes, fazem coisas que não são totalmente permitidas. Nós gostaríamos de saber se tu também fizeste algumas dessas coisas. Recorda-te que todas as tuas respostas são anónimas e confidenciais e que ninguém para além da investigadora vão conhecê-las.

Agora, vou fazer-te um conjunto de perguntas e tu vais-me dizer se alguma vez fizeste estas coisas.

Já alguma vez faltaste às aulas, pelo menos durante um dia inteiro, sem uma razão séria que o justificasse?

Não € Sim €

Já alguma vez fugiste de casa, para ficar noutra local, por uma ou mais noites, sem permissão dos teus pais ou teus responsáveis?

Não € Sim €

Já alguma vez andaste num autocarro, comboio, eléctrico ou metro sem pagar?

Não € Sim €

Já alguma vez conduziste um carro ou mota sem teres carta de condução ou seguro?

Não € Sim €

Alguma vez escreveste ou fizeste desenhos ou pinturas (graffitis) em paredes, autocarros, bancos de autocarros ou abrigos de paragens de autocarro, etc?

Não € Sim €

Se indicaste que (sim) já fizeste uma ou mais destas coisas. Agora, eu gostaria de te perguntar alguns detalhes sobre elas.

Se respondeste que não a todas as questões avança até á página 9

PARTE 2 B : QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE COMPORTAMENTO DESVIANTE

Se mencionaste que **faltaste às aulas**, pelo menos um dia inteiro, sem uma razão séria que o justificasse.

33. Com que idade fizeste isso pela 1ª vez? ____anos. O teu pai soube? Não € Sim €
34. Fizeste isso durante o último ano? Não € Sim € Quantas vezes? 1 a 2 vezes € ; 3 a 4 vezes € ; 5 a 6 vezes € ; Mais de 6 vezes € .
35. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
36. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
37. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que **fugiste de casa**, para ficar noutra local, por uma ou mais noites, sem permissão dos teus pais ou teus responsáveis

38. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
39. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
40. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
41. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que **andaste num autocarro, comboio, eléctrico ou metro sem pagar**.

42. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
43. Fizeste isso sozinho ou acompanhado ? Sozinho € Acompanhado €
44. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
45. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que **conduziste um carro ou motociclo sem teres carta de condução ou seguro**.

46. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
47. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
48. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
49. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____
50. Na última vez, o que é que conduziste?
Ciclomotor € Motociclo € Carro € Outro: _____
51. Onde é que conduziste a maior parte do tempo? _____
52. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
53. Foste descoberto ? Não € Sim € Por quem? _____
54. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que escreveste ou fizeste desenhos ou pinturas (graffitis) em paredes, autocarros, bancos de autocarros ou abrigos de paragens de autocarro, etc

55. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €

56. Na última vez, o que é que riscaste? _____ Onde? _____

57. Quem era o dono desse objecto? _____

58. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €

59. Foste descoberto ? Não € Sim € Por quem? _____

60. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

PARTE 3 A: INTRODUÇÃO E QUESTÕES GERAIS SOBRE DANOS

Muitos objectos nas ruas são danificados, como todos podemos ver. Talvez tu, por vezes, também o tenhas feito. Agora, vou-te ler uma lista de objectos e tu dizes-me se alguma vez danificaste ou destruístes qualquer um destes objectos.

Alguma vez danificaste ou destruístes, propositadamente....

uma paragem de autocarro/camioneta	Não €	Sim €
um sinal de trânsito	Não €	Sim €
uma cabine telefónica	Não €	Sim €
uma janela	Não €	Sim €
um caixote do lixo (público)	Não €	Sim €
um candeeiro / lâmpada de iluminação pública	Não €	Sim €
mobiliário escolar	Não €	Sim €
árvores, plantas ou flores em parques ou jardins públicos	Não €	Sim €
um banco de autocarro, eléctrico, metro, camioneta ou comboio	Não €	Sim €
um automóvel particular	Não €	Sim €
uma bicicleta que não te pertencia	Não €	Sim €
uma mota/motociclo que não te pertencia	Não €	Sim €
qualquer outra coisa que não te pertencia	Não €	Sim €

Se indicaste que (sim) já fizeste uma ou mais destas coisas. Agora, eu gostaria de te perguntar alguns detalhes sobre elas.

Se respondeste que não a todas as questões avança até á página 11.

PARTE 3B: QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE DANOS

Se mencionaste que danificaste ou destruístes coisas.

61. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não € Sim €

62. Fizeste isso durante o último ano? ____vezes

63. Na última vez, o que é que foi que danificaste ou destruístes?

- (1) paragem de autocarro/camioneta €
- (2) sinal de trânsito €
- (3) cabine telefónica €
- (4) janela €
- (5) caixote do lixo (público) €
- (6) candeeiro / lâmpada de iluminação €
- (7) mobiliário escolar €
- (8) árvores, plantas ou flores €
- (9) banco de autocarro / eléctrico / metro / camioneta / comboio €
- (10) automóvel particular €
- (11) bicicleta €
- (12) moto / motociclo €
- (13) qualquer outra coisa: _____

64. Quem era o dono desse objecto. _____

65. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €

66. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____

67. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

PARTE 4 A: INTRODUÇÃO E QUESTÕES GERAIS SOBRE INFRACÇÕES CONTRA A PROPRIEDADE

Por vezes as pessoas tiram coisas de outros, sem a intenção de as devolver. Agora, gostaríamos de saber se alguma vez fizeste coisas desse tipo. Todas as tuas respostas são estritamente confidenciais.

Já alguma vez tiraste dinheiro de um telefone público ou de uma máquina automática de venda de produtos?

Não € Sim €

Já alguma vez tiraste qualquer coisa de uma loja?

Não € Sim €

Já alguma vez tiraste qualquer coisa na escola?

Não € Sim €

Já alguma vez tiraste qualquer coisa de tua casa ou do sítio onde vives?

Não € Sim €

Já alguma vez roubaste uma bicicleta ou motociclo?

Não € Sim €

Já alguma vez roubaste um carro?

Não € Sim €

Já alguma vez tiraste uma peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior?

Não € Sim €

Já alguma vez tiraste a uma pessoa (como fazem os carteiristas) a carteira ou o porta moedas?

Não € Sim €

Já alguma vez tiraste à força a uma pessoa (por esticção) a carteira, um saco, um fio ou qualquer outro objecto que levasse consigo?

Não € Sim €

Já alguma vez entraste sem autorização numa casa, jardim privado, ou em qualquer outro edifício (não incluir locais abandonados ou em ruínas)?

Não € Sim €

Já alguma vez compraste ou vendeste algo que sabias ou suspeitavas, na altura, que tinha sido roubado?

Não € Sim €

Se indicaste que (sim) já fizeste uma ou mais destas coisas. Agora, eu gostaria de te perguntar alguns detalhes sobre elas.

Se tu respondeste que não a todas as questões avança até á página 16.

PARTE 4B: QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE INFRAÇÕES CONTRA A PROPRIEDADE

Se mencionaste que tiraste dinheiro de um telefone público ou de uma máquina automática de venda de produtos.

68. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
69. Fizeste isso durante o último ano? Não € Sim € Quantas vezes, no último ano? ____vezes
70. Na última vez, foi um telefone público (1) ____ ou uma máquina de venda (2) ____
Quanto dinheiro tiraste? _____€
71. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
72. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
73. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido Descoberto? _____

Se mencionaste que tiraste qualquer coisa de uma loja?

74. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
75. Fizeste isso durante o último ano? Não € Sim € Quantas vezes? ____vezes
76. Na última vez, o que tiraste? _____ Qual o seu valor _____€
77. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
78. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
79. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que tiraste qualquer coisa na escola?

80. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
81. Fizeste isso durante o último ano? Não € Sim € Quantas vezes, no último ano? ____vezes
82. Na última vez, o que tiraste? _____ Qual o seu valor _____€
83. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
84. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
85. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que tiraste qualquer coisa de tua casa ou do sítio onde vives?

86. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
87. Fizeste isso durante o último ano? Não € Sim € Quantas vezes, no último ano? ____vezes
88. Na última vez, o que tiraste? _____ Qual o seu valor _____€
89. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho € Acompanhado €
90. Foste descoberto? Não € Sim € Por quem? _____
91. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que roubaste uma bicicleta ou motociclo?

92. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não € Sim €
93. Fizeste isso durante o último ano? Não € Sim € Quantas vezes no último ano? ____vezes
94. Falando da última vez, o que tiraste? Motociclo Ciclomotor Bicicleta
- Qual o seu valor _____
95. O que aconteceu ao veículo no fim?
Abandonei-o algures Destruí-o ou danifiquei-o Devolvi-o Vendi-o Continuo a usá-lo
Outra situação:_____
96. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
97. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
98. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto?_____

Se mencionaste que roubaste um carro?

99. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não Sim
100. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes no último ano? ____vezes
101. Qual o seu valor _____€
102. O que aconteceu ao veículo no fim?
Abandonei-o algures Destruí-o ou danifiquei-o Devolvi-o Vendi-o Continuo a usá-lo
Outra situação:_____
103. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
104. Foste detectado? Não Sim Por quem? _____
105. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto?_____

Se mencionaste que tiraste 1 peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior?

106. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não Sim
107. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes no último ano? ____vezes
108. Na última vez o que tiraste? Antena ; Tampão de jantes ; Rádio ; Espelho exterior ;
Carta de condução, passaporte, etc. ; Leitor de cassetes ; Telemóvel ; Emblema Outro:
_____ Qual o seu valor _____€
109. O que aconteceu ao que tiraste no fim? Abandonei algures ; Destruí ou danifiquei ;
Devolvi ; Vendi ; Continuo a usá-lo . Outra situação:_____
110. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
111. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
112. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto ?_____

Se mencionaste que tiraste a uma pessoa (como fazem os carteiristas) a carteira ou o porta-moedas?

113. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não Sim
114. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes no último ano? ____vezes
115. Na última vez o que tiraste. Qual o valor _____€
116. O que aconteceu ao que tiraste? Gastaste Outra situação:_____
117. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
118. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
119. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto?_____

Se mencionaste que tiraste à força a uma pessoa (por esticção) a carteira, um saco, um fio ou qualquer outro objecto que levasse consigo?

120. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não Sim
121. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes no último ano? ____vezes
122. Falando da última vez o que tiraste? Carteira ; Saco ; Fio ; Outro: _____
Qual o seu valor _____€
123. O que aconteceu ao que tiraste no fim? Abandonei algures ; Destruí ou danifiquei ;
Devolvi , Vendi ; Continuo a usá-lo ; Outra situação:_____
124. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
125. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
126. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto?_____

Se mencionaste que entraste sem autorização numa casa, jardim privado, ou em qualquer outro edifício?

127. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A policia soube? Não Sim
128. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes no último ano? ____vezes
129. Falando da última vez, em que tipo de edifício entraste? Escola ; Loja / Armazém ;
Edifício de apartamentos ; Vivenda ; Outro: _____
130. Na última vez, tiraste alguma coisa? Não Sim Qual o seu valor? _____€
131. Danificaste algo no edifício? Não Sim
132. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
133. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
134. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto?_____

Se mencionaste que compraste ou vendeste algo que sabias ou suspeitavas na altura que tinha sido roubado?

135. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. Compraste Vendeste

A policia soube? Não Sim

136. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes? ____vezes

137. Na última vez, o que compraste? _____ Por quanto? _____ €

138. Na última vez, o que vendeste? _____ Por quanto? _____ €

139. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado

140. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____

141. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

PARTE 5 A: INTRODUÇÃO E QUESTÕES GERAIS SOBRE COMPORTAMENTO VIOLENTO

Agora tenho algumas questões sobre comportamentos violentos

Já alguma vez andaste armado (navalha , pau ; ferro ; pistola) ?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Já alguma vez ameaçaste alguém que batias _____ ou com uma arma _____ para conseguir dinheiro ou valores?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Já alguma vez estiveste envolvido em lutas ou desordens de grupo, na rua ou em qualquer outro lugar público (por exemplo, em situações como estádios de futebol, estações de comboio, festivais de música, bares, discotecas, motins, manifestações)?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Já alguma vez puseste fogo de propósito em algo que não te pertencia (como por exemplo, um celeiro, um carro, uma mata, uma casa, um edifício ou qualquer outra coisa)?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Já alguma vez batestes em alguém não pertencente à tua família próxima, de forma a que sabes ou pensas saber que foram necessários cuidados médicos?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Já alguma vez batestes em alguém pertencente à tua família próxima, de forma a que sabes ou pensas saber que foram necessários cuidados médicos?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Já alguma vez feriste alguém de propósito com uma navalha, um pau ou qualquer outra arma?

Não Sim Idade _____ Sozinho Acompanhado

Se indicaste que (sim) já fizeste uma ou mais destas coisas. Agora, eu gostaria de te perguntar alguns detalhes sobre elas.

Se respondeste que não a todas as questões avança até à página 20.

PARTE 5 A: INTRODUÇÃO E QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE COMPORTAMENTO VIOLENTO

Se mencionaste que andaste armado.

142. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim
143. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes
144. Falando da última vez, qual a arma que andaste? Pau , Navalha ou outro objecto cortante ; Pistola ou qualquer arma de fogo ; Outra: _____
145. Onde é que o fizeste da última vez? _____
146. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
147. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
148. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que ameaçaste alguém com uma arma ou ameaçaste que batias em alguém, para conseguir dinheiro ou outros valores

149. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim
150. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes
151. Falando da última vez, qual a arma que usaste? Pau ; Navalha ou objecto cortante ; Pistola ou qualquer arma de fogo ; Outra: _____ Não usei arma
152. Na última vez conseguiste? Dinheiro ; Outra coisa: _____ Nada
153. Quanto dinheiro conseguiste ou qual o valor comercial do que conseguiste? _____€
154. A quem pertencia o dinheiro / objecto? _____. Onde fizeste? _____
155. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
156. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
157. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que estiveste activamente envolvido em lutas ou desordens num grupo, na rua ou em qualquer outro lugar público.

158. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim
159. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes
160. Falando da última vez, onde foi? Estádio de futebol , Estação de comboio ; Motim ; Festival de música ; Manifestação ; Rua ; Restaurante, café, pub, discoteca Outro sítio: _____
161. Na última vez, qual a arma que usaste? Pau ; Navalha ou objecto cortante ; Pistola ou qualquer arma de fogo ; Outra: _____ Não usei arma
162. Causaste algum dano a objectos ou pessoas? Não Sim Objectos Pessoas
163. Onde é que o fizeste desta última vez? _____
164. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
165. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
166. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que puseste fogo de propósito em algo que não te pertencia

167. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim

168. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes

169. Na última vez, a que é que puseste fogo? _____

170. A quem pertencia? _____ Onde foi? _____

171. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado

172. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que bateste em alguém não pertencente à tua família próxima, de forma a que sabes ou pensas saber que foram necessários cuidados médicos

173. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim

174. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes

175. Na última vez, usaste alguma arma? Não Sim Qual? _____

176. Quem era a pessoa? _____ Preciou de cuidados médicos? Não Sim

177. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado

178. Foste descoberto? Sozinho Acompanhado Por quem? _____

179. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que bateste em alguém pertencente à tua família próxima, de forma a que sabes ou pensas saber que foram necessários cuidados médicos

180. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim

181. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes

182. Na última vez, usaste alguma arma? Não Sim Qual? _____

183. Quem era a pessoa? _____ Preciou de cuidados médicos? Não Sim

184. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado

185. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____

186. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que feriste alguém de propósito com uma navalha, um pau ou qualquer outra arma

187. Com que idade fizeste isso pela primeira vez? ____anos. A polícia soube? Não Sim

188. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes, no último ano? ____vezes

189. Falando da última vez, usaste alguma arma? Não Sim Qual? _____

190. Quem era a pessoa? _____ Preciou de cuidados médicos? Não Sim

191. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado

192. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____

193. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

PARTE 6 A: INTRODUÇÃO E QUESTÕES GERAIS SOBRE ÁLCOOL E DROGAS

Agora, por fim, gostaria de saber algumas coisas acerca do uso de álcool e drogas.

Já alguma vez usaste marijuana, haxixe ou erva ou cheiraste colas, vernizes ou gasolina?

Não Sim

Já alguma vez usaste qualquer droga dura como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy, etc?

Não Sim

Já alguma vez usaste cerveja, vinho, whisky, rum, gin, vodka, ou outras bebidas alcoólicas?

Não Sim

Já alguma vez vendeste marijuana, haxixe ou erva?

Não Sim

Já alguma vez vendeste droga dura como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy, etc?

Não Sim

:

Se indicaste que (sim) já fizeste uma ou mais destas coisas. Agora, eu gostaria de te perguntar alguns detalhes sobre elas.

Se respondeste que não a todas as questões avança até ao final do questionário (página 23 se desejares assinar o teu nome).

PARTE 6 B: QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE ÁLCOOL E DROGAS

Se mencionaste que usaste marijuana, haxixe ou erva ou cheiraste colas, vernizes ou gasolina.

194. Com que idade fizeste isso pela 1ª vez? ___anos. Os teus pais souberam? Não Sim
195. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes? ____vezes
196. Falando da última vez, o que tipo de droga usaste? Marijuana ; Haxixe ; Erva ; Colas, vernizes, gasolina .
197. Falando da última vez, quantos fumaste (charros ou equivalente)___Onde? _____
198. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
199. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
200. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que usaste drogas duras como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy, etc .

201. Com que idade fizeste isso pela 1ªvez?___anos. Os teus pais souberam? Não Sim
202. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes? ____vezes
203. Na última vez, o que tipo de droga usaste? Heroína ; Metadona , Cocaína ; Crack ; Anfetaminas (speeds) , Tranquilizantes (drunfos) ; Anfetaminas ; LSD ; Ecstasy ; Outras: _____
204. Quanto pagaste por ela?_____€ Onde é que o fizeste desta última vez? _____
205. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
206. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
207. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que usaste cerveja, vinho, whisky, rum, gin, vodka, ou outras bebidas alcoólicas.

208. Com que idade fizeste isso pela 1ªvez?___anos. Os teus pais souberam? Não Sim
209. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes? ____vezes
210. Na última vez, o que tipo de bebida bebeste? Cerveja ; Vinho ; Bebidas com muito álcool (whisky, rum, gin, vodka, etc) ; Várias destas bebidas combinadas .
211. Quantos copos ou garrafas? __copos __ garrafas. Onde? _____
212. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
213. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
214. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que vendeste marijuana, haxixe ou erva.

215. Com que idade fizeste isso pela 1ªvez? ___anos. Os teus pais souberam? Não Sim
216. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes? ____vezes
217. Falando da última vez, que tipo de drogas vendeste? Marijuana ; Haxixe ; Erva
218. Quanto dinheiro obtiveste? _____ €
219. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
220. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
221. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Se mencionaste que vendeste drogas duras como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy, etc.

222. Com que idade fizeste isso pela 1ªvez? ___anos. Os teus pais souberam? Não Sim
223. Fizeste isso durante o último ano? Não Sim Quantas vezes? ____vezes
224. Falando da última vez, o que tipo de droga vendeste? Heroína ; Metadona ; Cocaína ; Crack ; Anfetaminas (speeds) ; Tranquilizantes (drunfos) ; Anfetaminas ; LSD ; Ecstasy ; Outras: _____
225. Na última vez, quanto dinheiro obtiveste? _____ € Onde? _____
226. Fizeste isso sozinho ou acompanhado? Sozinho Acompanhado
227. Foste descoberto? Não Sim Por quem? _____
228. Que consequências tiveste pelo facto de teres sido descoberto? _____

Agradeço a tua colaboração. Recordo-te que todas as tuas respostas a este questionário são confidenciais e anónimas, só sendo utilizadas para fins de investigação científica.

Márcia Mendes

Estudo dos factores preditores da delinquência nos jovens ao nível pessoal, familiar e social, propondo-se, sobretudo, analisar o fenómeno da delinquência à luz das interpretações psicológicas e sociológicas.*

Márcia Mendes*

Jorge Quintas***

* O presente estudo insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e da Transgressão no Instituto Superior de Ciências da Saúde Norte (ISCS-N) – Departamento de Psicologia do ISCS-N, UnIPSa.

** Licenciatura em Psicologia Clínica, pela Universidade de Coimbra e aluna de Mestrado de Psicologia Forense e da Transgressão.

***Orientador desta investigação no âmbito do mestrado da Psicologia Forense e da Transgressão

RESUMO

Com o presente estudo pretendemos caracterizar os diferentes comportamentos transgressivos e reforçar a necessidade da identificação de factores de risco individuais e ambientais, designadamente os familiares, escolares e relativos aos pares que tornam determinados grupos vulneráveis.

O consumo de álcool e os comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, são os mais frequentes e os contra a propriedade e os violentos são os menos praticados. Face à análise da literatura, surgiram-nos seis hipóteses de investigação relativas aos factores de risco, das quais três foram, pelo menos parcialmente, confirmadas e as restantes três infirmadas. Os rapazes apresentam mais comportamentos transgressivos do que as raparigas, o envolvimento e a supervisão parental e a auto-percepção escolar são determinantes na manifestação de comportamentos transgressivos. As competências pró-sociais, a ocupação dos tempos livres dos jovens, com pares, em actividades desportivas organizadas, e a relação com namorados não se afiguram como determinantes para a diminuição dos comportamentos transgressivos.

Palavras-chave: adolescência, delinquência, comportamentos transgressivos, desviantes, danos, violentos, abuso de álcool e drogas.

Abstract

In this study we intend to reinforce the urge of identifying the risk factors which make certain groups vulnerable, in order to, and more specifically, differentiate the several transgressive behaviours; evaluate and characterize the individual factors of the young people and their

influence on delinquent behaviours; identify and characterize the environmental factors, such as related to family, school and peers, and their influence on delinquent behaviour.

Concerning the general and specific aims that we intend to achieve with this study, and given the literature review, we came to six hypothesis of research to support. From those, three were totally confirmed and three of them were confirmed partially. Boys present more transgressive behaviours than girls, the involvement and parental supervision, and the young's self-perception at school are determinant in the expression of transgressive behaviours. The pro-social skills, the young people's free-time occupation, with peers, in organized sports activities, and the relationship with girlfriends or boyfriends do not seem critical to the reduction of transgressive behaviours.

Key words: adolescence, delinquency, transgressive behaviours, deviance, damages, violent, alcohol and drugs abuse.

INTRODUÇÃO

Capítulo I – Introdução

A Delinquência Juvenil, associada a complexas consequências sociais, tem sido alvo de estudos e investigações aprofundados que se estendem pelos diversos domínios das Ciências Sociais e Humanas como a Psicologia, a Sociologia e o Direito (Born, 2005). É frequente, e cada vez mais generalizado, o discurso que confirma o facto de haver um crescente número de transgressões cometidas por jovens, classificadas como Delinquência Juvenil e que constituem um problema social grave com tendência a aumentar drasticamente de frequência e intensidade (Born, 2005). Surgem, assim, algumas dúvidas acerca da credibilidade destas informações, tantas vezes empoladas pelos *Media* e dotadas de pouco rigor científico (Born, 2005).

No presente trabalho pretendemos, sobretudo, explorar as questões que se prendem com a etiologia do fenómeno, vista à luz das interpretações psicológicas e sociológicas sem perdermos de vista que “*a delinquência não é um constructo unitário*” (Marques, 1995), devendo, portanto, ser estudada como um “*fenómeno dialéctico e não absoluto*” (Veríssimo, 1990).

Ao longo deste trabalho salientamos a importância da família, dos modelos, do contexto, do indivíduo e do grupo de pertença, para a aquisição de conhecimentos, troca de informação e para a prática de actividades lúdicas e desportivas (Sprinthall & Collins, 2008). Efectivamente, quando este grupo adopta condutas desviantes, o sujeito acaba por segui-las, quer por receio de não ser aceite, quer por ser a referência que tem, assumindo as suas normas internas como adequadas (Sprinthall & Collins, 2008).

Deste modo, deve ter-se em atenção, não só os comportamentos desviantes, como também os actores e o cenário, ou seja, todo o meio envolvente e o contexto em que se realizou o delito, para chegar ao entendimento do “porquê” (Costa, 1999).

Por sua vez, também não podemos subvalorizar aspectos como a urbanização crescente e acelerada, que poderá acarretar condições precárias para muitas famílias; o desemprego que cada vez é mais elevado, resultando em situações de pobreza extrema para muitos indivíduos; o crescente número de estrangeiros que se fixaram no nosso país, sem as condições mínimas de habitabilidade e subsistência, as chamadas “minorias étnicas”; as pressões da sociedade consumista em

que vivemos e que apelam à marginalidade como forma de obter o que de outra forma não se poderá adquirir e, por fim, mas não menos importante, a diminuição do número de famílias tradicionais com os seus valores, a desresponsabilização dos pais na educação dos filhos e a transferência de papéis para outras instituições (Costa, 1999).

Concluimos, assim, que os comportamentos delinquentes são entendidos como divergentes da norma e objectivados, sendo actos que infringem as normas legais e considerados socialmente como errados (Ferreira, 1997).

Conceptualização e Perspectivação – delinquência

Conceptualização

A delinquência emerge, particularmente, quando a família, a escola e a comunidade falham na sua função ou quando permitem que a pobreza, a ignorância ou o abandono se intrometam no dever de educar adequadamente as crianças (Marques, 1995).

A delinquência juvenil é, portanto, o comportamento que os jovens estabelecem com a família, os amigos e outros adultos nos espaços onde a delinquência emerge, podendo a sua gravidade ser variável. Por exemplo, alguns comportamentos são graves na medida em que desafiam valores institucionais e sociais; outros são triviais, não constituindo ameaça para esses valores, mas são considerados suficientemente ofensivos para a sensibilidade dos outros, podendo, por isso, justificar a intervenção legal (Marques, 1995). Por outro lado, os crimes são sempre considerados delinquência quando cometidos por menores, excepto quando o crime é cometido por alguém demasiado novo para poder ser considerado responsável por ele (Marques, 1995).

A influência da escola e da família na génese da delinquência pode ser descrita através da passagem de uma socialização primária, centrada na família, para uma socialização secundária, baseada na escola e nas relações grupais (Sprinthall & Collins, 2008).

A importância da família na socialização primária fica a dever-se à intensidade com que reforça as orientações e as práticas que promovem a identidade do delinquente, que se estrutura a partir de um desenvolvimento grupal oposicional, que se encontra na interiorização dos controlos e assegura a conformidade (Sprinthall & Collins, 2008). A supervisão e o acompanhamento são igualmente importantes, mas este tipo de controlo externo tende a escapar ao âmbito da acção familiar a partir do momento em que se começam a sentir os efeitos da socialização secundária (Sprinthall & Collins, 2008). A partir desse momento aumenta a exposição à influência das relações e das acções externas sobre os comportamentos dos adolescentes e jovens (Sprinthall & Collins, 2008). Esta exposição é normalmente vista como uma razão para a emergência da delinquência (Sprinthall & Collins, 2008).

De facto, a delinquência juvenil assume, normalmente, um carácter esporádico e transitório (Sprinthall & Collins, 2008). No decurso da adolescência a delinquência pode assumir um papel positivo, quando é a partir dela que se clarificam os limites dos comportamentos, o significado situacional dos valores e das normas e as consequências das sanções (Sprinthall & Collins, 2008).

A delinquência traduz-se, assim, pelos comportamentos ou actos que fogem às regras socialmente aceites e definidas pela lei (Born, 2005). Dito de outra forma, e segundo Ferreira (1997; cit. Benavente, 2002), este tipo de desvios são *“actos que infringem as normas legais e considerados*

consensualmente como errados”.

Outro autor, Costa (1999), diz que a delinquência pode ser vista por dois prismas, “(...) *como fenómeno associado a todo o tipo de comportamento anti-normativo(...)*” ou, por outro lado, “(...) *como realidade circunscrita apenas aos comportamentos anti-normativos que integram infracções jurídico-penais*”. Esta última refere-se aos comportamentos que legalmente são considerados crimes (Costa, 1999). Nesta linha de pensamento, o autor define delinquente juvenil como aquele (criança ou jovem) que comete ou é acusado de cometer um delito (Costa, 1999).

Segundo Benavente (2002), os comportamentos delinquentes são considerados ou deverão ser considerados normais na fase da adolescência, uma vez que estão relacionados com a tentativa de resolução de conflitos e de aquisição de novas formas de socialização. De outra forma, podemos afirmar que estão directamente ligados aos processos de desenvolvimento e crescimento que passam, por exemplo, pela mudança no relacionamento com os pais, onde as recusas em cumprir as regras por eles impostas são frequentes (Benavente, 2002). Também não podemos esquecer que o comportamento desviante pode ser somente a projecção dos medos interiores, próprios e tão comuns nos jovens (Benavente, 2002). Considerando que são condutas normais desta fase de desenvolvimento, é consensual para os autores que este comportamento delincente vai diminuindo até ao final da adolescência (Benavente, 2002). Referimos, assim, as circunstâncias ditas normativas, pois, na verdade, caso as respostas sociais não sejam as mais adequadas, estes comportamentos poderão tornar-se patológicos (Benavente, 2002).

Outros autores, referiram que a adolescência é a passagem “(...) *do estado de dependência social e*

psicológico para um estado progressivo de independência” (Sprinthall & Collins, 2008). Assim, o comportamento do indivíduo vai ser o reflexo desse mesmo percurso, que acaba por ser comum a todos os jovens, apesar de se manifestar de formas diferentes, consoante o meio em que está inserido e a forma como foi educado (Sprinthall & Collins, 2008).

Perspectivação

Perspectiva Psicossocial

Segundo esta perspectiva, os actos de delinquência são actos sociais, ou seja, actos que põem em ligação os seres humanos, sem que isso aconteça necessariamente numa relação imediata, no aqui e agora (Laranjeira, 2007).

Neste conjunto de comportamentos sociais, distinguimos comportamentos neutros (e.g. tirar apontamentos numa aula), comportamentos pro-sociais (e.g. deitar o lixo no caixote), comportamentos sociais que podem provocar um dano sem que haja vontade de prejudicar (e.g. partir um objecto) e comportamentos anti-sociais que traduzem uma intenção negativa (e.g. roubar) (Laranjeira, 2007).

A perspectiva psicossocial toma por fundamento que todo o acto delituoso, isto é, contrário à norma legal ou sociológica, evolui no espaço e no tempo (e.g. um acto reprovado numa sociedade não é forçosamente noutra) (Born, 2005). A avaliação da desviância de um acto pode variar conforme o grupo social, religioso, cultural, étnico ou tribal (Born, 2005).

Perspectiva criminológica

Segundo esta perspectiva, não só as leis mudam, como também a definição daquilo que é considerado como interdito. Como explicou Cusson (1990), a acção repressiva do Estado intervém na dinâmica do sistema do crime. Quando os casos criminais se tornam muito numerosos, desencadeia-se no sistema penal um movimento de evacuação do excesso de casos. Os agentes penais são, então, levados a

banalizar a delinquência menor em excesso e a expulsá-la do aparelho (Cusson, 1990).

O contexto social e legal define a gravidade dos actos cometidos, (Robert & Otrive, 1993) mas não existe um critério claro e definitivo para estabelecer uma ordem de gravidade dos actos.

Assim sendo, socialmente, a perspectiva criminológica visa ultrapassar os limites da delinquência oficial, utilizando todas as fontes possíveis do saber sobre a delinquência, com recurso às autoconfissões e aos estudos de vitimização (Born, 2005). As teorias têm de fazer compreender como certas pessoas se tornam autores de delinquência tendo em conta o conjunto dos elementos fornecidos por todos os actores da cena criminológica (Born, 2005).

Perspectiva desenvolvimental

Segundo esta perspectiva, uma vez que o acto de delinquência surge num determinado momento da vida, é preciso compreendê-lo na sua génese (Born, 2005).

Para compreender o acto delinquentes, é necessário encarar dois pontos de vista, o da macrogénese e o da microgénese (Born, 2005).

A macrogénese considera o conjunto da vida do indivíduo antes da passagem ao acto (Born, 2005), onde se podem identificar os mecanismos que, a longo prazo, levaram à passagem ao acto (Born, 2005). Por sua vez, a microgénese interessa-se pela sucessão das fases antes e em torno do acto da delinquência (Born, 2005), reportando-se aos acontecimentos e aos mecanismos ocorridos na periferia imediata da passagem ao acto (Born, 2005).

Quando estudamos a trajectória de vida dos delinquentes, apercebemo-nos, frequentemente, de que diversos insucessos surgiram no processo de socialização (Born, 2005). Assim, o processo de socialização actua ao longo de toda a vida, mas é particularmente

importante durante a infância e, sobretudo, durante a adolescência (Born, 2005). Esta perspectiva tenta, assim, compreender os mecanismos de socialização – associalização (Born, 2005).

A associalização provoca processos de marginalização e de exclusão, que por sua vez fazem aumentar a associalidade (Born, 2005). É por isso que um acto delinquentes pode, por exemplo, explicar-se por um fenómeno de exclusão, a qual produzirá depois a delinquência (Born, 2005).

Factores preditores da delinquência

Durante muitos anos, as teorias sobre comportamentos delinquentes eram de natureza sociológica. Assim sendo, jovens socialmente e economicamente carenciados, incapazes de adquirirem sucesso através de meios legítimos e de serem socialmente aceites, voltar-se-iam para o crime (Ballone, 2003).

Actualmente, a Psicologia e a Sociologia têm-se mostrado mais dispostas a considerar como factores causais a integração, entre características individuais e forças ambientais (Ballone, 2003).

Importa, contudo, reter a noção de Rutter (2000), segundo o qual, a delinquência não surge devido à existência de um factor de risco em particular, mas da conjugação de diversos factores de risco no passado da criança. Na realidade o comportamento delinquentes depende da interacção entre os genes, o ambiente e a história de adaptação do indivíduo (Aguilar *et al.*, 2000). Para o aparecimento deste tipo de problemas, existem factores familiares, sociais e económicos que são determinantes (Aguilar *et al.*, 2000).

Também as teorias da aprendizagem social – imitação ou modelagem – defendem a influência do grupo sobre os jovens, mostrando que a conformidade jovem/grupo, condiciona determinados comportamentos, tal como: roubo, consumo de substâncias, abandono escolar, entre outros (Ventura, 1999). O comportamento de imitação tende a tornar-se mais frequente quando gera consequências positivas do que quando não tem consequências ou quando elas são negativas (Simões, 2007).

Para além dos processos de

socialização e das explicações facultadas pelas teorias da aprendizagem social, a formação de “gangs”, pode, em alguns contextos, tornar-se vital, sendo, segundo Digneffe (1989), uma forma de organização num universo desorganizado. Por isso, é também importante considerar o grau de inserção grupal do delinvente, que muitas vezes apresenta um comportamento perfeitamente adequado às leis do grupo em que se integra, podendo existir conduta delinvente sem haver alteração psíquica na forma de doença mental (Matos, 1978).

Por outro lado, a delinquência explica-se através da aprendizagem de comportamentos socialmente desviantes através da exposição às acções dos outros (Marques, 1995). Em consequência da dinâmica de aprendizagem, essas acções são tomadas pelo adolescente como modelos para as suas próprias acções (Marques, 1995). O comportamento de imitação tende a tornar-se mais frequente quando gera consequências positivas, do que quando não tem consequências ou quando elas são negativas (Marques, 1995). Devido ao reforço diferencial, as crianças aprendem a valorizar determinados comportamentos em relação a outros (Marques, 1995).

Psicossociais

O conceito de delinquência juvenil surge como uma construção social e institucional (Benavente, 2002). A um determinado nível, a delinquência juvenil é definida a partir das leis, das práticas e das crenças relativas ao comportamento das crianças e dos jovens. A um outro nível, a delinquência juvenil é entendida como o comportamento que os jovens estabelecem com a família, amigos e outros adultos nos espaços onde a delinquência emerge (Benavente, 2002).

Simões (2007) define a escola como meio juvenil por excelência, como local privilegiado para a formação de grupos etariamente homogéneos, partilhando representações e interesses comuns que constituem a chamada subcultura juvenil (Simões, 2007). Assim sendo, assume-se como um contexto propício à comunicação entre os membros de um grupo e à utilização do tempo livre para a promoção de interesses pessoais, inibindo a manifestação da delinquência (Ferreira, 1997). Para tal, contribuem as atitudes positivas – auto-percepção escolar positiva

- face à escola e aos professores e a participação nas actividades escolares (Ferreira, 1997). Assim a relação entre a escola e a delinquência pode ser analisada numa perspectiva de controlo, em que a força dessas orientações e definições é profundamente influenciada pelo modo como os factores sócio-económicos moldam o tecido relacional que estrutura o conteúdo e a natureza das práticas educativas através das quais se incutem e se exercem os controlos sociais (Simões, 2007).

Familiares

No que respeita à influência da família, as pesquisas sugerem que a utilização de estratégias disciplinares coercivas estão positivamente associadas aos comportamentos desviantes de crianças e jovens pelo que, uma modificação na abordagem educativa, poderia traduzir-se numa diminuição dos comportamentos desviantes (Ferreira, 1997). A inconsistência da autoridade parental, contrariamente à supervisão e envolvimento parental, poderá ser outro factor a considerar quando pensamos numa intervenção preventiva com a família (Pólvora, 1986). A diminuição dos padrões de funcionamento familiar perturbados, nomeadamente da carência económica, parentalidade precoce, elevados níveis de stress, défices de apoio social, monoparentalidade e violência conjugal, contribuirão para uma diminuição dos comportamentos delinquentes (Rodrigues & Machado, 1999).

Neste âmbito, a delinquência é vista como uma falta de controlo, uma demissão do mundo adulto das suas responsabilidades em relação à geração mais nova (Ferreira, 1997). A falta de supervisão e envolvimento parental ao longo do desenvolvimento infantil e juvenil justifica o aparecimento de comportamentos que muito se afastam daquilo que é considerado ideal (Ferreira, 1997).

A família actua como um travão contra as influências desviantes, proporcionando ao jovem uma fonte de motivações para se conformar com as normas e regras sociais (Chamboredon, 1997). Quando os pais desaprovam fortemente a prática de comportamentos delinquentes, diminuem a probabilidade de os filhos integrarem definições favoráveis à aceitação desses comportamentos

(Chamboredon, 1997). Do mesmo modo, a existência de grupos de pares com práticas delinquentes aumenta a possibilidade de aquisição de definições favoráveis à delinquência (Chamboredon, 1997).

Individuais

Um dos factores preditores da delinquência centra-se no indivíduo e nas suas características pessoais, logo, multifacetado devido à diversidade de comportamentos – competências pró-sociais: auto-controle, percepção positiva e negativa de si mesmo - à diversidade de contextos, à variação por sexo e idade de ocorrência, residindo na ausência relativa de laços fortes entre o indivíduo e a ordem social (Marques, 1995). Esses laços implicam relações com os outros e com as instituições convencionais, envolvimento com orientações e fins legítimos e crença na legitimidade da ordem legal (Marques, 1995). A presença destes elementos inibe o aparecimento da delinquência na medida em que assegura o controlo externo e interno dos jovens (Marques, 1995). Assim, quanto menos sujeito a esse controlo, mais o jovem se predispõe para a delinquência (Marques, 1995).

O delinquente apresenta um défice em competências pró-sociais, demonstrando desinteresse e recusa pelo comportamento responsável, não levando em consideração as necessidades dos outros, ignorando o facto de o seu comportamento poder prejudicá-lo, revelando, ainda, dificuldades na resolução de problemas e em aprender com a experiência (Born, 2005). Neste sentido, qualquer experiência emocional negativa leva a que o jovem possa adoptar uma atitude de fuga, de passagem ao acto, ou mesmo evitar a intimidade ou dependência dos outros (Born, 2005).

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por 90 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos. A maioria dos jovens (71,10%) tem entre 14 e 17 anos. Há um pequeno grupo de jovens com 13 anos (8,90%) e os restantes 20% têm 18 ou mais anos.

Relativamente ao sexo dos inquiridos, verifica-se que 54,40% dos respondentes são do sexo masculino e 45,60% são do sexo feminino.

No que concerne às habilitações literárias, a maioria dos jovens (78,90%) tem uma escolaridade compreendida entre o 7º e o 9º ano. Dos restantes, 17,70% têm habilitações ao nível do 2º ciclo e apenas 3,30% frequentaram o ensino secundário.

Quando abordada a variável retenção, verificámos que a nossa amostra é composta, na sua maioria (70%), por jovens que já ficaram retidos. Destes, 34,90% reprovaram apenas uma vez, seguindo-se 31,70% de inquiridos que afirmam já terem reprovado duas vezes. Finalmente, com três ou mais retenções encontramos 33,40% dos inquiridos.

Relativamente à noção da importância da escola (auto-percepção escolar), verificámos que dos 90 inquiridos, 41 não gostam de ir à escola e 39 consideram ter dificuldades de aprendizagem.

No que ao tipo de habitação diz respeito, verifica-se que a maioria dos inquiridos (57,80%) vive numa casa, seguindo-se 33,30% dos inquiridos, que vivem num apartamento e, por último, apenas 8,90%, vivem num bairro social, sendo que a maioria dos inquiridos (64,40%) considera que a manutenção da sua habitação é boa e apenas 6,7% dos inquiridos consideram que a sua habitação é má.

No referente ao agregado familiar dos inquiridos, pode dizer-se que, na sua maioria (58,90%), os inquiridos vivem com os pais e irmãos. No entanto, parece-nos importante salientar que 21,10% dos inquiridos são oriundos de famílias monoparentais.

Quanto ao dinheiro disponível, verificámos que, em média e por semana, 80% dos inquiridos dispõem de menos de 20€, dinheiro esse proveniente, na sua maioria, dos pais (68,90%), seguindo-se 26,70% dos inquiridos que afirmam que o dinheiro é fruto do seu trabalho.

No que se refere à profissão mais recente dos pais dos inquiridos, 23,20% deles têm profissões relacionadas com a construção civil ou com a indústria da madeira. Quanto ao emprego mais recente das mães, 44,40% têm profissões relacionadas com limpezas e relacionadas com a casa (domésticas).

Quando questionados relativamente ao facto de participarem ou não em actividades desportivas, constatámos que a

maioria respondeu positivamente (56,70%), e os restantes afirmaram não praticarem qualquer modalidade desportiva.

Quanto ao tipo de actividades desportivas praticadas, verificámos serem relativamente variadas, destacando-se o futebol (41%) e a dança/ginástica (18%). O tempo médio despendido oscila entre as duas e as quatro horas por semana, sendo que 5% dos inquiridos afirmaram dedicarem mais de oito horas semanais ao desporto.

No que diz respeito às relações com os pares, foi avaliado o facto de os inquiridos terem ou não namorado e constatámos que 44,40% respondem positivamente. Desses, 97% desejam que a relação dure.

No que concerne às pessoas com quem os inquiridos passam o seu tempo livre, verificámos que no topo da lista surge o grupo de amigos, com 45,60%, seguindo-se a família, com 25,60%. Realce-se, ainda neste ponto, o facto de quatro jovens dizerem passar o seu tempo livre sozinhos.

Quando questionados acerca do número de amigos íntimos, constatámos que 50% dos inquiridos têm cinco ou mais amigos íntimos, seguindo-se 24,40% dos inquiridos que contam apenas um amigo íntimo.

No que se refere às competências pró-sociais, percebemos que os inquiridos têm uma elevada auto-estima, pois a pergunta “Gostas de ti?” é aquela que atinge a média mais elevada (5,29), sendo que a pontuação máxima é de 6 (sempre).

O terceiro grupo de questões aborda a caracterização dos inquiridos relativamente à supervisão e envolvimento parental.

Deste modo, relativamente aos pais, o modo como os caracterizam e, ainda, o tipo de relacionamento que têm com eles, verificámos, com satisfação, que 85,50% dos inquiridos se relacionam bem com o pai e 90,90% dos inquiridos se relacionam bem com a mãe. No que respeita ao pai responderam apenas 80 dos inquiridos e no que respeita à mãe responderam 89 inquiridos.

Destacando-se, contudo, pela negativa, o facto de os pais dos inquiridos, passarem muito tempo fora de casa. Sendo ainda mais grave a questão relativa ao emprego, uma vez que 37,60% dos pais

estão desempregados, tal como 60,60% das mães.

Objectivos

Este estudo foi realizado com o objectivo geral de estudar os factores preditores da delinquência nos adolescentes e jovens ao nível pessoal, familiar e social, visando, sobretudo, analisar o fenómeno à luz das interpretações psicológicas e sociológicas.

Assim, e reforçando a necessidade da identificação de factores de risco que tornam determinados grupos vulneráveis, salientam-se como objectivos específicos os seguintes: caracterizar os diferentes comportamentos desviantes; avaliar e caracterizar os factores individuais dos jovens e a sua influência nos comportamentos delinquentes; identificar e caracterizar os factores ambientais, designadamente os familiares, escolares e relativos aos pares, bem como a sua influência nos comportamentos delinquentes.

Hipóteses da Investigação

Tendo em atenção os objectivos a atingir com o presente estudo, e face à análise da literatura, surgiram assim as seguintes hipóteses de investigação e indicadores essenciais para corroborar as seis hipóteses por nós levantadas:

Hipótese 1 - Os rapazes apresentam mais comportamentos delinquentes do que as raparigas;

Hipótese 2 - Os jovens com supervisão e envolvimento parental manifestam menos comportamentos delinquentes;

Hipótese 3 - Os jovens que apresentam competências pró-sociais apresentam menos comportamentos delinquentes.

Hipótese 4 - Os jovens que ocupam o tempo livre com pares, em actividades desportivas organizadas, manifestam menos comportamentos delinquentes.

Hipótese 5 - Os jovens que ocupam o tempo livre com pares, namorados, manifestam mais comportamentos delinquentes.

Hipótese 6 - Os jovens com auto-percepção escolar positiva manifestam menos comportamentos delinquentes.

Instrumento

O instrumento utilizado na investigação empírica deste trabalho teve por base o Questionário Internacional de

Delinquência Auto-Revelada (*International Self-Report Delinquency Project*), elaborado para a "Pesquisa Internacional sobre Delinquência Juvenil Auto-revelada" (*International Self-Report Delinquency Project*) pelo Centro de Investigação e Documentação (*Research and Documentation Center - RDC*), Ministério da Justiça, Haia, Holanda, 1991, e traduzido pelo Centro de Estudos Judiciários, entidade portuguesa que participou na pesquisa internacional, e adaptado pelo Observatório Permanente de Segurança do Porto, 1999, sendo, posteriormente, adaptado pelo autor desta investigação.

Procedimento

Inicialmente, efectuaram-se entrevistas exploratórias a seis jovens em situação de risco pessoal e social, com o objectivo de obter o maior número possível de informações sobre os temas em estudo, de forma a permitir que a nossa percepção sobre os diferentes aspectos a estudar fosse a mais correcta e, simultaneamente, construir e testar os instrumentos de recolha de dados.

Esta pesquisa exploratória permitiu, deste modo, um conhecimento prévio de vários aspectos relacionados com a infância e a adolescência em situação de risco pessoal e social e, simultaneamente, assumiu uma importância fundamental para a adaptação dos questionários. Ainda durante esta fase de pesquisa exploratória, realizou-se uma visita aos Equipamentos Sociais de Apoio a Crianças e Jovens da Associação Para a Promoção das Classes Sociais Menos Favorecidas – *Paços 2000*, a dois Bairros Sociais, nomeadamente em Seroa e Modelos, em Paços de Ferreira, e houve, ainda, reuniões com as Equipas de RSI local, com as Equipas CLDS (Contratos Locais de Desenvolvimento Social) e, finalmente, com a CPCJ de Paços de Ferreira, com o intuito de se proceder a uma sinalização dos jovens residentes no concelho alvo de intervenção psicossocial.

Os jovens em situação de risco pessoal e social, alvo de intervenção, pertencentes ao concelho de Paços de Ferreira, foram escolhidos de acordo com a sua disponibilidade para participarem no estudo, tendo sido contactados nas instituições onde frequentavam actividades ocupacionais, de formação ou de acompanhamento psicossocial. Foi pedido consentimento informado dos pais dos

inquiridos, no caso de serem menores, garantindo a confidencialidade e protecção da identidade na aplicação do instrumento. Logo, a amostra deve ser considerada intencional (Hill & Hill, 2002).

Durante o período de 16 de Maio de 2009 e 21 de Outubro desse mesmo ano, foram aplicados os questionários aos jovens, individualmente ou em pequenos grupos. Tratou-se de um processo bastante moroso, efectuado essencialmente em horário pós-laboral e durante os fins-de-semana, sendo que o tempo médio de aplicação do mesmo era de cerca de 30 minutos.

Instrumentos de Análise dos Dados

Todos os resultados apresentados no presente estudo referem-se aos dados obtidos através do questionário, sendo que os mesmos foram objecto de tratamento estatístico através do *package* estatístico S.P.S.S. (Statistical Package for the Social Sciences) versão 15.1. A análise de dados efectuada consistiu em estatísticas descritivas e inferenciais (Fortin, 1999). Nesta análise, as hipóteses foram testadas com uma probabilidade de 95%, de onde resulta um nível de significância de 5%.

Resultados

Caracterização da actividade delinquente

A actividade delinvente auto-relatada, relativa aos comportamentos desviantes, danos, infracções contra a propriedade, comportamento violento e consumos de álcool e drogas está sintetizada na tabela 1.

Foram criados índices dos comportamentos por áreas e respectivos totais, sendo estes resultado da soma das diferentes condutas apresentadas por cada jovem.

Assim, pela análise da Tabela 1, verificamos que 77,77% dos inquiridos, revelaram terem tido, pelo menos uma vez, um destes comportamentos transgressivos. Efectuando uma análise por domínio de comportamento, 60% dos inquiridos revelaram terem tido, pelo menos uma vez, um dos comportamentos desviantes. Destes, 38,90% tiveram comportamentos relativos a danos, 22,20% comportamentos referentes a infracções contra propriedade, 33,30% perpetraram comportamentos violentos e, por último, 61,10% apresentam consumos de álcool e drogas.

Tabela 1 – Comportamentos delinquentes

Comportamentos	Durante a vida		Idade de Início	Sozinho		Descoberto		Consequências	
	N	%	M	N	%	N	%	N	%
Comportamentos desviantes	54	60							
Alguma vez faltaste às aulas, pelos pelos durante um dia inteiro, sem motivo?	46	51,10	12,98	12	26,10	27	58,70	15	55,60
Alguma vez fugiste de casa, por uma ou mais noites, sem remissão dos teus pais ou teus responsáveis?	13	14,40	14,54	5	38,50	11	84,60	7	63,60
Alguma vez andaste de autocarro, comboio, eléctrico, metro sem pagar?	11	12,20	11,10	1	10,70	1	10	0	0
Alguma vez conduziste um carro ou mota sem teres carta de condução / seguro?	17	18,90	15,88	4	23,50	6	35,30	5	83,30
Alguma vez escreveste ou fizeste desenhos / pinturas (graffitis) paredes, paragens ou bancos de autocarros?	19	21,10	12,89	3	16,70	3	16,70	1	33,30
Comportamento danos	35	38,90							
Comportamento infracções contra propriedade	20	22,20							
Alguma vez tiraste dinheiro de um telefone público ou de uma máquina automática de venda de produtos?	4	4,40	12,25	1	25,00	4	100	2	50
Alguma vez tiraste qualquer coisa de uma loja?	5	5,60	13,00	2	40	0	0	0	0
Alguma vez tiraste qualquer coisa na escola?	6	6,70	10,50	2	33,30	3	50	2	33,30
Alguma vez tiraste qualquer coisa da casa onde vives?	2	2,20	10,50	2	100	0	0	0	0
Alguma vez roubaste uma bicicleta ou motociclo?	2	2,20	13,50	0	0	0	0	0	0
Alguma vez roubaste 1 carro?	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alguma vez tiraste uma peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior?	1	1,10	17,00	1	100	0	0	0	0
Alguma vez tiraste a uma pessoa (como fazem os carteiristas) a carteira ou porta moedas?	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alguma vez tiraste à força a uma pessoa (por esticção) a carteira, um saco, um fio ou qualquer outro objecto que levasse consigo?	1	1,10	21	1	100	0	0	0	0
Alguma vez entraste sem autorização numa casa, jardim privado, ou em qualquer outro?	9	10,00	14,00	1	11,10	1	11,10	0	0
Alguma vez compraste ou vendeste algo que sabias ou suspeitavas, na altura, que tinha sido roubado?	2	2,20	15,50	0	0	0	0	0	0

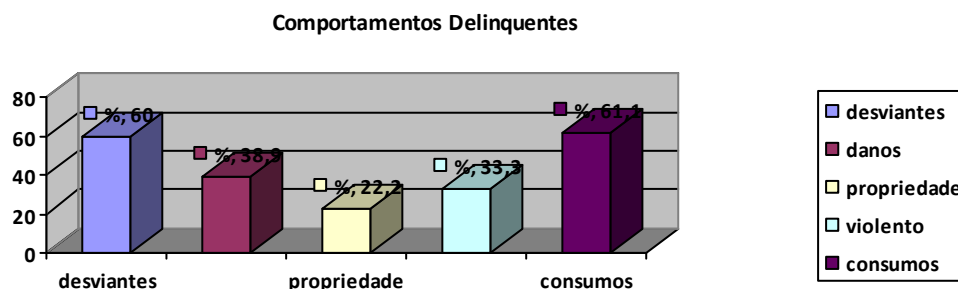
Comportamento Violento	30	33,30							
Alguma vez andaste armado?	8	8,90	14,75	2	25,00	2	25	1	50
Alguma vez ameaçaste alguém que batias ou com uma arma para conseguires dinheiro ou valores?	8	8,90	13,25	3	37,50	2	25	1	50
Alguma vez estiveste envolvido em lutas ou desordens de grupo....?	22	24,40	14,36	5	22,70	0	0	0	0
Alguma vez puseste fogo de propósito em algo que não te pertencia?	1	1,10	10,00	0	0	1	100	0	0
Alguma vez bateste em alguém não pertencente à tua família...?	7	7,80	14,43	2	28,60	2	28,60	2	100
Alguma vez bateste em alguém pertencente à tua família próxima...?	3	3,30	18,00	2	66,70	1	33,30	0	0
Alguma vez feriste alguém de propósito com uma navalha, um pau ou qualquer outra arma?	1	1,10	16,00	0	0	0	0	0	0
Comportamento de consumo de álcool e drogas	56	62,22							
Alguma vez usaste marijuana, haxixe ou erva ou cheiraste colas, vernizes ou gasolina?	17	18,88	14,19	0	0	2	12,50	2	100
Alguma vez usaste marijuana, haxixe ou erva dura como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy, etc?	4	4,40	18,25	1	25	0	0	0	0
Alguma vez usaste cerveja, vinho, whisky, rum, gin, vodka, ou outras bebidas alcoólicas?	56	62,22	13,49	4	7,80	18	35,30	5	27,80
Alguma vez vendeste marijuana, haxixe ou erva?	3	3,33	16,00	1	33,30	0	0	0	0
Alguma vez vendeste droga dura e.g. heroína, cocaína, crack, anfetaminas (speeds), tranquilizantes (drunfos), ecstasy?	3	3,33	18,00	2	66,70	0	0	0	0
Total	70	77,77							

De seguida, será apresentado um gráfico-síntese (Gráfico 1) do total dos comportamentos delinquentes, salientando-se como comportamento transgressivo mais manifestado pelos jovens o consumo de álcool ou drogas, com uma percentagem de 61,10 %, seguido dos comportamentos desviantes, considerados na literatura como

delitos típicos da juventude, com uma percentagem de 60,00%.

Por outro lado, com base no gráfico 1, verificamos que o comportamento menos frequente se prende com as infrações contra a propriedade, com uma percentagem de apenas 22,20%.

Gráfico 1 – Comportamentos delinquentes



Um primeiro conjunto de questões tem como objectivo conhecer as transgressões típicas cometidas pelos jovens inquiridos, tal como: se já faltou às aulas, fugiu de casa, andou de transportes sem pagar, conduziu sem carta ou fez pinturas em locais públicos. De entre este tipo de comportamentos desviantes, destaca-se o absentismo às aulas (51,10%) e verifica-se que os restantes quatro comportamentos desviantes também apresentam valores significativos na ordem, em termos médios, dos 12,20 aos 21,10%.

De acordo com a mesma tabela, constatamos que a idade de início dos inquiridos em comportamentos desviantes varia, em média, entre os 11,10 e 15,88 anos, sendo que na sua maioria foram descobertos e sofreram as consequências.

Deste modo, no que se refere ao facto de “faltarem às aulas”, apenas 26,10 % destes o fizeram sozinhos e 58,70% foram descobertos, tendo havido lugar a consequências em 55,60% dos casos.

Quanto ao segundo comportamento desviante “Fugir de casa, por uma ou mais noites sem permissão” verificamos, pela análise da tabela 1, que 38,50 % destes o fizeram sozinhos e na sua maioria (84,60%) foram descobertos, sendo que destes, 63,60% tiveram consequências.

Relativamente ao terceiro comportamento desviante “Andar de autocarro, comboio, eléctrico ou metro sem pagar”, verificamos, pela análise da tabela 1, que apenas 10,70% destes o fizeram sozinhos, tendo apenas sido descobertos em 10% dos casos e não tendo sofrido quaisquer consequências.

Referindo-nos ao quarto comportamento desviante “Conduzir um carro ou mota sem carta de condução ou seguro”, verificamos, pela análise da Tabela 1, que apenas 23,50% destes o fizeram sozinhos, desses 35,30% foram descobertos

e, na sua maioria, (83,30%) tiveram consequências.

No quinto comportamento desviante “Escrever ou fazer desenhos ou pinturas (*graffitis*) em paredes, autocarros, bancos de autocarro ou abrigos de paragens de autocarro, etc”, verificamos, pela análise da tabela 1, que 21,10% dos inquiridos responderam afirmativamente, mas apenas 16,70% destes tiveram este comportamento sozinhos e todos foram descobertos. Todavia, no que se refere às consequências, apenas 33,30% as sofreram.

Nas ruas das nossas cidades deparamo-nos inúmeras vezes com objectos vandalizados, sejam eles paragens do autocarro, caixotes do lixo, cabines telefónicas, entre outros. Deste modo, foram colocados à análise dos inquiridos treze possíveis objectos passíveis de serem danificados, sendo que cada um deles teria de dizer se já tinha, ou não, danificado algum dos objectos apresentados.

Quanto aos comportamentos de danos, destaca-se que, no global dos comportamentos, apenas 35 dos inquiridos responderam terem perpetrado, pelo menos, um comportamento de dano na totalidade do grupo de questões, o que em termos médios representa apenas 38,90% dos inquiridos.

De acordo com a mesma tabela, quanto aos comportamentos de infracções contra a propriedade, que se encontram distribuídos por onze questões relativas às diferentes infracções, observa-se que a idade de início dos inquiridos varia, em média, entre os 10,50 e os 21 anos. Destaca-se, neste ponto, o facto de entrarem sem autorização numa casa ou jardim privado (10%), e tirarem coisas da escola, de casa ou de lojas que, em conjunto, equivalem a 13,50%.

Quando questionados se tinham praticado este tipo de comportamento

sozinhos, destacam-se os comportamentos “Tirar qualquer coisa de casa”, “Tirar uma peça ou acessório de carro”, “Tirar, à força, a uma pessoa, carteira ou porta-moedas”, a totalidade dos inquiridos respondeu afirmativamente, não tendo, no entanto, sido descobertos, nem sofrido consequências.

No que se refere a comportamentos violentos cometidos pelos jovens inquiridos, são colocadas sete grandes questões relativas a diferentes tipos de comportamentos violentos, nomeadamente se já andou armado, se esteve envolvido em lutas, se já colocou fogo e se já feriu alguém.

De acordo com a Tabela 1, destaca-se a idade média de início entre os 10 e os 18 anos.

Dos jovens inquiridos, 24,40%, referem já terem estado envolvidos em lutas ou desordens de grupo. Destes, 22,70% fizeram-no sozinhos e tiveram consequências na sua totalidade.

Seguem-se os comportamentos “Andar armado” (8,90%) e “Ameaçar bater em alguém para obter dinheiro ou valores” (8,90%), sendo que 25% o fizeram sozinhos e 50% tiveram consequências.

Relativamente ao comportamento “Pôr fogo de propósito em algo que não te pertencia” apenas foi respondido de forma positiva por um inquirido, com 10 anos, que estava acompanhado e não teve consequências.

Por último, e pela análise da Tabela 1, é possível observar cinco grandes questões relativas a diferentes tipos de consumos, nomeadamente, drogas leves, drogas pesadas e álcool, destacando-se especialmente o consumo de álcool e, em menor grau o consumo de drogas leves.

Na questão referente ao consumo de cerveja, vinho, whisky, rum, gin, vodka ou outras bebidas alcoólicas, 62,22% dos inquiridos respondeu já ter consumido, sendo a idade média de início de 13,49 anos. No que se refere ao facto de o terem feito sozinhos, apenas uma minoria, 7,80% dos inquiridos, respondeu de forma afirmativa; 35,30% dos quais foram descobertos e 27,80% tiveram consequências.

No que concerne ao uso de marijuana, haxixe ou erva e ao cheirar colas, vernizes ou gasolina, verificamos que 18,88% dos inquiridos já o fizeram, com

idade média de início de 14,19 anos, todos acompanhados, tendo 12,50% sido descobertos, acabando todos eles por terem sofrido consequências.

Por sua vez, no que se refere ao uso de marijuana, haxixe ou erva dura, como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (*speeds*), tranquilizantes (*drunfos*), ecstasy, etc., constatamos que 4,40% dos inquiridos responderam afirmativamente a esta questão, sendo que a idade média de início é de 18,25 anos. Assim, 25% dos inquiridos afirmam fazerem os seus consumos sozinhos, nunca terem sido descobertos, nem terem sofrido consequências.

Quanto à venda de marijuana, haxixe ou erva, 3,33% dos inquiridos responderam já o terem feito, sendo a idade média de início de 16 anos e 33,30% dos quais fizeram-no sozinhos, não tendo sido descobertos, nem tendo sofrido consequências.

Por fim, relativamente à venda de drogas duras como a heroína, cocaína, crack, anfetaminas (*speeds*), tranquilizantes (*drunfos*), ecstasy, etc. apurámos que 3,33% dos inquiridos já o fizeram, sendo a idade média de início 18 anos e, destes, 66,70% fizeram-no sozinhos, não tendo sido descobertos, nem sofrido consequências.

A tabela 2 apresenta a média de comportamentos praticados pelos jovens em cada domínio e no total. Em média, os participantes praticam cerca de 4 actos diferentes, dos 44 sobre os quais foram inquiridos.

Tabela 2 – Média do n.º de Comportamentos praticados

C. Transgressivos	M	Dp
Desviantes	1,18	1,19
Danos	1,01	1,70
Propriedade	0,38	0,87
Violento	0,59	0,04
Drogas e Álcool	0,86	0,02
Drogas	0,29	0,80
Total (44 comportamentos)	4,01	3,77

Dos seis tipos de comportamentos transgressivos representados salientamos os desviantes como sendo os mais praticados pelo total dos inquiridos (M=1,18) e danos (M=1,01), seguidos dos comportamentos de drogas e álcool (M=0,86). Salientamos ainda os comportamentos violentos como sendo praticados em média por 0,59 do total dos inquiridos. Percebemos ainda, pela análise da Tabela 2, que os comportamentos contra propriedade (M=0,38) e os

comportamentos de consumo ou venda de drogas ($M=0,29$) são aqueles que são menos frequentemente praticados.

Estudo dos Factores de Risco

Sexo - Relativamente à diferenciação dos comportamentos por sexo, podemos verificar na tabela 3, que no que se refere ao sexo dos jovens que manifestam comportamentos transgressivos, os jovens do sexo masculino apresentam, no total, mais comportamentos

transgressivos que os jovens do sexo feminino.

Quanto ao comportamento violento, percebemos, pela análise da tabela 3, que são os jovens do sexo masculino que revelam mais frequentemente este tipo de comportamento.

Por último, no que se refere aos restantes comportamentos transgressivos, a diferença entre os sexos não é significativa.

Tabela 3: Diferenciação dos comportamentos transgressivos por sexo (H 1)

Comportamentos Transgressivos	Rapazes		Raparigas		T	gl	P
	M	Dp	M	Dp			
Desviantes	1,31	1,02	1,08	1,29	1,12	88	0,26
Danos	1,22	0,76	1,78	1,58	1,31	88	0,19
Propriedade	0,53	1,04	0,20	0,56	1,85	88	0,07
Violento	0,82	1,18	0,32	0,76	2,33	88	0,02*
Álcool	0,90	1,07	0,80	0,98	0,43	88	0,67
Drogas e álcool	0,27	0,86	0,32	0,72	0,30	88	0,76
Total	4,78	3,91	3,10	3,42	2,15	88	0,04*

* $p < 0,05$

Supervisão e Envolvimento Parental - Foram construídos dois itens relativos à supervisão e ao envolvimento parental. Quanto ao nível de envolvimento utilizámos o indicador “Entende-se bem contigo?”, relativamente ao pai e à mãe. Para avaliar a supervisão parental foram utilizados os indicadores “Sabe onde andas quando saís de casa?” e “Sabe com quem andas quando saís de casa?”, de igual modo relativos ao pai e à mãe. A consistência interna em ambos os indicadores é boa

(supervisão parental (com $\alpha = 0,86$) e do envolvimento parental (com $\alpha = 0,87$).

Pela análise da tabela 3, verificamos que há uma correlação negativa significativa, entre a supervisão parental e a manifestação de comportamentos desviantes. No que se refere ao total dos comportamentos transgressivos e danos, verifica-se uma correlação muito significativa negativa com o envolvimento parental destes jovens e os seus progenitores.

Tabela 3: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função da supervisão parental e do envolvimento parental

Comportamentos Transgressivos	Supervisão Parental		Envolvimento Parental	
	r	P	r	P
Desviantes	- 0,24*	0,02	- 0,13	0,21
Danos	0,01	0,92	- 0,37 **	0,00
Propriedade	- 0,03	0,77	0,06	0,58
Violento	0,01	0,92	- 0,03	0,80
Álcool	- 0,16	0,14	- 0,07	0,54
Drogas e álcool	- 0,16	0,13	- 0,02	0,87
Total	- 0,12	0,27	- 0,22 *	0,04

* Correlação significativa ao nível de 0,05

** Correlação significativa ao nível de 0,01

Competências pró-sociais - As competências pró-sociais são medidas através de indicadores de auto-controle e auto-percepção.

Para o autocontrole, utilizámos os indicadores “Quando te zangas bates nos outros?”, “Quando te zangas fazes birras, atiras ou partes coisas?” e “Quando te zangas achas que tens sempre razão?”, a consistência interna deste indicador é

aceitável com $\alpha = 0,70$. De forma a avaliar a auto-percepção positiva, utilizámos os indicadores “Fazes amigos com facilidade?”, “Gostas de ti?”, “Achas que os outros gostam de ti?” e, para avaliar a auto-percepção negativa, utilizámos os indicadores “Andas sozinho na escola?”, “Tens medo de frequentar a escola?”, “És tímido?” e “Senteste-te triste?”. Estes indicadores apresentam também níveis

aceitáveis de consistência interna com $\alpha=0,63$ e com $\alpha=0,65$, respectivamente.

Quanto ao auto-controle, auto-percepção negativa e auto-percepção positiva destes jovens, destacamos,

Tabela 4: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função da supervisão parental e do envolvimento parental

Comportamentos Transgressivos	Supervisão Parental		Envolvimento Parental	
	r	P	r	P
Desviantes	- 0,24*	0,02	- 0,13	0,21
Danos	0,01	0,92	- 0,37 **	0,00
Propriedade	- 0,03	0,77	0,06	0,58
Violento	0,01	0,92	- 0,03	0,80
Álcool	- 0,16	0,14	- 0,07	0,54
Drogas e álcool	- 0,16	0,13	- 0,02	0,87
Total	- 0,12	0,27	- 0,22 *	0,04

* Correlação significativa ao nível de 0,05

** Correlação significativa ao nível de 0,01

Relação com pares - Actividades desportivas - Por sua vez, no que concerne às actividades desportivas organizadas, com outros, de forma regular, verificamos que

Tabela 5: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função da prática de actividades desportivas.

Comportamentos Transgressivos	Actividades Desportivas					T	Gl	P
	Sim		Não					
	M	Dp	M	Dp				
Desviantes	0,92	1,06	1,37	1,25	1,80	88	0,08	
Danos	1,15	1,71	0,90	1,70	0,70	88	0,49	
Propriedade	0,44	0,79	0,33	0,93	0,55	88	0,58	
Violento	0,67	1,18	0,53	0,92	0,62	88	0,54	
Álcool	0,74	1,04	0,94	1,01	0,91	88	0,37	
Drogas e álcool	0,28	0,76	0,29	0,83	0,07	88	0,94	
Total	3,92	4,02	4,08	3,60	0,19	88	0,85	

Relação com pares - Relacionamento de namoro - De um modo geral, pela análise da tabela 6, podemos dizer que se observam diferenças

Tabela 6: Diferenciação dos comportamentos transgressivos em função do relacionamento de namoro

Comportamentos Transgressivos	Namorado				T	gl	P
	Sim		Não				
	M	Dp	M	Dp			
Desviantes	1,28	1,20	1,10	1,18	0,69	88	0,49
Danos	1,18	1,87	0,88	1,56	0,82	88	0,42
Propriedade	0,33	0,70	0,42	0,99	0,51	88	0,61
Violento	0,63	1,13	0,56	0,97	0,29	88	0,77
Álcool	0,93	1,05	0,80	1,01	0,57	88	0,57
Drogas e álcool	0,33	0,76	0,26	0,83	0,38	88	0,70
Total	4,33	3,96	3,76	3,63	0,71	88	0,48

Auto-percepção escolar - Para avaliar a auto-percepção escolar, utilizámos os indicadores “Qual a tua escolaridade?”, “Já reprovaste?”, “Gostas de ir à escola?”, “Achas que é importante trabalhar a sério

unicamente, a correlação positiva entre a existência de comportamentos desviantes e a percepção positiva que têm de si mesmos, uma vez que nos restantes comportamentos não existem correlações significativas.

não há diferenças significativas entre os jovens que praticam, ou não, actividades desportivas com a manifestação dos comportamentos transgressivos.

entre os jovens que têm namorado(a) e os que não têm, não sendo estas diferenças significativas em qualquer dos tipos de comportamentos transgressivos.

na escola para ter um diploma?” e “Aprendes bem na escola?”, verificando-se uma aceitável consistência interna, com $\alpha=0,73$. Com base nos resultados apresentados na tabela 7, aferimos que há uma correlação

negativa significativa entre o total dos comportamentos transgressivos e a auto-percepção escolar dos jovens inquiridos, tendo o mesmo também sido constatado ao nível dos comportamentos violentos e do álcool.

Tabela 7: Diferenciação dos comportamentos transgressivos com o Auto-controle e Auto-Percepção Positiva e Negativa

Comportamentos Transgressivos	Auto-Controle		Percepção Negativa		Percepção Positiva	
	R	P	R	p	r	P
Desviantes	0,20	0,06	- 0,07	0,55	0,24 *	0,02
Danos	- 0,02	0,84	- 0,16	0,14	0,16	0,13
Propriedade	0,19	0,07	0,08	0,43	0,09	0,40
Violento	0,12	0,27	0,06	0,56	0,01	0,93
Álcool	- 0,02	0,88	- 0,05	0,63	0,00	1
Drogas e álcool	0,00	0,97	0,01	0,91	- 0,04	0,69
Total	0,12	0,24	- 0,07	0,52	0,17	0,11

* Correlação significativa ao nível de 0,05

Discussão de Resultados

Discussão de Resultados

Após uma análise aprofundada dos dados apurados, foi possível termos uma visão mais detalhada dos comportamentos delinquentes manifestados actualmente pelos jovens.

Assim, de uma forma sintética, a amostra era constituída por 90 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos, sendo que 71,10% tinha idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Os inquiridos eram, na sua maioria, jovens que não gostam de frequentar a escola, desvalorizando a sua importância. Esta desvalorização poderá estar fortemente associada à presença de dificuldades de aprendizagem, facto que poderá iniciar um processo de desmotivação que, conseqüentemente, aumentará o número de retenções e de situações de abandono escolar.

Em relação ao sexo, há uma predominância de rapazes (54,40%), tendo já esse facto sido observado no estudo de Agra, Teixeira, Fonseca & Quintas (1999). Os mesmos, na sua maioria, têm uma escolaridade compreendida entre o 7º e 9º ano.

No que diz respeito à questão da habitação, verificou-se que a maioria dos inquiridos vive numa casa (57,80%), considerando 64,40% destes que a manutenção da sua habitação é boa, contrariando os estudos de Ballone (2003) e Born (2005). Assim, aproveitando as referências empíricas destes últimos autores, os mesmos acrescentam que “a habitação degradada ou em zonas

No que respeita aos comportamentos desviantes, danos e propriedades, verificamos que não existe uma correlação significativa.

degradadas, insuficientes instalações sanitárias, agregados familiares numerosos e pouca salubridade podem ser, de facto, factores de risco à manifestação de comportamentos transgressivos.”

No que respeita à constituição do agregado familiar, a maioria dos inquiridos vive com os pais e irmãos, salientando-se, no entanto, o facto de 21% dos jovens inquiridos serem oriundos de famílias monoparentais – por morte ou por divórcio (Filleule, 2001).

Quanto ao número de amigos íntimos, metade dos jovens inquiridos referem que em média têm cinco ou mais amigos. Note-se que é nestas idades que a escola se define como um local de excelência para a constituição de grupos de pares, cruciais para a transmissão de valores e interesses múltiplos que, tal como já citado por Simões (2007) a formação de grupos poderá ser designada por “*subcultura juvenil*”. De igual acordo emergem as teorias da aprendizagem social, ao defenderem a “*influência do grupo sobre os jovens, mostrando que a conformidade jovem/grupo, condiciona determinados comportamentos, tais como: roubo, consumo de substâncias, abandono escolar, etc., de acordo com processos de aprendizagem como a imitação ou a modelagem*” (Ventura, 1999).

Como principais marcos desta investigação, enunciámos que a maioria dos comportamentos transgressivos foi praticada em grupo, não tendo tido, na sua globalidade, conseqüências nefastas. Verificou-se, ainda, que 37,60% dos pais estão desempregados, bem como 60,60%

das mães. Tal como é sustentado por Born (2005), *“nas famílias dos jovens que manifestam comportamentos transgressivos, são menos as pessoas por família que trabalham e são remuneradas.”*

Salientamos que o comportamento delinquento mais manifestado pelos jovens é o consumo de álcool e drogas, com uma percentagem de 61,10%, seguido dos comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, com uma percentagem de 60,00%. Por outro lado, foi evidente que o comportamento menos frequente tem a ver com as infracções contra a propriedade, com uma percentagem de 22,20%.

No que se refere à média de idade de início do total dos comportamentos transgressivos, esta situa-se nos 14,44 anos, faixa etária característica de um processo de desenvolvimento do ciclo vital – a adolescência. Esta questão da idade de início dos comportamentos transgressivos, *“enquadra-se num tipo de delinquência, mais especificamente na delinquência transitória, que se traduz nos comportamentos disruptivos próprios da adolescência, com todos os seus excessos, a procura de identidade e de afirmação e a falta de consciência dos limites, e que tende a desaparecer no início da fase adulta”* (Moffitt, 1993).

No presente estudo, ao nível da corroboração das hipóteses de pesquisa, constatámos que os rapazes apresentam no total mais comportamentos transgressivos do que as raparigas, nomeadamente ao nível dos comportamentos violentos, tal como no estudo de Loeber e Loeber (1998). Por último, há que frisar a inexistência de uma diferença significativa de médias entre os sexos nos restantes domínios de conduta.

Por sua vez, no que se refere à hipótese 2, verificámos que há uma correlação negativa significativa entre a supervisão parental e a manifestação de comportamentos desviantes.

No que diz respeito ao total dos comportamentos transgressivos e danos, verifica-se uma correlação negativa muito significativa com o envolvimento parental destes jovens e os seus progenitores. Deste modo podemos referir que os jovens que manifestam comportamentos transgressivos, demonstram não terem muito envolvimento com os progenitores, não recorrendo a estes para a resolução dos

problemas e para o estabelecimento de uma relação empática. Neste sentido, parece inevitável corroborar a opinião de Filleule (2001) ao enunciar que *“o lar dos delinquentes é pouco atraente, praticam-se ali mais condutas imorais e menos actividades recreativas, e por, último a disciplina, a supervisão parental é quase inexistente”* (Filleule, 2001). *“O estilo de disciplina é frequentemente brando, hipersevero ou errático”* (Born, 2005). *Quando os pais castigam utilizam frequentemente o castigo físico e, menos a chamada à razão* (Born, 2005).

Concluindo, *“a diminuição da supervisão e envolvimento parentais propiciam padrões de funcionamento familiar perturbados, da carência económica, da parentalidade precoce, dos elevados níveis de stress, dos défices de apoio social, da monoparentalidade e da violência conjugal”* (Rodrigues & Machado, 1999).

No que concerne à hipótese 3, referente às competências pró-sociais (autocontrolo, auto-percepção positiva e auto-percepção negativa), destacamos a correlação positiva existente entre os jovens que apresentam comportamentos desviantes, com a percepção positiva que têm de si mesmos.

No entanto a aceitação desta hipótese é viável, visto que estes jovens gostam de si, o que facilita a percepção de que os outros gostam deles, o que aumenta a capacidade para fazerem amigos.

A hipótese 3 foi confirmada apenas no que se refere à auto-percepção positiva, sendo que não foi confirmada para o autocontrolo e auto-percepção negativa.

Esta conclusão vem contrariar o que é referido por Born (2005) que nos refere que *“o delinquento apresenta um défice em competências pró-sociais, não tem em consideração as necessidades dos outros, ignorando o facto de o seu comportamento poder prejudicar os outros, revela dificuldades na resolução de problemas, em aprender com a experiência, tudo isto resultado da fragmentação expressa na co-existência de crenças antagónicas acerca da mesma coisa que se anulam mutuamente”*.

Na hipótese 4, pretendíamos verificar se a ocupação dos tempos livres com actividades desportivas organizadas (com outros e de forma regular)

influenciava a manifestação de comportamentos transgressivos. Tendo-se verificado a inexistência de diferenças significativas entre os jovens que praticam e não praticam actividades desportivas, com a manifestação de comportamentos transgressivos.

Assim, contrariamente ao estudo de Simões (2007), este tipo de “sociabilidades, nomeadamente a participação em actividades desportivas, estruturam-se a partir do espaço de lazer, que pode coexistir no próprio espaço escolar, mas que se estende para além dele (Simões, 2007). A importância do lazer na vida dos jovens, como espaço compensador ou mesmo alternativo à constituição e desenvolvimento da própria identidade, pode constituir em si mesma uma desautorização das orientações escolares mais convencionais e, por conseguinte, diminuir a influência e o controlo que a própria escola pode exercer” (Simões, 2007).

No que se refere à hipótese 5, enquadrada no âmbito da relação com os pares, especificamente no facto destes jovens terem, ou não, namorado, não existiu comprovação. Podemos então afirmar que não são observadas diferenças significativas quanto à manifestação de comportamentos transgressivos nos jovens que têm namorado(a) e os que não têm.

No que concerne à sexta e última hipótese – à auto-percepção escolar - aferimos que há uma correlação negativa significativa entre todos os comportamentos transgressivos e a auto-percepção escolar dos jovens inquiridos, sendo que o mesmo também é constatado ao nível dos comportamentos violentos e do álcool.

No que respeita aos comportamentos desviantes, danos e propriedades, verificámos que não existe uma correlação significativa, pelo que poder-se-á aceitar a sua confirmação.

Segundo Born (2005) “os comportamentos transgressivos, aparecem associados ao temperamento e à personalidade, e são marcados por diversas síndromes, nomeadamente de hiperactividade, défice das funções de autocontrolo, existindo, com muita frequência, problemas de aprendizagem, insucesso escolar assim como uma acumulação de défices de vinculação nas

relações, em primeiro lugar com os pais, depois com os outros adultos.”

Cumulativamente, a maioria dos comportamentos foi perpetrada com colegas, justificado pelo facto de os “pares de delinquentes reforçarem as actividades marginais.” (Born, 2005). O mesmo autor defende que “a persistência é marcada durante muito tempo após a adolescência numa carreira criminal” e que “existe uma interacção entre traços pessoais e factores ambientais, desde a infância, e ao longo de toda a vida adolescente e adulta, que ajudam a manter a actividade delincente.” (Born, 2005).

Em síntese conclusiva, fica claro que a dimensão da Delinquência Juvenil assume uma esfera multifactorial e, simultaneamente, complexa na sua articulação e resolução – do ponto de vista judicial, da dinâmica familiar e auto-controle emocional a um nível de prestação de apoio psicoterapêutico.

Assim, numa fase inicial dever-se-á partir de uma atitude de compreensão, indo ao encontro dos pressupostos defendidos por Benavente (2002) que refere que – “os comportamentos delinquentes são considerados, ou deverão ser considerados, normais nos jovens, uma vez que estão relacionados com a tentativa de resolução de conflitos e de aquisição de novas formas de socialização”.

Conclusão Final

Após a realização do presente estudo, pudemos concluir que os comportamentos delinquentes são considerados, ou deverão ser considerados, normais nos jovens, uma vez que estão relacionados com a “tentativa de resolução de conflitos e de aquisição de novas formas de socialização” (Benavente, 2002), podendo mesmo ser considerados como algo “inevitável, ou mesmo necessário para o desenvolvimento, para o crescimento e para o processo de aquisição de novas formas de socialização(...)” (Aguilar, Sroufe, Egeland e Carlson, 2000).

No presente estudo constatámos que a média de idade de início, do total dos comportamentos transgressivos ronda os 14,44 anos, enquadrando-se, segundo Moffitt (1993), “num tipo de delinquência transitória, que se traduz nos comportamentos disruptivos próprios da adolescência, com todos os seus excessos, a procura de identidade e de afirmação e a

falta de consciência dos limites, e que tende a desaparecer no início da fase adulta”.

No presente estudo, verificámos que o comportamento delinquente mais recorrente nos jovens é o consumo de álcool e drogas, com uma percentagem de 61,10%, seguido dos comportamentos desviantes, considerados na literatura como delitos típicos da juventude, com uma percentagem de 60,00%, sendo que a maioria dos comportamentos transgressivos foi praticada em grupo, não tendo havido, na maior parte dos casos, lugar a consequências

Assim, no presente estudo, obtivemos as seguintes conclusões:

- o sexo é determinante e influencia o tipo de comportamento delinquente: verificámos que os rapazes apresentam mais comportamentos transgressivos do que as raparigas, tal como no estudo de Loeber & Loeber (1998), tendo, desta forma, confirmado a hipótese um;

- o envolvimento e a supervisão parental são determinantes na manifestação dos comportamentos transgressivos, particularmente evidente através de uma correlação negativa significativa entre os comportamentos desviantes e a supervisão parental. No que respeita ao envolvimento parental há também relações significativas negativas com o total de comportamentos transgressivos e, especialmente com os danos. Assim, confirma-se, parcialmente a hipótese dois;

- as competências pró-sociais (autocontrolo, auto-percepção positiva e negativa), não se afiguram como determinantes na manifestação dos comportamentos no total e na maior parte dos seus domínios. Destacámos, contudo a correlação positiva significativa existente nos jovens que apresentam comportamentos desviantes, com a percepção positiva que têm de si. Deste modo, no geral a hipótese três não é confirmada;

- a ocupação dos tempos livres dos jovens, com pares, em actividades desportivas organizadas (com outros e de forma regular), não é determinante para a diminuição dos comportamentos transgressivos, uma vez que não há diferenças significativas entre os jovens na prática de actividades desportivas, infirmo a hipótese quatro;

- a relação com pares, medida pelo facto de terem ou não namorado, não revela

diferenças significativas face a qualquer tipo de comportamento, infirmo a hipótese cinco;

- a auto percepção escolar positiva é determinante na manifestação dos comportamentos transgressivos: aferimos que há uma correlação negativa significativa entre todos os comportamentos transgressivos e a auto-percepção escolar, o mesmo também se constatando ao nível dos comportamentos violentos e do álcool. Deste modo, vemos a sexta hipótese confirmada.

Por fim, em guisa de conclusão, gostaria de referir a minha experiência de sete anos, como coordenadora pedagógica da Associação Para a Promoção das Classes Sociais Menos Favorecidas - Paços 2000, que me fez perceber que, na maior parte dos casos, a intervenção que apenas se centra no jovem é manifestamente insuficiente.

Devemos, por esta razão e por forma a inverter a situação, adoptar políticas de promoção social para os jovens, políticas de planeamento familiar, evitando gravidezes precoces, implementar medidas de acompanhamento e treino de competências parentais e despiste precoce das crianças com problemas mais graves e de situações de famílias multi-problemáticas (pais negligentes, anti-sociais, ou consumidores de substâncias).

Finalmente, temos consciência de que uma intervenção eficaz só será possível se tiver na sua génese a prevenção e a intervenção precoce em famílias de risco. Estas deverão ser postas em prática através de estratégias baseadas no desenvolvimento de competências sociais, resolução de problemas, auto-controlo, regulação emocional e raciocínio moral, sobretudo ao nível dos jovens, e a adopção de práticas de disciplina mais positivas e menos punitivas, estratégias de promoção da comunicação na família e de um envolvimento positivo com os jovens, bem como estratégias de promoção de práticas de supervisão ao nível da seio familiar.

Referências Bibliográficas

Agra, C., Teixeira, J. M., Fonseca, E. & Quintas, J. (1999). *Crime e Delinquência Auto-revelada*. Porto: Observatório Permanente de Segurança.

Aguilar, B., Sroufe, A., Egeland, B., & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behavior types: from birth

- to 16 years. *Development and Psychopathology*, 12, 109-132.
- American Psychiatric Association. (1987). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 3rd edition, revised (DSM-III-R). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *Adolescence et Psychopathologie* (5ª Ed.). França: Masson
- Ballone, G. (2003). Transtornos de Conduta. Retirado no dia 2 de Março de 2009 em <http://www.psiqweb.med.br/infantil/conducta.html>.
- Benavente, R. (2002). Análise Psicológica. Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4(XX), 637-645.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Climepsi Editores. Lisboa.
- Brian, S. & Piliavin, I. (1965). Delinquency situational inducements and commitment to conformity. *Social Problems*. Retirado no dia 10 de Janeiro de 2010 em <http://www.ucpressjournals.com/>.
- Chamboredon, J. (1997). La délinquance juvénile, essai de construction d'objet. *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure*, 29, 335-377.
- Cervo, A. L. & Bervian, P. A. (1981). *Metodologia Científica* (2ªed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Costa, J. (1999). *Delinquência juvenil. Que política?* Actas do Congresso Crimes Ibéricos. Universidade do Minho.
- Curson, M. (1990). *Le contrôle social du crime*. Paris, PUF.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Instituto Piaget.
- Digneff, F. (1989). *Ethique et délinquance*. Genève: Editions Médecine et Hygiène.
- Fernandes, A. J. (1994). *Métodos e Regras para a Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, P. (1997). Delinquência Juvenil, família e escola. *Análise Social*, 32(4-5), 913-924.
- Filleule, R. (2001). *Sociologie de la délinquance*. Paris, PUF.
- Formiga, N. (2009). Simetria Normativa da Conduta delinquente em Jovens. Retirado no dia 11 de Janeiro de 2010 em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0253.pdf>.
- Fréchette, M. & Blanc, M. (1987). *Delinquences et délinquantes*. Chicoutimi, Gaëan Morin.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Kammerer, P. (1992). *Delinquance et narcissisme à l'adolescence*. Paris: Collection Païdos/Adolescence.
- Laranjeira, C. (2007). A Análise Psicossocial do Jovem Delinquente: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 221-227.
- Loeber, R. & Loeler, M. (1998). Development of Juvenile aggression and violence: some common misconceptions and controversies. *American Psychologist*, 53(2), 242-259.
- Marques, M. (1995). Adolescência e transgressão: entre a transgressão dos limites e os limites da transgressão. *Congresso: Os Jovens e a Justiça*. Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Matos, A. (1978). Notas sobre a delinquência Juvenil. *Revistas Jornal Médico e Médico*.
- Moffit, T. (1993). Adolescent – limited and life – course persistent antisocial behavior: A development taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701
- Pigeon, D. (1982). *La délinquance juvénile stigmatisée*. Genève: Université de Genève.
- Pizam, A. (1994). Planning a Tourism Research Investigation. In Ritchie, J. R. & Goeldner, C. R. (eds).
- Pólvora, F. (1986). *Tratamento psicoterápico da delinquência juvenil. III Jornadas de Psiquiatria S. João de Deus*. Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- Quivy, Raymond, Luc Van & Campenhoudt (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rae-Grant, N., McConville, B., Kenned, J., Vaug, W., & Steiner, H. (1999). Violent behavior in children and youth: preventive intervention from a psychiatric perspective. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 38(3), 235-241.
- Robert, P. & Outrive, L. (1993). *Crime et Justice en Europe: État des recherches, évaluation et recommandations*. Paris: L'Harmattan.
- Simões, M. (2007). *Comportamentos de Risco na Adolescência*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sprinthall, N. & Collins, W. (2008).

Psicologia do Adolescente – uma abordagem desenvolvimentista. Fundação Calouste Gulbenkian.

Rodrigues, M., & Machado, C. (1999). Perfis sócio-familiares e risco de delinquência. *Actas do Congresso Crimes Ibéricos*. Braga: Universidade do Minho.

Rutter, M. (2000). Psychosocial influences: critiques, findings and research needs. *Development and Psychopathology*, 12(3), 375-405.

Souza, M., Soldatelli, M. & Lopes, A. (1997). Psicodinamismo familiar de crianças agressivas. *Anais do I Congresso de Psicologia Clínica do Mackenzie*.

Ventura, J. (1999). Nascer e não ter sorte... Ser jovem, deserdado e delinquente... *Actas do Congresso Crimes Ibéricos*. Universidade do Minho.

Veríssimo, M. (1990). A Psicologia Comunitária e o sistema judicial: uma nova forma de olhar e intervir sobre a delinquência. *Análise Psicológica*, 8 (2), 203-209.